LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. MÁRTIRES DA LIBERDADE, 12
PORTO — TELEFONE, 25988

RB183,075

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

2 vols
150.

GALERIA

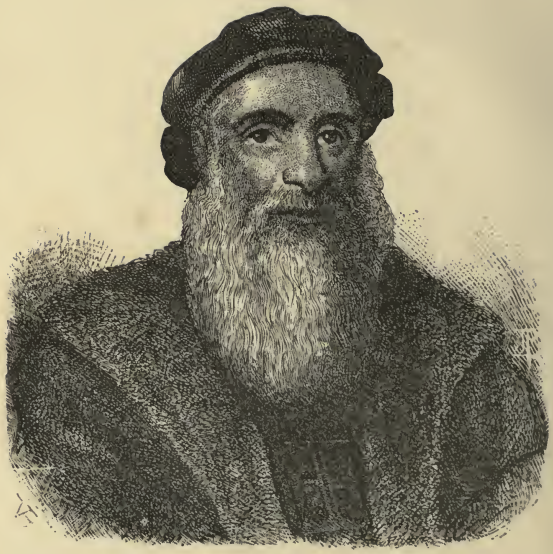
DE

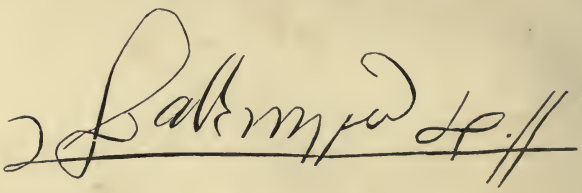
VARÕES ILLUSTRES

DE PORTUGAL

—

N.º 2





VASCO DA GAMA

GALERIA

DE

VARÕES ILLUSTRES

DE PORTUGAL

POR

J. M. LATINO COELHO

N.º 2

VASCO DA GAMA

PRIMEIRA PARTE

DAVID CORAZZI—EDITOR
EMPREZA—HORAS ROMANTICAS
40—Rua da Atalaya—52
LISBOA

Os direitos de propriedade d'esta obra, no Imperio do Brazil, pertencem ao ill.mo e ex.mo sr. commendador Bibiano Antonio de Moraes e Almeida, subdito brazileiro.

LISBOA — IMPRENSA NACIONAL — 1882

ADVERTENCIA PRELIMINAR

O primeiro numero da *Galeria dos varões illustres* foi consagrado, por occasião do centenario, a commemorar o genio do grande poeta, que mais do que nenhum outro portuguez contribuiu para immortalisar a gloria da nação e tornar ainda, se era possivel, mais illustre e celebrado o nome de Portugal.

O cantor dos feitos portuguezes, na primeira e mais insigne das modernas epopêas, tomára por assumpto principal o temerario descobrimento da senda maritima da India, e enlaçára com esta assombrosa empreza a historia do povo portuguez e a commemoração dos seus heroes.

Ao poeta devia seguir-se naturalmente, como fazendo pela navegação e pelas armas o que o vate celebrára nos seus cantos, o maior de quantos portuguezes illustraram pelo esforço os fastos nacionaes; ao Camões, Vasco da Gama. São estes, de feito, os luzeiros mais intensos de toda a nossa gloria. Poderão extranhos porventura ignorar os nomes de outros varões illustres e benemeritos pelas suas façanhas bellicosas ou pela sua

valia litteraria. Mas se no extenso catalogo dos que honraram a patria pelo pensamento ou pela acção, a indifferença e o esquecimento riscassem os Pachecos, os Albuquerques e os Castros entre os homens de espada vencedora, e os Sousas, os Vieiras, os Bernardes entre os homens de engenho inimitavel, ainda a mais impiedosa mordacidade não ousaria cancellar estes dois nomes,—Camões e Vasco da Gama. Ainda elles, consociados na mesma grande idéa nacional, haveriam de levar á posteridade a fama portugueza, quando no decorrer dos seculos, não restar outra memoria de que um dia, n'um recanto do Occidente, existiu e floreceu um povo de heroicos aventureiros, que a todas as nações se antecipou em traçar a communicação com o Oriente.

Camões é o genio portuguez, Vasco da Gama o brio nacional. Um é o espirito, outro a força; um o pensamento, o outro a acção; o estro e a audacia. Um liga a litteratura de Portugal á do restante mundo civilisado, o outro prende e enlaça intimamente os fados gloriosos da nação aos futuros destinos da humanidade.

Por isso o segundo logar da *Galeria,* — segundo no tempo, egual na honra, — pertence agora ao immortal descobridor.

Era intenção do auctor resumir e compendiar n'um só volume a vida do grande navegador. Mas os feitos, de que ella se entretece e o merito singular da sua empreza, ficariam talvez menos perfeitamente comprehendidos se não a precedesse um estudo consagrado a explanar os seus antecedentes, o progresso das nossas navegações desde as primeiras tentativas do infante D. Henrique, e os esforços empenhados antes dos nossos mareantes, nos tempos mais antigos e durante a edade média, para domesticar o Oceano rebelde a quilhas aventureiras, para circumnavegar a costa de Africa e communicar por terrestres excursões ou maritimas emprezas as terras do Occidente ás regiões orientaes.

Egualmente convinha elucidar quaes eram na Europa nos tempos medievos as noções mais correntes e seguidas sobre o conhecimento do nosso globo, para que em presença dos erros e phantasias então enraizadas e predo-

minantes nos espiritos de quilates mais subidos, se podesse ajuizar em que proveitos para a civilisação e para a sciencia haviam redundado as nossas trabalhosas e incessantes navegações, proseguidas no espaço de quasi um inteiro seculo.

E tambem aquelles prolegómenos pareciam necessarios para que os portuguezes, satisfazendo-se e contentando-se da gloria immortal e verdadeira, não quizessem ainda mais avolumar os proprios loiros, escurecendo e deslustrando o que antes d'elles podessem outros menos arrojados e felizes haver emprehendido e acabado.

Era a principio contraído a breves paginas um tal preambulo ou introducção. Mas como succede sempre em largo assumpto, em que é preciso ler e conferir muitos escriptos e fazer ampla colheita de notas e apontamentos, foi crescendo, ainda que abreviada, a tamanhas proporções, que não cabia com a biographia do Gama n'um só tomo, sem que este fosse de volume desmesurado.

Pela copia de noticias, que se haviam accumulado no

preambulo, e poderiam interessar aos que ainda prezam a memoria das nossas passadas aventuras e grandezas, pareceu ao editor ser mais conveniente fazer d'estas noções preparatorias um tomo separado, e repartir em dois um thema, que a principio o auctor se propozera conglobar n'um livro unico. Assim o estudo ácerca do illustre navegador consta de duas partes; a primeira commemora *Os Precursores de Vasco da Gama;* a segunda historía os seus feitos guerreiros e navaes nas suas tres viagens. D'esta maneira o leitor achará summariadas as principaes noções sobre a circumnavegação da Africa e a communicação com o Oriente desde os mais antigos tempos até que no vice-reinado, em que Vasco da Gama termina com a existencia os seus triumphos, está já diffundido e cimentado no Oriente o imperio portuguez.

A memoria d'esta heroica fundação servirá ao menos de consolar os que hoje contemplam e lastimam a que ponto deixámos abater os nossos brios e perder quasi inteiramente o theatro das mais brilhantes glorias.

OS PRECURSORES

DE

VASCO DA GAMA

CAPITULO I

O SECULO XV

> Ce temps est . . . celui de la plus grande activité extérieure des hommes, c'est un temps de voyages, d'entreprises, de découvertes, d'inventions de tous genres. C'est le temps des grandes expéditions des Portugais le long des côtes d'Afrique, de la découverte du passage du cap de Bonne Espérance par Vasco de Gama.
>
> GUIZOT, *Hist. de la civilisation en Europe,* XI leçon.

Quando as sombras da edade média começavam de tingir-se com os primeiros arreboes do Renascimento, duas inspirações e dois anceios agitavam o espirito europeu, já porventura fatigado da sua vida interior e domestica, já presago da multiforme e dilatada civilisação, que ao pleno despertar da intelligencia haveria de con-

verter a velha Europa em luzeiro de toda a humanidade e em soberana região do globo inteiro. Anhelava por saír da gleba conhecida e da propria quadra em que vivia. Era como que uma forçosa necessidade do seu novo organismo espiritual o romper as fronteiras, que a cingiam, e arremeçar-se aventureira pelo espaço e pelo tempo, inquirindo e prescrutando as paragens mais remotas e as eras já passadas. O problema, que lhe incendêra a phantasia e a rasão, era o de conhecer e contemplar o genero humano em toda a sua completa evolução e unidade, ligando o preterito com o presente, e o de alargar os lindes geographicos, vinculando á terra conhecida ignotas ou mal sonhadas regiões.

Não estivera de todo amortecida durante os seculos medievos a curiosidade nos espiritos mais lucidos e nos engenhos de eleição. Quando as trevas da barbarie primitiva se foram adelgaçando, os grandes monumentos do pensar antigo e classico se íam deixando entrever e admirar, envoltos em neblina de vago mysticismo. Atou-se, como era dado em tempos tão escassos, a tradição das grandiosas civilisações, que tinham meneado antigamente o sceptro do universo. Deletreou-se nos gregos e romanos escri-

ptores o que haviam registrado em suas obras ácerca da terra e da natureza, vagamente delineada e conhecida. Floreceram, a uma parte, as escolas, onde espiritos de quilates tão subidos, como Roger Bacon, e S. Thomás, e Alberto Magno, e Vicente Bellovacense, e Brunetto Latini, enlaçavam as doutrinas da antiguidade ás suas proprias phantasias. Principiavam, a outra parte, as viagens e aventuras áquellas longinquas e cubiçadas regiões, de que os antigos haviam deixado o rasto nebuloso em seus escriptos. Temerarios aventureiros, como o veneziano Marco Polo, o inglez João de Mandeville, o francez Guilherme de Rubruquis, haviam já levantado uma ponta sequer do espesso véu, que trazia encobertas e defesas á curiosidade egoista de europeus aquellas terras, as quaes a imaginação se comprazia em debuxar e colorir de mil encantadas maravilhas.

Os laços porém, que vinculavam ao mundo conhecido as terras orientaes e africanas, eram ainda tão frouxos, tão incertos, tão entretecidos de fabula e conjectura, que até o fecundo alvorecer do Renascimento se podia haver como perdida para o saber e o commercio dos europeus a maxima porção do globo inteiro.

As terrestres e raras excursões, que poucos viajantes curiosos haviam emprehendido, chegando alguns, como Marco Polo, até os ultimos confins do Oriente, eram emprezas isoladas sem nexo, nem systema. Ficariam totalmente infructuosas, se por outros caminhos mais asados e com maior perseverança e successão os ousados navegantes do Occidente não houvessem traçado com a prôa das suas caravellas e baixeis, por mares virgens de lenho e ferteis em tormentas, a estrada real á nova e prodigiosa communicação dos povos mais distantes e ás rapidas conquistas da sciencia.

Durante a edade média, se fizermos excepção d'este ephemero delirio das cruzadas, a Europa vivêra adormecida para toda a inquirição experimental ácerca da natureza e das terras, que demoravam para alem dos seus limites estreitissimos. Quando os primeiros clarões da antiguidade começaram de novo a divisar-se por entre frinchas mal abertas, quando os sabios e pensadores poderam ter á mão, incorrectos e mal interpretados, os monumentos da sciencia greco-romana, o espirito da Europa julgou que mais nada podia caber no engenho humano, senão o que os antigos haviam legado em seus thesouros

de sciencia e erudição. A natureza parecia que fielmente se espelhava nos tratados de Aristoteles. A cosmographia estava irrevogavelmente delineada nos dictames de Hipparcho e Ptolemeu. A medicina estava soberana e indefectivelmente legislada nas obras de Galeno e nos arabes commentadores, cujo principado coubera a Avicena. O universo tivera como que a segunda creação no espirito omnividente do grande stagirita. A terra, com os seus mares e continentes e archipelagos, recebêra a sua fórma e a sua repartição pelo dictado irrefragavel dos geographos alexandrinos. O mesmo dogmatico despotismo, que trazia encadeados os animos na esphera espiritual, tolhendo ou encurtando o vôo aos pensadores menos submissos ao jugo da tradição, imperava geralmente, enleiando o entendimento e a rasão nos dominios do saber. Os assertos de Ptolemeu ou de Aristoteles tinham na sciencia e na cosmographia tão inconcussa auctoridade, como nas doutrinas theologicas os textos da escriptura, as sentenças dos santos padres e as decisões da egreja universal. A fé em certa maneira se humanisava nas escolas e na fórma de theologia convertia-se em sciencia philosophica. A sciencia, por um processo con-

traposto, por assim dizer, divinisava-se, e sob o fanatismo aristotelico, transmudava-se em fé religiosa. O que o mestre definíra passava por lei inquebrantavel. A sciencia fatigava-se e consumia-se a glosar, a inquirir e não raro a desfigurar por subtis, engenhosas, mas estereis commentações o venerando texto da antiguidade. Era então a elaboração intellectual da edade média como se fôra uma perpetua ruminação, uma segunda digestão em novo estomago, como de faminto dromedario, que em meio de arenosa e sêcca plaga, sem uma fibra sequer da planta mais rasteira, está enganando a fome, que o devora.

Alguns espiritos, que se arremeçavam com mais brioso impeto ás paragens nevoentas do futuro, ousavam algumas vezes deixar a trilha habitual, e emancipando-se do tyrannico jugo dos antigos, mal interpretados e entendidos, podiam rastrear que fóra dos tratados de Aristoteles havia a natureza genial, verdadeira, inexhaurivel, e alem das tábuas geographicas de Ptolemeu uma terra mui differente da que elle phantasiára e descrevêra. Roger Bacon é porventura em todo este crepusculo matinal da intelligencia, que appellidâmos edade média,

quem mais alto voejou acima dos erros consagrados. Estava porém guardada para seculos mais lucidos e mais perscrutadores o trocar os dogmas canonisados da antiga sciencia e geographia pelo conhecimento experimental, pela directa interrogação da natureza, e pela condemnação das erroneas tradições, que trouxeram por longos tempos algemada a sciencia e a rasão da humanidade.

O seculo XV constitue a passagem progressiva dos tempos medievos para a nova edade na Europa civilisada. É a quadra, em que a europêa christandade, depois de lastimosas convulsões, tem chegado á adolescencia e maturação, despindo lentamente a cortiça da barbarie. Estão já constituidas em grande parte as modernas unidades nacionaes pela victoria dos imperantes contra a anarchia social do feudalismo. Desapparece para sempre, como quem é já de mais no organismo da christandade, o caduco imperio do Oriente, a extrema e degenerada reliquia da antiga sociedade greco-romana. E para contrapesar a irrupção dos musulmanos nas extremas orientaes da Europa com as hordas invasoras de Mahomet II, deixam de brilhar pouco depois, ao sol brilhante

das Hespanhas, os crescentes, outr'ora triumphaes e conquistadores, nos minaretes e nas mesquitas de Granada.

Este seculo XV representa para com o seguinte, que é a culminação da Renascença, a mesma funcção admiravel, que na evolução da humanidade competiu ao XVIII seculo, como portada e frontespicio da edade nossa contemporanea. Foram ambos assignalados por larga e profunda elaboração, como que trabalhoso noviciado e preparação para os brilhantes estados sociaes, que vieram distinguir as edades subsequentes. Assim como Watt e a primeira machina de vapor applicavel aos usos industriaes foram os gloriosos precursores da prodigiosa civilisação do seculo presente, assim tambem a fecunda invenção de Fust e Guttemberg prenunciam a nova epocha das sciencias e das letras no esplendido florir da Renascença.

A Europa sente no XV seculo que mais altos destinos, que os da vida quieta e remansada, a estão appellidando para novas e grandissimas emprezas. Não lhe podem já bastar á nervosa actividade as guerras interiores e as contenções domesticas sem fructo e sem valor. Pressente que uma nova transformação, vagamente sus-

peitada, é já agora necessaria ao seu viver. É do Norte que desponta, com a imprensa, a primeira e grandiosa innovação, o instrumento precioso da cultura intellectual. Pois, ao contrario, será das terras europêas do Meio-dia e Occidente que ha de brotar e florecer outra rama não menos inesperada da civilisação universal. Descobre Guttemberg o apparelho, em que se corporifica e perpetúa o pensamento. Mas é em Portugal que hão de nascer as mais assombrosas maravilhas, que o prelo e os typos moveis hão de escrever e recontar.

CAPITULO II

O TEMPO DOS GRANDES DESCOBRIMENTOS

> Buscas o incerto e incognito perigo
> Porque a fama te exalte e te lisonje.
> Chamando-te senhor com larga copia
> Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia.
> CAMÕES, *Lusiad.*, IV, 101.

Por uma singular contradicção e paradoxo é o homem, quando chegado a um grau já eminente de progresso, de sua natureza aventureiro, quasi nómada como no primeiro alvorecer de agreste vida social. Apenas as gentes, que demoram n'um infimo estadio de cultura, achegadas na condição e nos costumes á bruteza de silvestres animaes, se contentam de vagar pelas terras do seu berço, contrahindo as vistas incuriosas a breves horizontes e cifrando em poucas leguas de contorno todo o seu mundo conhecido. Em todos os tempos e logares, em que houve uns principios já crescentes de cultura, a migração é lei e natureza dos povos adolescentes. Parece estreita

a patria ainda aos que mais a prezam e reverenceiam. Mais se nos afiguram avantajados os penates, quando os transplantâmos a distantes regiões, onde a patria primitiva lance novas raizes e braceje rebentos mais viçosos e vergonteas mais opimas. Enlaça-se, como por instincto irresistivel, a uma civilisação adiantada este anceio insaciavel por dilatar os confins da terra, onde nasceu. É como se disseramos a aspiração porventura inconsciente para este venturoso cosmopolitismo, em que o homem seja a final o cidadão e o cultor da terra inteira, e em que para um só globo, tornado em patrimonio universal e em lar commum, haja tambem uma só humanidade, uma só grei. D'ahi procedem as colonisações e as conquistas, d'ahi estas correntes ora impetuosas, ora lentas, que desde a mais remota antiguidade tem vindo sem cessar sulcando a terra, transplantando com as tribus e os povos mais diversos, as instituições, os costumes, as industrias, as idéas, os mythos, as religiões. Á migração poderamos chamar-lhe a circulação da humanidade. Sem ella, o progresso, que é a vida das nações, ficaria inerte, infecundo, immobilisado. Assim tambem os ventos, as borrascas, as correntes, que revolvem em ondas empoladas e em temerosos escarcéus a face

do Oceano, quando parece que perturbam a branda quietação e o manso dormitar da natureza, estão fazendo o seu officio beneficente e assegurando á terra madre a sua perpetua juventude e a sua inexhausta fecundidade. Do instincto natural da migração procederam na antiguidade as famosas expedições de assyrios e de persas, de macedonios e romanos. D'elle nasceram, depois de implantado o christianismo, as irrupções dos barbaros septentrionaes, que transfundiram novo sangue no anemico imperio do Occidente, já decrepito. D'ahi tiveram a sua origem as cruentas expedições dos musulmanos, que hasteando o pendão de um novo credo, enthusiasta, ardente, exclusivo, dilataram as suas conquistas desde as plagas meridionaes da Hespanha e da Sicilia até aos extremos confins da India oriental. D'ahi se originou aquelle tumultuoso movimento das cruzadas, em que a Europa christã se foi arremessar contra o Levante, em demanda dos sagrados logares, incunabulo e metropole da fé. D'ahi vieram aquellas torrentes de barbaros indomitos, que ao mando de Tamur-Lan e Gengis-Khan revolveram a Asia, destruindo as antigas monarchias e fundando novas dominações.

De todas as antigas expedições, se houvermos de exceptuar as de Alexandre, nenhum ou escasso fructo redundou á geral civilisação, ao conhecimento de ignotas regiões, e ao trato reciproco e duradouro das gentes mais remotas e alheias entre si. Das emprezas europêas, depois de estabelecida e firmada a christandade, alguma luz se derivou, com que foi dado entrever, como se fôra do atrio e da portada, as magnificencias asiaticas. Mas quietado que foi aquelle sublime devaneio, a Europa tinha caído novamente na sua indolencia habitual, remittindo com as guerras intestinas e as mutuas contendas fratricidas a aspiração, nunca de todo o ponto amortecida, para novos e extranhos descobrimentos.

Os caminhos terrestres eram durante a edade média e ao alvorecer da Renascença, tão longos, tão difficeis, tão asados a mil insuperaveis contratempos, que não convidavam a longinquas expedições. O commercio e communicação dos povos europeus eram naturalmente limitados e tardios. Não havia ainda então nações maritimas, que sustentassem grossas armadas no Oceano e aventurassem as galés aos lances e aos perigos de largas navegações. A Inglaterra, cujas frotas

avassallam hoje os mares e andam continuamente circumdando o globo com uma cinta de ferro e de vapor, convertia o esforço e a cubiça ás guerras diuturnas contra a França, ou ás contenções sangrentas e ferozes entre as facções implacaveis de York e de Lancaster.

Sómente do reinado de Henrique V, ao findar o primeiro quartel do seculo XV, data a regular e pautada constituição d'esta poderosa força naval, que fez depois surgir dos mares e das tormentas o imperio e a pujança da Inglaterra. Era ainda como em debil embryão este poder, que ora vemos assombrando com as suas cidadellas fluctuantes e com as suas gigantes machinas de guerra todos os rincões do globo, onde ha povos que submetter, e mares que navegar, e riquezas que fruir.

A França, trabalhada pela guerra, empenhada em defender ou reconquistar o territorio contra a ambição perseverante dos seus irrequietos vizinhos inglezes, dilacerada pelas cruentas luctas civis das suas facções, convellida pelas temerosas insurreições da *jacquerie* e dos *maillotins*, mal podia estender as suas vistas alem da terra patria, cruelmente assoberbada por quantos lastimosos infortunios podem abrumar uma nação

e pôl-a a pique da sua ultima catastrophe. A marinha franceza estava ainda apenas em começo. Eram em grande parte as republicas mercantes e maritimas da Italia, — Veneza, Pisa, Genova, — quem nas mais urgentes aperturas ministravam ás dynastias de Capeto e de Valois os baixeis, com que prover ás suas curtas expedições.

O sacro imperio de Allemanha, esta anarchica e mal connexa oligarchia de principes e eleitores seculares e ecclesiasticos, mal podia então pensar em diffundir para longe da Europa continental os bellicosos brios, que mais tarde, sob o sceptro de Carlos V, ameaçaram os estados europeus com o prospecto da monarchia universal.

A Allemanha, que ainda hoje, apesar do seu recente poderio, não alcançou tornar-se uma potencia naval de primeira ordem, era no seculo XV apenas celebrada, nos fastos maritimos do mundo, pelas emprezas propriamente mercantis, que assignalavam a poderosa confederação das cidades litoraes, a *Liga anseatica,* ou a *Ansa teutonica.*

Estavam por estes tempos concluidas as emprezas navaes e as correrias devastadoras dos *wikings,* d'estes ousados e guerreiros navegado-

res da Scandinavia, os quaes haviam infestado largos annos as costas oceanicas da França, fundado e fortalecido na antiga Neustria o ducado de Normandia, estabelecido em Napoles e na Sicilia um novo reino, senhoreado a Inglaterra, confirmado por frequentes irrupções o seu imperio nos mares septentrionaes, e dilatado as suas expedições até ás orlas maritimas da Hespanha, e porventura visitado as aguas africanas do Atlantico.

A Italia, que de toda a Europa latina era a parte mais vantajosamente avançada ao Meio-dia, contava nos seus portos do Mediterraneo e Adriatico aventurosos mareantes. Eram entre todos preexcellentes os nautas nas poderosas e arrogantes senhorias de Genova e de Veneza. Na Italia residia pelos fins da edade média o espirito da nova civilisação, que já ía raiando auspiciosa. Parecia que a terra, d'onde voára de obscuro e escasso ninho á dominação universal a aguia romana, tendo já perdido o imperio material do mundo conhecido, se queria desquitar da sua immensa perda, assumindo novamente, como em patrimonio hereditario, o primado dos espiritos. Ali estava para a fé o centro e fanal da christandade, ali para a rasão e para a arte o

cerebro da Europa. Ali principiava a restauração das letras, quasi obliteradas ou caídas na barbarie. Ali se iniciava com as republicas, tempestuosas, mas sempre varonis, a aurora da liberdade. Ali das faxas byzantinas ía saíndo a arte moderna. Ali se começava a desentranhar em preciosos artefactos a industria renascida. Ali florescia e prosperava a navegação. Mas era dentro do Mediterraneo que se exercia quasi exclusiva a energia naval italiana. Era principalmente para as ilhas e plagas do Levante, para os portos do Mar Negro e para as ribas africanas do Mediterraneo, que endireitavam as prôas cubiçosas as galés genovezas e venezianas. A guerra ou a ambição predominavam sobre o ardor cavalleiroso e pertinaz em alargar por incertas navegações os ambitos do mundo conhecido. E é notavel que volvendo Marco Polo de suas largas peregrinações ao declinar do XIII seculo, a nova de tantas e tão grandes maravilhas e opulencias, quaes tinha observado em suas jornadas, não houvesse despertado no animo de um povo navegador o energico desejo de confirmar ou corrigir por derrotas maritimas em mares desconhecidos as prodigiosas narrações do viajante veneziano.

Mais proximas e comarcans do largo Oceano, d'este *mar tenebroso* e innavegavel dos antigos, demoravam as Hespanhas. Com a Africa septentrional eram fronteiriças, mediando apenas um estreito entre estas regiões, que o odio hereditario de raça, de crença, e de costumes, inveterado no discurso de tantas guerras cruentissimas, trazia mais que nunca inimigas e apartadas.

Ao começar o seculo XV estavam as Hespanhas repartidas em cinco monarchias, das quaes tres, se não no territorio, ao menos no seu peso moral se equilibravam, constituindo um systema peninsular, inquieto, revolto, muitas vezes perturbado, porém nunca destruido pela arrogancia e predominio de uma d'ellas. Portugal, Castella e Aragão repartiam entre si a maior parte do territorio, que obedecia á lei christan. Pelas encostas meridionaes dos Pyreneus estendia-se a região peninsular da pequena monarchia de Navarra. O Islam continuava a dominar no florente e cultissimo reino de Granada. Não era a paz e a alliança duravel dos dynastas o estado habitual da christandade hispanica. Os dissidios e as guerras entre Castella e Portugal enchem em grande parte as paginas da sua historia até

ao duello, tremendo e decisivo, que deu em Aljubarrota e em Valverde a solemne confirmação á nacionalidade portugueza, apenas depois eclipsada pela ephemera dominação da casa de Austria.

CAPITULO III

PORTUGAL E AS NAÇÕES CIVILISADORAS

> Se os descobrimentos se haviam de estender para o sul e occidente do Atlantico, nenhum povo pela sua situação era para a solução d'este problema em mais favoraveis circumstancias do que os portuguezes.
>
> PESCHEL, *Hist. da geographia,* 209.

Sobresaía Portugal ás demais nações peninsulares em dois inestimaveis privilegios, que o fadavam naturalmente para tentar em proezas de naval cavallaria o senhorio do Oceano. Estava já desde muito desapressado das incursões e correrias musulmanas. Não havia já na patria um só recanto, onde se visse tremular o balsão outr'ora triumphante do propheta. Castella, pelo contrario, tinha como de casa as reliquias ainda pujantes da mourisma, como se fôra a vanguarda do Islam, estanceando ainda soberba, até que novas invasões de arabes e berbéres profanassem a gleba sagrada das Hespanhas. A de-

mais estava Portugal pelo Oceano mui vizinho das costas africanas e mais senhor de buscar em terra propria os mouros, que já agora lhe fàltavam nas fronteiras. Um illustre geographo allemão, fallando da missão historica dos portuguezes no descobrimento de novas regiões ao longo do Atlantico ao sul e ao poente, assignala n'estas palavras a preexcellencia de Portugal a este respeito: «Até então (até os primeiros descobrimentos portuguezes) os conhecimentos respectivos ás regiões do globo, por terra principalmente se haviam ampliado e quasi sempre na direcção do occaso para o oriente. Se porém tinham de estender-se ás paragens atlanticas do sul e do occidente, nenhum povo pela sua posição era mais que os portuguezes accommodado á solução d'estes problemas[1].» A paz definitiva com o reino de Castella, as forças abatidas e

[1] « Bisher hatten sich die Kenntnisse der Erdräume meistens zu Land und fast stets in der Richtung von West nach Ost erweitert. Sollten sie nach dem atlantischen Suden und Westen ausgedehnt werden, so war kein Volk durch seinen Wohnsitz zur Lösung dieser Aufgabe mehr begünstigt als die Portugiesen.» Oscar Peschel, *Geschichte der Erdkunde* (Hist. da geographia), Munich, 1865, pag. 209.

quebradas d'este inimigo habitual, a renuncia, que fizera por então das suas pretensões a arredondar para o Occidente o herdado territorio, deixavam a Portugal respiro e lazer conveniente a emprezas memoraveis e a illustres expedições.

Não era ainda Portugal tão desproporcionado como hoje em terras europêas á vastidão das grandes e poderosas monarchias. Não as havia, no estricto significado d'este nome, em principios do seculo xv. A França tinha ainda não de todo cimentados e connexos os fragmentos, de que continuou a recompol-a e solidal-a a politica sagaz e absorvente do sombrio, mas perseverante Luiz XI. O dominio da Inglaterra terminava n'aquelle tempo na fronteira do Tweed, que a separa da Escossia, então meio-barbara e silvestre, ciosa e intractavel inimiga da futura senhora do Oceano. Estavam ainda longe os dias, em que um soldado de fortuna, erigindo sobre o derrocado throno dos Stuarts a sua revolucionaria dictadura, continuando a obra nacional da implacavel mas varonil Elisabeth, fizesse da Gran-Bretanha uma potencia naval de primeira ordem, e lhe desse o primado entre os povos navegadores.

Apesar do escasso territorio portuguez, não havia porventura ao começar o seculo XV em toda a Europa uma nação, que mais se avantajasse na fama de seus honrados feitos e briosas cavallarias. A França levára longos annos para sacudir o jugo opprobrioso, a que os seus inimigos de alem da Mancha com as celebres victorias de Crécy, Poitiers e Azincourt a tinham condemnado.

Desde Philippe VI de Valois até Carlos VII cinco reinados se haviam succedido antes que a França podesse inteiramente expungir da sua fronte o ferrete ignominioso da servidão ao extrangeiro. Portugal, pelo contrario, na sua lucta contra as ambições conquistadoras de Castella, celebrára sempre com um triumpho cada uma das refregas, em que entrára com o seu arrogante competidor. A desproporção do numero fôra supprida largamente por esta desesperada valentia, que nos momentos criticos da vida popular é para as nações como a tensão nervosa no braço de quem multiplica a força physica pela excitação do grande perigo e pelos impetos da honra desairada. A guerra de Portugal contra Castella fôra assignalada por victorias tão inopinadas e assombrosas, que havia dado rebate em

toda a Europa. Ficára pois sabendo a christandade que n'esta extrema orla occidental á beira do Oceano vivia e retemperava-se nas armas e no triumpho um povo batalhador, que em breves tempos subiria a emparelhar-se e competir com as mais celebres nações de toda a terra. Estava pela guerra contra vizinhos importunos consolidada plenamente a unidade nacional: que sómente na guerra se fortificam e apertam os vinculos da patria.

O povo levantando por supremo dictador a um bastardo, o mestre de Aviz, rompêra a tradição da supposta legitimidade hereditaria, e como sempre ha succedido, obrigára as classes privilegiadas a obedecer ao movimento e ao instincto popular. A lei mental, com que D. João I limitára a successão dos bens da corôa, tornados em opulento peculio de magnates insolentes, vibrára o primeiro golpe ao poderio da nobreza. O povo começára a entrar como elemento ponderoso na vida nacional. Portugal deixava de ser uma provincia rebellada contra a cubiçosa autocracia de Castella, e convertia-se de vez em nação independente, com fronteiras signaladas e perpetuas. Já não era apenas um membro secundario e transitorio no systema peninsular,

onde as monarchias e os estados haviam durante seculos padecido successivas mutações. Era para com a Europa inteira uma potencia destinada a tomar e exercer uma funcção de primeira ordem na moderna civilisação. Havia sido até então a emula guerreira de Castella. Seria agora a mestra da christandade, na esteira de cujas galés aventureiras seguiriam entre assombradas e invejosas as que hoje são nações navegadoras.

Das guerras sanguinosas com Castella tinha ainda sobejado grande esforço e ousadia no animo irrequieto e bellicoso. Tantos annos de guerreiro noviciado com as armas sempre vestidas e a fronte sempre ornada de laureis, fizeram de Portugal como se fôra um só impetuoso cavalleiro, que do ocio e resfolego momentaneo só aproveita quanto basta para aperceber-se e concertar-se novamente e entrar logo em mais illustre requesta e aventura.

Tinha já pela trégua, e mais ainda pelo temor e desengano de Castella, seguras as fronteiras. Arabes e berbéres, que expulsar de territorio portuguez, não os havia já n'aquella edade. As conquistas na peninsula seriam ao mesmo passo temeridade e falsa fé. Mas quasi de-

fronte de Portugal ficavam as terras africanas. Que seria se gente portugueza, vingando a antiga affronta das Hespanhas, fosse primeiro que nenhum outro povo da Peninsula, levar a guerra ao seio da inimiga Mauritania? Não podia ainda Castella hastear os seus pendões nas torres do Generalife e da Alhambra, e proferir a ultima sentença contra a monarchia de Granada. Porque não iriam portuguezes reptar em seus proprios lares os muslimes descuidados? É sempre insaciavel a victoria. É a gloria como estas aguas, tepidas e enganosas, que bebidas em copa cinzelada e preciosa, mais accendem de que apagam a sêde recrescente. Ter vencido é o estimulo a cubiçar novos trophéus. As guerras de Roma ainda infantil contra os samnites abriram o caminho á conquista de Carthago. Das ruinas de Carthago poderam as aguias voar já triumphaes ao senhorio do universo.

Pela tomada de Ceuta, os portuguezes ainda inscientes dos altos destinos, que a perseverança e a fortuna lhes traçavam, tomaram posse material do quasi desconhecido continente. O grande poder naval e militar, com que segundo os testemunhos contemporaneos fôra apercebida e realisada a primeira proeza e cavallaria de Por-

tugal nas terras africanas, denuncia o vigor, com que soubera da sua apparente mediania tirar forças e recursos para empreza, ao parecer desigualissima á sua povoação e territorio.

Desde agora se podia suspeitar que as hostes brotariam como que milagrosamente dos seus campos, e as armadas surgiriam dos seus portos para devassar e submetter as mais afastadas regiões. Não importa que seja escassa a terra, que na Europa lhe coube na fortuita partilha das nações. Basta um germen invisivel para copar-se um dia em arvore gigante. De um burgo ignoto da Macedonia saíu aquella torrente caudalosa, que alastrou o antigo mundo com o seu fecundissimo nateiro. É o espirito, não o corpo dos homens e das nações que as rebaixa á craveira dos Thersites, ou as levanta á eminencia dos heroes.

Era em Portugal escassa a força, o animo invencivel. Uma idéa nova e generosa, uma perseverança inquebrantavel, e uma esperança, que nos proprios contratempos se fortalece e avigora, eis ahi o que é bastante para obrar prodigios assombrosos na historia da humanidade. Eis ahi em que reside a thaumaturgia dos que transformam e melhoram a humana condição e

inscrevem na sua historia as epochas mais fecundas e brilhantes.

Reduzida Ceuta ao dominio portuguez, está ali erigido o padrão, que demarca o primeiro estadio na sequencia de ousados descobrimentos e conquistas desde o Tejo até ás mais remotas plagas do Oriente e ás mais distantes ilhas da Oceania.

Parar em Ceuta era pouco, era talvez inglorio. Estender pelo imperio de Marrocos as conquistas portuguezas era talvez demasiado para as forças da nação. Em vez de internar-se pelo sertão da Africa septentrional, seria mais factivel e fructuoso circumnavegar-lhe o litoral, em demanda de novas regiões.

CAPITULO IV

O QUE DETERMINOU PORTUGAL AOS GRANDES DESCOBRIMENTOS

> Consirou . . . que se poderyam trazer pera estes reynos muytas mercadorias que se averyam de bõomercado
>
> Azurara, *Chron. do descob. de Guiné,* cap. VII.

Eram muitas e diversas as causas, que incitavam Portugal a aventurar-se ás emprezas africanas e ás perigosas navegações no Oceano para a parte do occidente e meio-dia.

Por umas prendiam-se intimamente os olhos ao passado, emquanto pelas outras as vistas se dilatavam por infindos horizontes até remotas epochas vindouras.

Os principios do seculo XV eram a transição entre a edade média, que ía fenecendo e a nova civilisação, que se estava annunciando e irrompendo irresistivel. As tintas, que davam aos tempos medievos o sombrio colorido, pouco a

pouco se íam esbatendo e *smorzando* nos matizes mais claros e brilhantes da nova condição da christandade. Era ainda como que o luzir mal distincto da alva, que principia, deixando por emquanto vago e indefinido o perfil das cumieiras e ainda represas pelos mais profundos valles as sombras da ante-manhã. As velhas tradições da edade média vinham mesclar-se em forçosa consonancia com as juvenis aspirações de uma epocha mais propensa aos conceitos racionaes.

A noção estreita da patria no seu puro significado de terra exclusiva, intractavel, inimiga de quanto demorasse para fóra dos seus lindes e fronteiras, luctava, debatia-se, mesclava-se com a nebulosa concepção de uma civilisação cosmopolita e de um só corpo mystico, fraterno, indissoluvel de toda a humanidade. As instituições e os costumes, que nos seculos medievos tinham imprimido á christandade as feições proeminentes, não estavam ainda de todo o ponto obliterados. A antiga cavallaria com o seu espirito religioso e romanesco, o seu fanatismo de honra e de primor, a sua abnegação e heroicidade, o seu rito e ceremonial, em que as armas como que recebiam o

baptismo e a uncção e ficavam consagradas ás emprezas, onde a honra e a fé reclamassem auxilio e defensão, ainda tinha proselytos ferventes e devotados campeadores. Os poemas cavalleirosos, com a sua fórma culta, com o seu metro aprimorado, succedendo ás novellas andantescas e ás canções de gesta, attestavam que o gosto universal, inclinado a estas litterarias creações, não se despedíra inteiramente das predilecções cavalheirescas e da paixão das aventuras. Por outra parte prevalecia nos espiritos portuguezes o odio implacavel contra os arabes e o ardente desejo de retribuir com as incursões na terra propria as longas e dolorosas tribulações, com que tinham durante seculos avexado e opprimido o solo das Hespanhas. Portugal como que se havia por nascido e creado expressamente para continuar sem pausa a guerra sancta. Era encargo, que lhe vinha transmittido por herança, e de que não podia descuidar-se sem que viesse a caír quasi em commisso o seu glorioso patrimonio.

O grave e diserto João de Barros,—que foi sem duvida para a moderna historia o que Herodoto representou entre os antigos, o fundador de uma nova escola já distincta profun-

damente da chronica e da lenda mythologica,— ao fallar da missão, que parece a Providencia incumbíra a Portugal, depois de compendiar em breves termos como se fôra constituindo e roborando esta nova nação do ultimo Occidente desde Affonso Henriques até á completa expulsão dos musulmanos, prorompe n'estas palavras, que cifram ao mesmo passo um arranque de orgulho portuguez e uma affirmação ainda inconsciente de philosophia historica.

«O qual dote e herança (a de oppugnar os muslimes sem tregoa, nem repouso) parece que foi dado com tal benção per este catholico rei D. Affonso, que todolos seus descendentes, que a herdassem sempre tevessem continua guerra com esta perfida gente dos arabeos. Porque começando deste tempo té o presente, que he discurso de quatrocentos e tantos annos de idade deste reyno de Portugal, depois que apartado da corôa de Espanha teve este nome, assi permaneceu em continua guerra destes infieis, que com verdade se póde dizer por elle, ter vestido mais armas que pelotes... E passados os primeiros annos da infancia d'elle, que foi todo o tempo que esteve no berço, em que nasceu, limitado na costa do mar Oceano (porque o

mais do sertão da terra, ficou na corôa de Castella e a elle lhe não coube mais em sorte n'esta nossa Europa) todo o trabalho d'aquelles principes que então o governavam, foi alimpar a casa d'esta infiel gente dos arabios, que lh'a tinham occupado do tempo da perdição de Espanha, té totalmente a poder de ferro os lançarem alem mar, com que se intitularam reis de Portugal e do Algarve[1].»

D'ahi nasceu a expedição de Ceuta e a tomada breve, mas sangrenta d'este famoso baluarte musulmano, chave preciosa da Africa septentrional e felicissimo começo de uma serie quasi ininterrupta de conquistas e victorias.

A esta aversão hereditaria e indefessa contra os antigos invasores mahometanos, accrescia um outro sentimento não menos poderoso, que da edade média passára ainda vivaz e persistente para os animos n'uma epocha de mais racional entendimento. Era a mesma inspiração, que dictára em seu principio as famosas e heroicas migrações, que se appellidaram as cruzadas. Era este refluxo da Europa contra o Oriente, respondendo ao fluxo, com que em remotas eras o

[1] Barros, *Decad.* I, liv. I, cap. I, ed. 1628, fol. 2-3.

Oriente, com as innumeraveis multidões de Xerxes e Dario, arremettêra contra a Europa, quebrando o impeto em Platéa e Marathona. Era este pendor irresistivel, com que toda a civilisação se crê predestinada a absorver e diluir na sua substancia as alheias civilisações. Era o instincto da unidade espiritual, o mesmo que na antiguidade levára os deuses da Assyria e Babylonia aos povos asiaticos e buscára confundir as conquistas politicas e sociaes com a reducção dos povos subjugados a uma unica lei religiosa[1]. Era, guardadas as proporções, a mesma fervorosa intolerancia, com que os gregos e romanos se empenharam em hellenisar e romanisar os ambitos da terra.

Nenhuma civilisação póde haver tão material e positiva, que não esteja como que compendiada em breve cifra n'uma noção espiritual, e quasi sem excepção, religiosa. Ora a civilisação

---

1 «Wherever he goes (the Assyrian King), he takes care to «Set up the emblems of Asshur» or of «the great gods» and forces the vanquished to do them homage... and (the people) aim at extending their belief as much as their dominion.» Rawlinson, *The Five great monarchies*, London, 1873, I, pag. 240-241.

dominante no Occidente firmava-se e resumia-se n'um principio capital, a fé christã. O christianismo era a sua face mais brilhante, o seu caracter historico e fundamental. Dilatar as fronteiras da christandade, levar o dogma e o symbolo christão a dominar entre as gentilidades mais remotas, arrebanhar até o evangelico redil as gentes e as nações agora envoltas nas trevas do paganismo ou corrompidas na abominavel seita de Mafoma, era, no conceito d'aquelles tempos, fazer que irradiasse a superior civilisação da Europa para abarcar todos os povos conhecidos ou ignotos. Enumerando o chronista Gomes Eannes de Azurara as rasões, que haviam determinado o infante D. Henrique a emprehender os seus famosos descobrimentos, assenta em ultimo logar, havendo-a comtudo como primeira, a de augmentar e extender a christandade. «A quinta rasão foi o grande desejo, que havia de accrescentar em a santa fé de nosso Senhor Jesu Christo e trazer a ella todalas almas, que se quizessem salvar, conhecendo que todo o mysterio da encarnação, morte e paixão de nosso Senhor Jesu Christo foi obrado a esta fim, scilicet, per salvação das almas perdidas, as quaes o dito Senhor (o infante) queria, per seus trabalhos e des-

pezas trazer ao verdadeiro caminho, conhecendo que se não podia ao Senhor fazer maior offerta, ca se Deus prometteu cem bens por um, justo está que creamos que por tantos bens, scilicet, por tantas almas, quantas por azo d'este Senhor (o infante) são salvas, elle tenha no regno de Deus tantos centenarios de galardões, per que a sua alma depois d'esta vida possa ser glorificada no celestial regno[1]». E tanto sobrelevava esta rasão ás demais expendidas pelo ingenuo chronista das nossas primeiras navegações e descobrimentos africanos, que por tão benemerito serviço, qual foi o de attrahir ao jugo da egreja os infieis, exora e depreca o Omnipotente para que ao fervoroso fautor de tal empreza, accrescente na eterna bemaventurança o premio e a gloria.

Não ha porém nenhuma civilisação, por mais espiritual e acrisolada, que appareça despida e exempta de toda a macula terrena e mundanal. O espirito póde tender para o céu e para as alturas, onde tudo é anhelar pela mystica immortalidade. Mas a carne pende para a terra e para

---

[1] Azurara, *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné,* cap. VII, pag. 47.

esta humana eternidade, que se chama a gloria e o renome, transmittido até ás mais remotas gerações.

Compendiando João de Barros os motivos que imperaram no animo aventuroso do infante D. Henrique para se determinar ás maritimas emprezas, lá está apontando aquella natural inclinação, que levava o ascetico mestre de Christo a enlaçar com o augmento e esplendor da fé christã, o lustre e a gloria do proprio nome: «E tambem (diz o grave historiador) porque ácerca dos homens lhe ficasse nome de primeiro conquistador e descobridor da gente idolatra, empreza que té o seu tempo nenhum principe tentou[1]».

Entre os incentivos, que espertaram os brios portuguezes para tentar os incognitos caminhos do Oceano, houve, como para os argonautas mythicos da Grecia, um cubiçado vellocino. As riquezas e thesouros, que as terras apartadas e as mysteriosas regiões em si contêm, magnificadas pela phantasia e como que poetisadas pela cubiça, traziam invejosas e inquietas as christandades do Occidente. A terra, ainda nas re-

[1] Barros, *Decad.* I, liv. I, cap. II.

giões mais florentes e mimosas, na França, na Italia, nas Hespanhas, era escassa ou erma de productos naturaes, d'estes, que no vulgar juizo, se têm por synonymos de riqueza. O oiro e as pedras preciosas, as especiarias, as drogas, os perfumes, os estofos, os tapizes, os sandalos e calambucos do Oriente, avantajavam-se em valia ao que podiam brotar de si as glebas europêas, e ao que sabiam affeiçoar nos mais primorosos artefactos os mesteres do Occidente. Os proveitos mercantis entravam pois por grande parte nos desejos fervorosos, com que as nações da Europa buscavam alargar as suas navegações e os seus tratos com as gentes mais longinquas. Azurara o põe de manifesto, quando ao capitular a segunda rasão, que estimulou o infante D. Henrique, escreve estas palavras: «E a segunda foi porque consirou que achando-se em aquellas terras alguma povoração de christãos, ou alguns taes portos, em que sem perigo podessem navegar, que se poderiam pera estes regnos trazer muitas mercadorias, que se haveriam de bom mercado, segundo rasão, pois com elles não tratavam outras pessoas de outras partes, nem de outras nenhumas, que sabidas fossem e que esso mesmo levariam para lá das que

em estes regnos houvesse cujo trafego trazeria grande proveito aos naturaes[1]».

De quantas paragens remotissimas podiam, pelas suas fabuladas ou effectivas opulencias, aguçar a curiosidade nos europeus, nenhuma sobreexcedia áquellas regiões, que situadas nos extremos confins do Oriente, eram nebulosamente conhecidas pelo que deixaram d'ellas mencionado em suas obras os escriptores da antiguidade. A India, aonde chegára triumphante o celebrado macedonio, aquelle Cathay mysterioso, cujas maravilhas noticiára Marco Polo aos seus contemporaneos, eram para os europeus ambiciosos e insoffridos da penuria relativa das terras occidentaes, o alvo dos seus desejos mais ardentes.

Duvidam alguns historiadores sobre se o infante D. Henrique ao cogitar e pôr em obra a traça grandiosa de suas atlanticas navegações, tivera em mente o descobrir o caminho maritimo da India[2]. Se nos pautados, quasi timidos

---

[1] Azurara, *Chron. do descobr. e conq. de Guiné,* cap. VII, pag. 46.

[2] Peschel, *Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen* (Hist. da epocha dos descobrimentos), Stuttgart e Augsburgo, 1858, pag. 73.

começos de suas navegações, não era este o fim immediato, a que tendia o seu empenho generoso, não se póde contestar que este foi em seu espirito o alvo, a que se haveriam de encaminhar as suas emprezas, se a edade e a fortuna lh'o tiveram consentido. Das palavras de Azurara se deprehende que o infante anhelava por saber noticias e informações ácerca da India e d'aquelle soberano mysterioso, que trazia occupada perennemente a phantasia dos geographos durante a edade média, o rei-sacerdote, o famoso Preste João[1].

Ás causas, que trazemos apontadas e que influiram nos animos briosos e varonis de Portugal para que emprehendesse e acabasse tal empreza, qual era descobrir e aproveitar para a geral civilisação os immensos territorios e os mares até ahi impenetraveis ao commercio e trato humano, accresceu ainda mais um novo estimulo, não menos ponderoso e espertador de heroicos feitos e perigosas aventuras. Era

---

1 «O infante... disse... que non soomente daquella terra desejava daver sabedorya, mas ainda das Indyas e da terra de preste Joham, se seer podesse.» Azurara, *Chron. do descobr. e conq. de Guiné,* cap. XVI, pag. 94.

a curiosidade e o anceio de saber. Esta é a ingenita feição da humanidade, que se não pague do que é, senão que procure avantajar-se ainda mesmo a lance e contingencia de perder-se; que se não contente do que sabe, se não que busque dilatar o estreito cerco da herdada sciencia e tradição. É comtudo incontestavel que não foi o ardente desejo de accrescentar o peculio do saber ácerca da natureza, a rasão predominante nos descobrimentos e aventuras oceanicas. Os portuguezes, á similhança dos romanos, eram principalmente um povo pratico e batalhador. O fervor especulativo destoava da sua indole guerreira e positiva. Conquistar e submetter ao seu dominio o orbe inteiro era a sua insaciavel ambição[1].

[1] Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.* (Hist. da geographia e dos descobrimentos), Berlim, 1880, pag. 94.

CAPITULO V

A CIVILISAÇÃO PORTUGUEZA NO SECULO XV

> . . . o reino prospero florece
> (Alcançada já a paz aurea divina)
> Em constituições, leis, e costumes,
> Na terra já tranquilla claros lumes.
>
> CAMÕES, *Lusiad.*, III, 96.

Estava Portugal n'aquelle seculo, senão tão florente em letras como a Italia e como a França, não de certo inferior em valia intellectual aos demais povos christãos do Meio-dia e do Occidente. Muitos homens eminentes por sua erudição e anhelo de saber attestavam que o engenho portuguez requer apenas luz e liberdade para que possa desentranhar-se em fructos sasonados. Desde os tempos de D. Affonso III e D. Diniz a cultura nativa, ainda então escassa e rude, como de quem mais sabia vestir as guerreiras louçainhas de soldado, que a severa garnacha de doutor, fôra largamente fecundada pelo

influxo de extrangeira illustração. A poesia artificiosa e cortezã tomára domicilio nos paços dos monarchas e nos alcaçares dos potentados. Os cancioneiros, numerados entre os mais antigos e preciosos monumentos litterarios da peninsula, ahi ficaram para demonstrar como a poesia achava em Portugal, n'aquelle tempo, não sómente quem a podesse aquilatar com justo apreço, senão quem a soubesse compor e exornar. A novella de cavallaria tinha no engenhoso cavalleiro portuguez, Vasco de Lobeira, o auctor, segundo a opinião de muitos doutos, ou pelo menos o novo redactor do celeberrimo *Amadis,* a quem Cervantes, no famoso escrutinio da livraria de D. Quixote, exalta até ás nuvens, como tendo o principado em toda a andantesca litteratura[1]. As sciencias, que durante os reinados mais antigos não achavam onde luzir e professar-se, tiveram no *estudo geral,* instituido em Lisboa pelo rei menestrel e cultivador, asylo decoroso, onde abrigar-se. O direito romano, que em face dos barbaros costumes e das insti-

[1] «No, señor, dijo el barbero, que tambien hé oído decir, que es el mejor de todos los libros, que de este género se han compuesto.» Cervantes, *El Quijote,* cap. VI.

tuições locaes, se por um lado debilitava a liberdade e independencia municipal, representava por outro lado um progresso valioso na unidade portugueza e na condição intellectual da monarchia, lográra introduzir-se em Portugal. As leis romanas, com a sua contextura systematica e o seu corpo doutrinal, começavam a vencer a anarchia do direito consuetudinario e a omnipotencia das leis municipaes. Era frequente o concurso de portuguezes escolares, que a París e a Bolonha, centros principaes da sciencia medieva, íam retemperar o entendimento e vincular a intelligencia nacional á commum civilisação da christandade. O famoso doutor João das Regras, que em nome da soberania eleitoral, nas côrtes de Coimbra, ajudou com a eloquencia e a erudição o montante do condestavel, para que superasse as resistencias oppostas á eleição do mestre de Aviz pelos escrupulos dynasticos e pela superstição da legitimidade, era um exemplo vivo de que no meio da peleja não dormitava o engenho portuguez. O infante D. Pedro deixou assignalada em monumentos litterarios a predilecção, que lhe merecèra o saber, a poesia, a erudição. El-rei D. Duarte legava á posteri-

dade, no seu livro do *Leal conselheiro,* um irrecusavel testemunho de que excedêra pelos vôos da intelligencia o nivel dos seus coroados contemporaneos. Fernão Lopes, nas chronicas de D. João I e do infante D. Pedro, despojava a linguagem portugueza da mais rude cortiça semi-barbara e não se envergonhava de que os seus livros competissem com as narrativas de Froissard, o eminente e coevo historiador. Gomes Eannes de Azurara, na sua *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné,* alem da sua curiosidade inquiridora e da sua historica veracidade, pompeava a sua grande erudição nas letras sagradas e profanas e a sua larga e frequente conversação com os mais illustres escriptores da antiguidade.

De quanto floresciam as artes em Portugal em principios do seculo XV, dá irrecusavel testemunho a grandiosa fundação do mosteiro da Batalha, cuja phantasiosa architectura podia emparelhar com as mais soberbas cathedraes contemporaneas.

Em tempos de D. Affonso V se compilaram e reduziram a corpo harmonico de leis as antigas ordenações. Em seus paços se fundou a primeira livraria n'aquelles tempos, em que os

codices eram tão custosos e tão raros que os volumes se prendiam por cadeias, para que se não podessem distrahir do seu logar e figuravam como legados preciosos entre as copas, as baixellas, os brocados, as joias e as alfaias dos principes e dos prelados.

O estado mental do povo portuguez nas classes, a que em tempos de ciosos privilegios se podia diffundir a illustração, era pois accommodado a que não sómente se conhecesse o que nos haviam transmittido os escriptores da classica antiguidade, senão que andassem divulgadas as obras de mais tomo e valia intellectual, que na Europa letrada se escreviam.

Havia pois em Portugal n'aquelle seculo noticia do que ácerca da cosmographia e das mysteriosas regiões da Africa e da Asia nos deixaram entrever antigos escriptores. Em seus livros se podia rastrear alguma luz, se bem que debil e indecisa, por entre a sombra e escuridão de erros capitaes dogmaticamente professados, e de palmares ignorancias coloreadas por fabulas pueris e desvairadas phantasias. As viagens e peregrinações de aventureiros temerarios atravez das terras asiaticas até ás nebulosas regiões do Cathay e de Cipango, andavam já notorias entre os

mais curiosos portuguezes. O proprio infante D. Pedro, porventura estimulado por este nobre anceio de alargar os ambitos da patria, condão peculiar da sua familia, tinha cursado terras peregrinas e as *sete partidas*, que pelo mundo havia discorrido, andavam como em proloquio na bocca popular. Fôra elle segundo o testemunho de Valentim Fernandes ou de Moravia quem á volta de suas largas excursões trouxera de Veneza a Portugal a primeira copia do livro de Marco Polo.

Por assombrosos que fossem reputadas no seu tempo em toda a Europa, por incriveis, á conta de sobrehumanas, que nos pareçam depois de tantos seculos as navegações e descobrimentos portuguezes, é bem que nos não deixemos enganar por tão superfluo amor da patria, que julguemos os nossos primeiros mareantes desamparados de toda a luz e tradição como quem se aventurou a mares desconhecidos e tenebrosos, em demanda do que nem por vagos indicios suspeitava. Não, os portuguezes do seculo XV não íam embarcar-se em frageis caravellas e mal seguros barineis, sem levarem uma rota já marcada, ainda que imperfeita e ás vezes conjectural. As suas navegações não são

apenas romanescas excursões de *cavalleiros andantes do Oceano,* que vão sulcando as aguas tormentosas, sem norte e sem destino, em busca de fortuitas e inopinadas aventuras. É na traça discreta, calculada, systematica, por que se vão guiando em suas perigosas singraduras, é na racional e methodica sequencia e tenacidade em suas emprezas, que a immensa circumnavegação dos portuguezes desde o cabo Não até o Malabar se distingue profundamente das pequenas e accidentaes navegações, que outros povos europeus, asiaticos, ou africanos poderam porventura antes de nós emprehender[1].

Com verdade escreveu o nosso grandissimo geometra Pedro Nunes, «que estes descobrimen-

---

[1] «Man wurde weit fehl gehen, wenn man glauben wolte, er (der Infant Heinreich) habe seine Seefahrer auf das Ungefahr hinausgeschickt.» — «Caír-se-ía em grande erro se se quizesse acreditar que elle (o infante Henrique) havia expedido ao acaso os seus navegadores.» Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.* Stuttgart e Augsburg, 1858, pag. 71. Sobre o conhecimento, que D. Henrique sempre buscára alcançar do interior da Africa, veja-se a mesma obra de Peschel, pag. 72.

tos de costas, ilhas e terras firmes não se fizeram indo a acertar, mas partiam os nossos navegadores mui ensinados e providos de instrumentos e regras de astrologia e geometria, que são as cousas de que os cosmographos hão de andar apercebidos[1]».

É o nosso periplo glorioso, é aquella cadeia ininterrupta de maritimas proezas, com que andámos rodeando todo o africano litoral, como que um longo e concatenado raciocinio, meio experimental e meio theorico, onde cada singradura é a premissa da seguinte, cada signal ou padrão, que fomos plantando aqui e acolá, o marco d'onde contámos novo tracto de terra marginal desconhecida. E ao revez da nossa previsão e perseverança, as antigas navegações em torno de Africa, se acaso as podemos defender de espurias ou fabulosas, e as suppostas expedições de normandos, catalães, venezianos, genovezes, são n'este magnifico certamen como que desconnexos improvisos, sem exito e sem fructo conhecido para a civilisação universal. A nossa empreza é como um poema epico, de que

---

1 Pedro Nunes, *Defensão da carta de marear.*

resoam ainda os cantos na tuba do Camões, a d'elles uma trova ligeira e fugitiva, sem echo e sem applauso na remota posteridade.

Aqui podéramos nós a respeito dos antigos navegadores portuguezes dizer com o poeta das nossas maritimas victorias:

> Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
> Phantasticas, fingidas, mentirosas,
> Louvar os vossos, como nas estranhas
> Musas de engrandecer-se desejosas:
> As verdadeiras vossas são tamanhas,
> Que excedem as passadas fabulosas [1].

Tamanhas e agora quasi tão perdidas para nós, tão fructuosas para extranhos!

---

[1] Camões, *Lus.*, cant. I, est. XI.

CAPITULO VI

AS NAVEGAÇÕES NA COSTA DE AFRICA DURANTE A ANTIGUIDADE

... Quella foce stretta
Ov' Ercole segnò li suoi riguardi
Acciochè l'uom più oltre non si metta.
DANTE, *Infern.*, XXVI, 107-109.

Andam accesos os philologos e os commentadores da antiga geographia n'uma lide bem travada, em que uns, portuguezes e extrangeiros, reivendicam para a nossa patria a originalidade absoluta da navegação em volta de Africa e outros quasi todos forasteiros, sem negarem os mais d'elles nossos meritos, assentam como certo o havermos tido audazes predecessores na antiguidade e edade média. Pleiteou contra nós entre os extranhos Huet[1], o copio-

---

[1] *Histoire du commerce et de la navigation des anciens*, Lyon, 1764.

so bispo de Soissons. Não devemos porém deslembrar que este prelado, obstinado e ardente defensor da antiguidade, pertenceu a esta escola de geographos, que envidaram os recursos da sagrada e profana erudição para investigar a pontual situação do paraiso terreal[1]. Precedeu-o em vindicar a prioridade e o renome dos antigos na circumnavegação da costa de Africa o seu compatriota Bochart[2], que soube congraçar os thesouros philologicos, a mãos largas despendidos, com a mais infantil credulidade e com a mais indisciplinada phantasia. Acudiu ulteriormente Francheville já mais affeito á critica moderna[3]. Veiu depois Court de Gibelin, que no livro em seus tempos celebrado, hoje, porém quasi esquecido, *Le monde primitif,* terçou contra nós pelos direitos da antiguidade. Decidiu tambem em nosso desfavor o hespanhol Luis de Marmol[4].

Montesquieu pela grande auctoridade do seu nome poderia contar-se como um dos mais in-

---

1 *De la situation du Paradis terrestre*, Amsterdam.

2 *Chanaan*, Frankfort, 1694.

3 *Histoire des Indes.*

4 *Description générale de Africa,*

signes propugnadores das viagens antigas em torno de Africa, se quando pelo testemunho de Herodoto, de Plinio e Pomponio Mela, admitte as circumnavegações dos gregos e phenicios, não accrescentasse uma grave duvida e uma insoluvel contradicção a que fossem havidas por authenticas similhantes explorações[1]. Bougainville, o illustre sabio e erudito navegador, mantem resolutamente que fosse verdadeiro o notavel periplo de um nauta carthaginez[2].

O escriptor inglez Falconer nos fins do seculo XVIII, e já na segunda metade do século presente o notavel geographo Vivien de Saint-Martin[3] admittiram por innegavel e authentica a mais celebrada e porventura a só provavel de todas as largas circumnavegações africanas na antiguidade, a do carthaginez Hannon, limitada no con-

---

1 «Il faut bien que du temps de Ptolemée le géographe ces deux navigations fussent regardées comme fabuleuses, puisqu'il place depuis le *sinus magnus*... une terre inconnue de sorte que la mer des Indes n'aurait été qu'un lac.» Montesquieu, *De l'esprit des lois*, liv. XXI, cap. XI.

2 *Mém. de l'Acad. des inscript. et belles lettres*, t. XXVIII, 287.

3 Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.*, pag. 36 e seg.

ceito de Gosselin até alcançar unicamente o cabo Não[1].

E o que é mais para notar, um nosso portuguez, tão afamado por seus escriptos e viagens como foi Damião de Goes, não houve a desaire e desprimor para seus proprios naturaes o dizer que outros antes de nós fizeram, seguindo a mesma rota, a navegação até á India[2]. É verdade que o erudito chronista de el-rei D. Manuel

---

[1] Gosselin, *Recherches sur la géographie positive et systématique des anciens.*

[2] «As quaes viagens todas se fizeram per mandado d'este invencivel rei D. João (o segundo) com muito trabalho seu e despeza de sua fazenda, navegação já esquecida de todo o genero humano per tanto espaço de tempo, quanto se pôde ver em um discurso, que disso fiz na mesma chronica do principe D. João, que compuz de novo em linguagem portuguesa, e assi em um livro que fiz em lingua latina do sitio e antiguidade da cidade de Lisboa, nos quaes dois discursos declarei quantas e quaes pessoas muito antes fizeram esta viagem da India pelo mesmo caminho, que ha nós agora fazemos, ho que fiz por acodir ao erro, em que cairam alguns scriptores portuguezes, que trataram destes negocios, dizendo q̃ so a nação portugueza fora q̃ navegando pelo Oceano primeiro que nenhũa outra viera ter ao mar da India, do qual erro se lhes pode em

com a franqueza e liberdade de quem era ao mesmo passo portuguez e cosmopolita e talvez um tanto inclinado ás doutrinas protestantes e á independencia de opinião, contrapesa a affirmação, que poderia acaso redundar em deslustre de Portugal, com chamar ás circumnavegações da antiguidade *navegação já esquecida de todo o genero humano*. E é por serem quasi oblitteradas na memoria e sem nenhum proveito da sciencia ou civilisação, que os periplos de gregos, de romanos, de carthaginezes, de phenicios e de gentes de Hespanha em epochas remotas e difficeis de assignar, são como se nunca houveram existido, quando os paragonamos e pomos em parallelo com as maravilhosas navegações dos portuguezes em demanda das regiões orientaes. Como seja a navegação, mais ou menos imperfeita, anterior de largos seculos aos nossos immortaes descobrimentos, é força o presuppor que de tantos povos já entrados em rasoado

parte relevar ha culpa por porventura cuidarem q̃ atrebuindo esta gloria á sua propria naçam lhe acrecentavão louvor aos muitos q̃ se lhes deve pelas milagrosas victorias, q̃ em aquellas partes em diversos tẽpos e lugares houveram.» Dam. de Goes, *Chronica de D. Emanuel*, part. I, cap. XXIII, Lisboa, 1619, fol. 13.

progresso de cultura, quantos demoravam na antiguidade ás orlas do Atlantico, do Mar Mediterraneo, do Golfo Arabico, do seio Persico e do Oceano oriental, alguns iriam costeando em mais ou menos dilatadas singraduras as costas de Africa e as terras hindostanicas. Nenhum porém proseguiu ininterrupto as suas emprezas por discurso de quasi um seculo, assombroso prodigio e maravilha de que é unico exemplo o pequeno, mas afortunado Portugal.

Outro escriptor portuguez, Antonio Galvão, não menos celebre pelos seus heroicos feitos nas Molucas do que pela ingratidão, com que a monarchia, segundo era seu costume, o premiou, parece igualmente propender, aindaque sem peremptoria affirmação, a que povos antigos nos hajam precedido em ousadas navegações pelo Oceano até á India oriental[1].

Das famosas navegações e descobrimentos

---

[1] Galvão cita como tradição as sabidas historias de antigas navegações em volta da Africa, sem discutir, nem apreciar as auctoridades, em que se firmam as noticias, que vae dando. Antonio Galvão, *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos feitos até á era de 1550 e dos desvairados caminhos por onde a pimenta e especiaria veiu ás nossas partes*. Lisboa, 1731, pag. 2-15.

portuguezes no seculo XV, não ha apenas nebulosas reminiscencias e vagas tradições. Existem encorporados na presente civilisação os seus assombrosos resultados. Estão perpetuados em diplomas fidedignos, em livros contemporaneos, em indubitaveis monumentos, em authenticos padrões. Apparecem attestados nos documentos cartographicos, nos mappas, nos portulanos, nos roteiros, que na Europa se fizeram desde as primeiras derrotas portuguezas alem do cabo Bojador até á viagem portentosa do immortal Vasco da Gama. Estão vinculados na memoria de todos os povos do universo pelos nomes portuguezes, que assignalam os cabos, as angras, as enseadas, os rios, os parceis, ao longo do immenso litoral no vasto continente de Africa. Á similhança do que succedêra com a mais extensa exploração do Nilo e das terras adjacentes até o Mar Vermelho, onde os nomes gregos dos logares e os templos consagrados aos deuses hellenicos attestavam serem gregos os que desde o Egypto, depois das conquistas de Alexandre, chegaram novamente até o Golfo Arabico[1].

---

[1] Strabo, *Geogr.*, liv. XVI.

Estão nossos descobrimentos registrados na historia da geographia pelos factos experimentaes, com que os portuguezes corrigiram ácerca da figura e repartição do globo terrestre, da fórma e posição dos continentes, da situação dos archipelagos, os inveterados erros dos antigos. Estão consubstanciados nos fastos scientificos, pelas novas e infindas acquisições nos dominios da ethnologia e das outras sciencias naturaes. Estão finalmente representados no amplissimo imperio portuguez n'um e n'outro litoral da Africa immensa, nas dilatadas possessões britannicas na India oriental, no grande e florente imperio do Brazil, que na terra americana se fundou, como se fôra um rebento separado do tronco principal, agora transformado em arvore gigante.

Estes são os documentos, em que está cifrada como empreza unica, novissima, singular, extraordinaria nos annaes da humanidade a que fez de Portugal entre os povos christãos o primeiro no XV seculo e lhe deu por algum tempo a hegemonia moral entre as nações e o dominio e principado no Oceano.

E emquanto que o saber, o valor, a perseverança portugueza brotaram de si taes e tão

opimos fructos e as nossas navegações foram, na sua mais larga accepção e significado, o principio da moderna civilisação, os periplos da antiguidade, se porventura realmente aconteceram, não deixaram na terra e na memoria um traço de luz escassa e indecisa, por onde possamos render graças e homenagens aos mythicos ou duvidosos mareantes. É tão insegura e tão precaria a tradição a este respeito, que os sabios e philologos discreteam e controvertem sem poderem alcançar plausiveis conjecturas, quanto mais a sombra sequer de uma evidencia.

Se preterimos por menos importantes e porque em nada aproveitaram á sciencia e communicação dos povos mais distantes, algumas das explorações maritimas em Africa, citadas pelos escriptores gregos e romanos, aponta-se como attestando a prioridade dos antigos em cursar o Oceano ao longo das costas africanas, antes de todas, a expedição enviada pelo rei egypcio, Necho, e por elle commettida á proverbial pericia dos phenicios, que em pontos de affrontar a braveza dos mares e a furia das tormentas se poderiam appellidar os portuguezes da antiguidade. Os phenicios foram, com effeito, os primei-

ros navegadores nas epochas antigas. A sua fama só pôde ser egualada, ou excedida pelos seus continuadores, os carthaginezes. O Mediterraneo era o theatro das suas grandes emprezas maritimas e commerciaes. A vida nacional toda se resumia e cifrava no trato mercantil e na arte de navegar. As suas colonias demoravam desde Chypre, Creta, Rhodes até ás costas da Sicilia e á Hespanha meridional. As suas galés aventuravam-se ao Oceano e fundavam já fóra das columnas de Hercules a celeberrima Gadeira, ou Gadir, que foi a Tiro do Occidente, no logar, onde agora existe Cadix. Eram os navegantes e mercadores phenicios desde tempos mui remotos, na phrase do propheta Isaias, «os principes e os senhores da terra[1]». De todos os povos litoraes do Mediterraneo foram elles os primeiros porventura que, saídos d'aquelle estreito encerro, vogaram com seus remos nas ondas procellosas do Atlantico, e annunciaram ás nações orientaes que nos extremos do Occidente se extendia temeroso

---

[1] Isaias, cap. XXIII, vers. 8. — «Tyrum quondam coronatam, cujus negotiatores principes, institores ejus inclyti terrae».

o grande Oceano. O proprio nome grego *Okéanos* é, no parecer de alguns philologos, a fórma hellenica do vocabulo phenicio *Og* ou *Ogen*[1]. D'esta navegação, commemorada por Herodoto[2], conhecemos apenas que os phenicios, embarcando no Mar Erythrêo, denominado hoje Mar Vermelho, costearam a Africa oriental, pondo a proa ao sudoeste, e ao cabo de tres annos, depois de estancearem por tempo demorado n'alguns pontos do litoral, dobraram as columnas de Hercules, e fazendo-se na volta do Mediterraneo foram aportar ás praias do Egypto. Esta primeira e total circumnavegação é or pmuitos escriptores antigos e modernos averbada de suspeita, se não de apocrypha, ou adulterada. Um escriptor inglez, nosso contemporaneo, grande honrador de nossas glorias, não hesita porém em estribar sobre o isolado testemunho do grego historiador, a evidencia de uma empreza, que devêra, se fôra verdadeira, ter encontrado um echo universal entre os antigos[3]. Mais reserva-

---

1 Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 21.

2 Herodoto, liv. IV, *Melpomene*, n.º XLII.

3 Richard Henry Major, *The Life of prince Henry of Portugal surnamed the navigator*, Londres, 1868, cap. VII,

do e meticuloso em pôr inteira fé no isolado testemunho de Herodoto se manifesta o eminente geographo allemão Oscar Peschel: «Se por um lado (escreve) sentimos repugnancia em acreditar n'um similhante feito nautico, seria por outra parte injusto o rejeitar a narração, sómente porque não corresponde ás idéas geralmente recebidas ácerca da pericia dos antigos navegadores, os quaes, se nos é dado aventurar opinião sobre este ponto, não eram em maritima capacidade inferiores aos mareantes euro-

---

pag. 89. «The first *authenticated* navigation of Africa». É para notar que um tão erudito geographo e historiador, que em varios pontos do seu curioso livro defende a prioridade absoluta dos descobrimentos portuguezes, negando a fé aos testemunhos invocados em favor dos genovezes, normandos, catalães e venezianos, declarasse nada menos que *authentica*, isto é, firmada em documentos irrecusaveis, a navegação ordenada pelo egypcio e acceitasse como dogma indisputavel a affirmação de Herodoto, sem ao menos lhe contrapor os reparos, que suggere o seu texto n'este ponto, o silencio dos escriptores romanos, a incredulidade de Strabo, e os erros geographicos, de que estão cheios os livros da antiguidade, a qual certamente os devêra ter emendado com a luz espargida nas trevas do Oceano pelos navegantes da Phenicia, ás ordens do Pharaoh. As duvidas oppostas por

peus dos seculos XV e XVI[1]». Admira-se o sabio germanico de que os geographos da antiguidade, depois de tão notavel circumnavegação, não cessassem de consignar em seus escriptos muitas doutrinas, que estavam em directa contradicção com a narrativa consagrada por Herodoto[2]. Uma similhante dubitação occorreu tambem a

---

Antonio Ribeiro dos Santos parecem-nos de todo ponto procedentes, ao menos para que não juremos cegamente nas palavras do grande chronista grego, em cuja narração ha certamente maravilhas difficeis de acceitar por verdadeiras. Veja *Memorias de litteratura* da acad. real das sciencias, tom. VIII, pag. 340-342. A circumstancia, referida por Herodoto, de que os phenicios n'esta portentosa navegação íam pausadamente, quando chegava o outono, semeando trigo nas margens africanas, aguardando que as messes lourejassem, fazendo a colheita em tanta paz e quietude, como se fôra em suas nativas granjas e herdades, e depois embarcando novamente para continuarem sua viagem, é de tal maneira extraordinaria e inveririmil, que os mais fanaticos idolatras de Herodoto, quasi sempre aliás tão verdadeiro, ousariam n'este passo fazer uma excepção á sua fé e sorrir talvez da crendice do escriptor.

Peschel, *Gesch. der Erdk.* Munich, 1865, pag. 18.

2 Peschel, *Gesch. der Erdk.* pag. 19.

um moderno historiador da geographia, aliás facil em acceitar outras muitas navegações de menos fundamentada auctoridade[1].

Da viagem africana de Hannon, o famoso almirante ou capitão carthaginez, legou-nos a antiguidade a narrativa, attribuindo-a ao proprio navegador. O *Periplo,* ou roteiro d'esta circumnavegação existia, diz-se, gravado em lingua punica n'um templo de Carthago e do texto original foi trasladado por um grego desconhecido, talvez no IV seculo antes de Christo. Divulgado n'esta versão, o relatorio naval do celebre carthaginez foi a fonte principal, onde gregos e romanos beberam o que sabiam ácerca da Libya, ou Africa banhada pelas aguas do Oceano. Haviam os carthaginezes succedido no fervor das aventuras maritimas e no espirito colonisador e mercantil a seus predecessores e avoengos, os phenicios, alargando mais do que estes o theatro de suas navegações. Tinham consolidada e florente nas Hespanhas a sua dominação colonial. É provavel que habituados a cursar as costas da Peninsula alongassem para o sul, senão tambem para o occidente, as suas derrotas, e ao menos visitas-

---

1 Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.*, pag. 30.

sem as terras africanas, que no Atlantico ficavam mais convizinhas ao estreito.

Ordenou o senado carthaginez que o almirante Hannon partisse com uma frota de sessenta galés ou *pentecontores,* navios de cincoenta remos, a fundar no litoral da Libya colonias de Carthago. Iam n'ella trinta mil homens e mulheres, numero que parece desproporcionado ao conto dos navios de exigua lotação n'aquelles tempos. Discordam os commentadores sobre qual fosse o ponto extremo, aonde chegára Hannon, e ainda admittindo por exactas as identificações dos nomes gregos, attribuidos no *Periplo* aos varios pontos da costa occidental, com as denominações impostas aos logares pelos navegantes portuguezes, e acceitando a amplissima extensão que Vivien de Saint-Martin assignala aos descobrimentos do almirante punico, ainda ficaria por navegar e descobrir quanto decorre desde pouco alem da serra Leoa, para o sul, até ao golfo arabico e ao Oceano oriental[1].

Não póde admittir contestação que os cartha-

---

[1] Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.,* pag. 38. Peschel, *Gesch. der Erdk.,* pag. 19-21.

ginezes fundaram na costa occidental, que em Africa demora mais conjuncta o estreito de Gibraltar, varias colonias, feitorias ou emporios, de que se perderam os vestigios nos logares, mas de que se conservam as memorias nos livros dos geographos antigos.

Todos os povos, que estancêam n'uma orla escassa de terra litoral, como que apertados em seu berço, buscam indemnisar-se da estreiteza na immensa amplidão das aguas, e por uma lei fatal e necessaria se tornam em aventureiros destemidos e em ousados navegadores. Assim foram na antiguidade os phenicios de Tyro e de Sidon, e os carthaginezes, seus herdeiros. Assim na edade média os venezianos, genovezes e pisanos. Assim nos modernos tempos os portuguezes, e depois d'elles os maritimos da Hollanda.

Os povos essencialmente navegadores da antiguidade eram os que habitavam á beira do Mediterraneo, na Europa, na Asia, ou na Africa septentrional. Entre elles foram preeminentes os tyrios e sidonios, e os carthaginezes, que, saídos da mesma estirpe, tiveram nas eras mais remotas o sceptro e dominação dos mares até que das mãos lh'o arrebataram os romanos trium-

phadores. Strabo commemora que no golfo ou enseada conhecida no seu tempo pelo nome de *seio ou golfo emporico,* tinham os mercadores phenicios, ou antes carthaginezes, diversorios e estações, onde fazer seu trato com os indigenas[1]. Cumpre não exaggerar, como alguns modernos, principalmente o notavel Campomanes[2], o numero das colonias carthaginezas. Strabo enumera entre as ficções, que nas angras e bahias immediatas ao golfo emporico tivesse havido, segundo a tradição, colonias de tyrios, elevando-se a trezentas o numero das cidades. Apesar de que a imaginação dos antigos povoára de innumeraveis obstaculos a navegação do Mar Atlantico, todavia (são estas as palavras do geo-

---

[1] Strabo, *Geogr.*, liv. XVII, cap. III, n.º 2.

[2] Campomanes, *Periplo de Hannon ilustrado,* pag. 42–43. O eminente philologo e estadista hespanhol do tempo de Carlos III, não entendendo ou antes adulterando o sentido litteral e obvio do texto de Strabo, attribue-lhe como affirmação o que elle declara expressamente numerar entre as ficções. O escriptor hespanhol escreve no texto do geographo em vez de εγγὺς δὲ τουτῷ, que apparece nas mais correctas recensões, εγγὺς δὲ τουτο, que altera em certa maneira a intenção do escriptor grego. Strabo diz que, não podendo eximir-se a mencionar algumas fabulas das que

grapho) a audacia dos homens, assim como se atreve a outras cousas, não se teme de tentar os periplos ou navegações, com que vão costeando os continentes[1]. De aventurar-se porém a pequenas excursões ao *seio emporico,* ou aos logares onde se dizem erigidas as trezentas cidades carthaginezas, até abalançar-se a circumnavegar o continente africano, chegando ao Mar Erythrêo ou ao Golfo Arabico, vae a mesma distancia, que separa das tentativas dos portuguezes, nos primeiros annos do seculo XV, a completa e feliz navegação de Vasco da Gama.

Outra circumnavegação, que se diz antigamente emprehendida, é a de Eudoxo de Cyzica, no tempo em que no Egypto dominava Ptole-

---

andavam acreditadas ácerca da Libya, pede venia para as commemorar. A primeira, que menciona, é a da famosa caverna ou antro de Hercules, no seio ou golfo emporico, na qual estava uma ara votada ao heroe thebano. Accrescenta depois: «Similhante, ou afim, ou proxima a esta primeira tradição (εγγὺς τούτῳ) é a outra, em que se diz que nas seguintes enseadas houve antigas habitações de tyrios, as quaes agora estão desertas, tendo sido as cidades não menos que trezentas». Strabo, *Geogr.*, liv. XVII, cap. III, n.º 3.

[1] Strabo, *Geogr.*, liv. XVII, cap. III, n.º 20.

meu VIII, cognominado Lathuro, ou Lathyro, cerca de um seculo antes de Christo. O geographo romano Pomponio Mela foi o primeiro que a citou e descreveu no seu livro *De situ orbis,* reportando-se a uma obra hoje perdida do historiador Cornelio Nepos[1]. Plinio, o naturalista[2], a traz egualmente commemorada, fundando-se na asserção do biographo romano. Se acaso é verdadeiro o *Periplo* do antigo explorador,

---

1 Pomponio Mela escreve: «Eudoxus quidam, avorum nostrorum temporibus, cùm Lathurum regem Alexandriae profugeret, arabico sinu egressus, per hoc pelagus (ut Nepos affirmat) Gades usque pervectus est; ideo ejus orae notae sunt aliqua». Pomponio Mela, *De situ orbis,* lib. III, cap. IX, Lugduni Batavorum (Leyden), 1748, pag. 310 e seguintes. O texto diz trasladado a portuguez: «Um certo Eudoxo em tempos de nossos avós, fugindo de Alexandria ao rei Lathuro, e saíndo pelo seio Arabico, ou Mar Vermelho, por este mar (segundo affirma Nepos) foi ter a Gades (a moderna Cadix) e por isto alguma cousa ficou sendo conhecida do seu litoral».

2 Plinio, *Hist. nat.,* liv. II, cap. LXVII, Lyon, 1606, pag. 27: «Nepos Cornelius auctor est, Eudoxum quendam sua aetate, cùm Lathyrum regem fugeret, Arabico sinu egressum, Gades usque pervectum». «Cornelio Nepos refere que no seu tempo um certo Eudoxo, fugindo ao rei Lathyro, saíra pelo seio Arabico e chegára até Gades»,

havemos de acreditar que partindo do seio Arabico ou Mar Vermelho fôra discorrendo em sua viagem pela margem oriental da Africa, dobrára o cabo da Boa Esperança, e, aproando para o norte, proseguíra a navegação ao longo da costa occidental até finalmente vir a Cadix.

Da segunda versão, com que apparece na antiguidade o *Periplo* de Eudoxo, se nos depara na obra geographica de Strabo particularisada narrativa. Esta nova recensão das aventuras nauticas de Eudoxo é não sómente diversa e em grandissima parte inconciliavel com a primeira, conservada no livro de Pomponio Mela, senão que tem contra si a critica de Strabo, que, depois de largamente a discutir, desapiedadamente a averba de falsaria e de forjada, dizendo textualmente que não distava muito das mentiras e das fabulas de Pytheas, de Euhemero e de Antiphanes[1].

A discordancia manifesta entre as duas narrativas, a ausencia de informações ácerca das ter-

---

[1] Strabo, *Geogr.*, liv. II, cap. III, n.º 5.

No mesmo capitulo, n.º 8, chama á historia referida por Posidonio τὸν Εὐδόξειον μῦθον, *o mytho ou a fabula eudoxeia.*

ras descobertas e dos aspectos diversissimos do céu e outras circumstancias, que não podiam ser nunca deslembradas por quem visse regiões tão inopinadas e extranhas, oppõem ao *Periplo* de Eudoxo taes e tão insoluveis contradicções, que ainda os mais zelosos partidarios das navegações da antiguidade ao longo das ribas africanas, a suspeitam por apocrypha, ou tecida porventura de retalhos mal cerzidos de outras explorações[1].

Accrescem ainda a estas inverisimilhanças as fabulas pueris, que ácerca dos habitantes africanos vem narradas no *Periplo,* taes como as de homens sem bocca, sem lingua, e a dos *himantópodes,* ou dos que andavam, não erectos, como é proprio á familia humana, senão reptando, ou arrastando-se no chão. Se porventura a narração de Eudoxo cyzicense é em parte plagiada de Hannon, bem poderam estes extranhos *himantópodes* ser os mesmos homens silvestres e villosos, os *gorillas,* de que falla o capitão carthagi-

---

[1] Antonio Ribeiro dos Santos, *Memoria sobre a novidade da navegação portugueza no seculo* XV, nas *Mem. de litterat.* da acad. real das sciencias, tom. VIII, pag. 342-344.

nez, e que não são outros, segundo o viajante Du Chaillu[1], senão os chimpanzés *(Troglodytes niger),* tão frequentes nas selvas da Guiné e principalmente no territorio de Gabon.

---

1 Du Chaillu, *Adventures in Equatorial Africa,* London, 1881, 343, cit. em Peschel, *Gesch. der Erdk.,* pag. 21.

CAPITULO VII

AS NAVEGAÇÕES NA COSTA DE AFRICA DURANTE A ANTIGUIDADE

(Continuação)

> Similhantes emprezas maritimas (as navegações da antiguidade) se porventura existiram, foram absolutamente extereis nos seus resultados.
>
> STOCKLER, *Memoria sobre a originalidade dos descobrimentos portuguezes.*

As frotas, que, governadas pelos tyrios do rei Hiram, partiam do Mar Vermelho até Ophyr e Tarsis para levar a Salomão o oiro[1] e as riquezas do Oriente, andam, pela brevidade e escuridão do texto biblico, tão envoltas em espesso nevoeiro, que os mais subtis commentadores, accumulando thesouros de erudição e es-

---

[1] *Reges,* liv. III, cap. IX, vers. 27–28. *Paralipomen.,* liv. II, cap. VIII, vers. 18.

crevendo tratados volumosos, ainda não poderam entender-se sobre qual foi o roteiro das viagens, nem onde eram situadas aquellas auriferas e opulentas regiões. Querem alguns que a celebrada Ophyr da biblia correspondesse ao territorio de Sofala, na Africa portugueza oriental[1]. Pretendem outros que a Ophyr biblica estava situada no Indostão, na antiga região de um povo chamado Abhira, segundo Lassen[2].

Da navegação de Menelau, depois de expugnada Troia, não ha outro vestigio senão o que na *Odyssea* se refere, onde não é facil discernir o que brotou da fecunda phantasia do poeta, e o que se derivou de mais antiga e provavel tradição. Recontando o heroe grego a Telemacho as suas aventuras, refere-lhe n'estas palavras as suas largas navegações: «Muito em verdade padeci, e errando longamente em minhas naus, aportei ao oitavo anno a Chypre e á Phenicia, e continuando a divagar, cheguei ao Egypto e

---

1 Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.*, pag. 27.— Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 18.

2 Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 18–20

fui ter á Ethiopia, e aos Sidonios, e aos Erembos, e á Libya[1].

Todas as reminiscencias, que nos escriptos da antiguidade se revelam ácerca de primitivas navegações em torno de Africa, ainda que sejam defectivas e suspeitas para individuar com sufficiente claridade uma só completa circumnavegação, são bastantes comtudo para affirmar que entre os antigos andava mais ou menos incerta e ennevoada a tradição de que uma parte sequer das costas africanas tinha sido visitada por algum navegador. O litoral da Mauritania teria porventura sido explorado pelos mareantes, que traspassando as columnas de Hercules, se aventurassem a singrar por algum tempo no Oceano. A costa, que vae escorrendo no Oriente desde a bocca do estreito de Bab-el-Mandeb até muito ao norte da ponta meridional da Africa, seria avistada pelos navegantes, que aprestassem no Mar

1 Ἦ γὰρ πολλὰ παθὼν καὶ πολλὰ ἐπαλήθεὶς
Ἤγαγόμεν ἐν νηυσὶ, καὶ ογδοάτῳ ἔτει ἦλθον
Κυπρον, Φοινίκην τε, καὶ Αἰγυπτίους ἐπαλήθεὶς
Αἰθίοπάς θ' ἱκομεν, καὶ Σιδονίους, καὶ Ἐρεμβοὺς
Καὶ Λιβύην.

Odyssea. liv. IV, vers. 81 e 85.

Roxo as suas expedições. Viagem completa em volta do continente, não ha na antiga historia um só monumento irrecusavel, em que possa apenas por verisimil rastrear-se. Nem a antiga navegação era de molde para tão ousadas aventuras, por mais que fossem eguaes ou superiores ás dos modernos navegantes, a pericia e a audacia dos antigos[1]. Os navios fabricados com ignorancia das regras e preceitos scientificos da architectura naval; pequenos, debeis, mal azados a soffrer as tormentas do Oceano; as cartas hydrographicas nenhumas; ignorada a bussola; a astronomia nautica na infancia; por guias e pha-

---

[1] Oscar Peschel, fazendo notar a sua repugnancia em admittir com facil credulidade a circumnavegação da Africa, attribuida aos phenicios por mandado do Pharaoh Necho, inclina-se todavia á opinião de que esta empreza se não póde contestar com o unico fundamento de que a sciencia e a pratica maritima dos antigos não bastavam a tamanha e extraordinaria navegação, porque, em seu entender, a pericia naval dos antigos navegantes não era inferior á dos europeus nos seculos XV e XVI, e cita como provas algumas viagens, que na antiguidade se fizeram com extrema velocidade, superior ao mais rapido andamento dos navios actuaes. Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 18.

roes as estrellas, principalmente as duas ursas, para os gregos a maior, a menor para os phenicios[1]: taes e tão escassos eram na antiguidade os recursos navaes, com que affrontar e vencer as indomitas aguas do Oceano. E por isso as grandes e notaveis expedições dos povos conquistadores quasi sempre foram em terrestres itinerarios. E a este proposito Montesquieu, tão notavel e tão habitualmente verdadeiro nas sentenciosas affirmações, deixou escripto que em antigos tempos se descobriam os mares conquistando as terras, e hoje ao contrario se descobrem as terras pelas viagens do mar[2].

Estribados nas palavras de Herodoto[3], querem alguns acreditar que em tempos de Xerxes, rei da Persia, se emprehendeu uma larga navegação á roda de Africa. A origem romanesca

---

[1] Montucla, *Hist. des mathématiques,* part. III, tom. I, pag. 88-93.

[2] «Aujourd'hui l'on découvre les terres par les voyages de mer; autrefois on découvrait les mers par la conquête des terres.» Montesquieu, *De l'esprit des lois,* liv. XXI, cap. IX.

[3] Herodoto, *Hist.,* liv. IV, cap. XLIII.

d'esta singular expedição, segundo a refere o historiador hellenico, contribuiria para imprimir no seu reconto o caracter de uma lenda, e tornar suspeita a existencia da viagem, se os proprios termos do escriptor não nos estivessem premunindo contra a sua mesma relação. Herodoto refere que, segundo contavam os carthaginezes, um certo Sataspes violára uma filha de Zopyro. Ora succedia que Zopyro era o amigo extremoso e fidelissimo do rei dos persas, Dario, aquelle modelo de heroica devoção, de quem se conta nas historias a mais incrivel e singular fineza em prol do seu monarcha. O crime de Sataspes accendeu a colera de Xerxes, o qual o condemnou no mesmo ponto a padecer o supplicio n'uma cruz. A mãe do criminoso era, porém, irmã de Xerxes, e se não tinha valimento para o perdão, alcançou por suas traças, que a pena capital lhe fosse commutada n'uma perigosa e tremenda expedição em torno da Libya, como quem dissera então no mais trabalhoso e cruel degredo, que, segundo era tremendo então o Oceano, se afigurava equivalente a uma catastrophe. Submetteu-se o mancebo ao preceito do tyranno, havendo por melhor o lenho de um funaragio que o madeiro do supplicio. Levava

por mandado que, embarcando-se no Egypto e saíndo pelo estreito ao Atlantico, fosse costeando a Africa até surgir no Mar Vermelho. Passou as columnas de Hercules, dobrou o promontorio Soloeis e endireitou a proa ao sul. Largos mezes vagou pelo Oceano. Recresceram-lhe, porém, taes difficuldades e contradicções, que teve por melhor partido retroceder, volvendo ao Egypto e d'ali á côrte do rei persa. E por mais que se desculpou de não ter podido continuar em sua empreza, porque o mar lhe não consentíra navegar até fazer inteiro o gyro, o despota oriental mostrou-se inexoravel, e o mallogrado navegante houve de expiar na cruz o delicto de deixar aos portuguezes a gloria de primeiros nos descobrimentos do Oceano.

A viagem emprehendida em tempos de Gelon, rei de Syracusa, por um navegador, que rodeára o continente africano, apenas em Strabo vem commemorada. Entre as noticias, que este geographo attribue a Posidonio, se refere o dito de Heraclides do Ponto, segundo o qual um certo mago viera ter á côrte de Gelon, de Syracusa, asseverando ter o seu navio feito a circumnavegação da costa de Africa. Mas accrescenta o geographo, que Posidonio pozera escassa

fé em tal historia, porque se não firmava em plausiveis documentos[1].

Segundo o testemunho de Plinio[2], o antigo, ainda podemos accrescentar ás tentativas de navegação nas costas de Africa a viagem do historiador Polybio, por ordem de Scipião Emiliano, no anno 145 antes da era christã[3]. Se a expedição em verdade se effeituou, não passaria porventura dos ultimos confins da Mauritania, tomando por seu termo o cabo Não. É de certo improvavel que em tempos ainda proximos do naturalista romano se tivesse realisado uma larga exploração do litoral africano, e que Plinio perseverasse impenitente nos seus erros, suppondo innavegavel o Oceano.

Bem parcos fructos se derivaram da viagem de Polybio para o mais perfeito conhecimento da Africa meridional, porque o proprio navegador nos deixou escriptas em sua historia as se-

---

1 Strabo, *Geogr.*, liv. II, cap. III, n.º 4.

2 Plinio, *Hist. nat.*, liv. V, cap. I.

3 Polybio refere-se na sua historia a esta viagem africana, se bem que a parte de seu livro, em que estava escripta a narração, é d'aquellas que se perderam. Polyb., *Hist.*, lib. III, cap. LIX, ed. Didot, pag. 158.

guintes palavras de notavel significação: «Da Asia e da Africa, de que maneira confrontem cerca da Ethiopia, ninguem até o presente ha podido affirmar se é a terra continente, que d'ahi se extende para o sul, ou se o mar é que as circumda[1]». Esta duvida não poderia subsistir no espirito do navegante, se a remotas regiões para a banda do-meio dia e oriente houvesse chegado a frota de Polybio.

De quantas navegações em volta de Africa se encontram memoradas nos escriptores gregos e romanos, nenhuma é porventura com maior conformidade havida por authentica do que a viagem registrada no chamado *Periplo do Mar Erythrêo,* falsamente attribuido a Arriano, o hellenico narrador das expedições de Alexandre. O grego navegante, quem quer que fosse, parte de Berenice e vae discorrendo com suas singraduras ao longo da costa ethiopica do Mar Vermelho até dobrar o cabo Aromata ou Guardafui (Djard Hafun, dos arabes). D'ali procede costeando a Africa oriental até Zanzibar[2], e chega

[1] Polybio, *Hist. nat.,* liv. III, cap. XXXVIII, ed. Didot, pag. 143.

[2] Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.*, pag. 189-190.

até um ponto que, na opinião de Peschel, demorava nas cercanias de Quiloa[1].

Poderia pois na antiguidade ter havido, por um singular privilegio de ardideza e temeridade, quem tentasse commetter a que se afigurava geralmente por impervia e tenebrosa massa de aguas, vedada pela ciosa natureza á audacia humana. Mas nenhum monumento de irrefragavel auctoridade, nenhuma tradição ininterrupta e universal ficou permanecendo, a qual podesse demonstrar que se tivesse rematado a empreza admiravel de rodear navegando as terras africanas desde o Mediterraneo ou o Atlantico occidental até ao seio Arabico ou Mar Vermelho.

Se não de tão assombrosa magnitude como os descobrimentos portuguezes até abicarem seus baixeis ás terras indianas, ao menos em certa maneira extraordinarias e conducentes ao trato e communicação de povos afastados, se conservaram nas historias, como feitos incontroversos e notaveis, algumas expedições na antiguidade. Quem poderia, porventura, duvidar de que Alexandre, o bellicoso chefe macedonio, levou com as suas armas os seus triumphos até

---

[1] Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 16, 17 e 53.

á peninsula do Ganges em suas terrestres excursões e abriu mais ampla senda entre os antigos á communicação do Occidente com as regiões orientaes? Quem não crê que das expedições do grande macedonio advieram, como testifica Strabo, novas luzes á sciencia geographica[1]?

Quem poderia contestar que desde o undecimo seculo a Europa guerreira arremetteu por muitas vezes contra a Asia, no impetuoso movimento das cruzadas, e que por ellas se estreitaram novamente os vinculos de duas civilisações? Se pois tão espantosa façanha tivera alguem realmente posto em obra, qual era a navegação desde as extremas occidentaes do mundo conhecido até ao litoral da Arabia, como teriam os povos europeus, em tempos de illuminada cultura scientifica e social, os gregos e os romanos principalmente, deixado caír no olvido mais completo esta maravilhosa revolução, a qual teria transmudado inteiramente a sciencia, o commercio, a civilisação na antiguidade? As primeiras novas dos descobrimentos portuguezes deram tão alto rebate em toda a Europa, como

---

1 Strabo, *Geogr.*, liv. I, cap. II, n.º 1, ed. Didot, París, 1853, pag. 11.

se improvisamente se cambiaram as condições da sua existencia social[1]. Todas as nações européas até ás da remota e boreal Scandinavia seguiram com olhos curiosos e inquietos cada nova singradura, com que em seus baixeis aventureiros se íam adiantando os navegadores de Portugal. Quando os navegantes portuguezes chegaram á Guiné, a fama d'este feito, o mais inesperado e assombroso de quantos registrára até então a historia maritima do mundo, correu por toda a Europa[2]. Como seria, pois, que o mesmo feito antecipado em remota antiguidade não deixaria um só vestigio na historia politica e mercantil, e apenas se conservaria envolto em fabulosos episodios e contradicções inextricaveis em raros historiadores, geographos e polygraphos gregos e romanos?

---

[1] Barros, *Decad.* I, liv. I, cap. XV. — «Spargendo-se a fama deste feito pellas partes do mundo, ouve de chegar á corte del Rey de Dinamarca e de Suecia e Noruega etc.» Azurara, *Chron. do descobr. e conq. de Guiné,* cap. XCIV, pag. 441.

[2] «Neste tempo por toda a Europa se fallava neste descobrimento da Guiné, como na mais nova cousa, que se podia dizer.» Barros, *Decad.* I, liv. I, cap. VII.

E como será crivel que emprezas maritimas de tão notavel magnitude, quaes se dizem acontecidas na antiguidade, passassem como feitos quasi ignotos, sem accordar um echo na sciencia? Pois navegavam Hannon, Eudoxo, os mareantes ás ordens do curioso Pharaoh, velejavam as gentes maritimas das orlas do Mediterraneo, os tyrios, os phenicios, os carthaginezes, os gregos, os romanos, os ibéros, e a antiguidade permanecia absorta nas suas palmares ignorancias, nos seus erros hereditarios, nas suas fabulas pueris ácerca do Oceano e seus mysterios, da Africa e dos seus habitadores? Nem o trato mercantil, nem a geographia houveram de lucrar o minimo progresso? Ficaram memorados n'uma epopéa celeberrima os errores e navegações do velho Ulysses, que não passaram de um recanto do Mar Egêo, perpetuaram-se no mytho e no poema as expedições dos argonautas até o Phaso, e haveriam de riscar-se da tradição e da memoria as extensas navegações, que ligavam o mundo antigo ás terras escondidas na penumbra do prodigio e do mysterio?

Um auctorisado geographo contemporaneo, que não é parco em contestar aos portuguezes, quanto póde, a originalidade em suas navegações,

comparando as viagens da antiguidade com os modernos descobrimentos, confessa que entre os antigos houve de facto alguns periplos, mas verdadeiros viajantes, taes como a edade moderna os produziu, d'estes que vão ousadamente descobrir as cousas ignoradas, penetrando em povos desconhecidos, internando-se em regiões inexploradas para trazer d'ali, a risco de suas vidas, novas informações, que enriquecem a sciencia, taes viajantes como estes, não os conheceu a antiguidade[1].

Para tornar suspeitas em grande extremo, não sómente as suppostas circumnavegações, mas ainda qualquer navegação, que se extendesse até ao equador, bastaria considerar o que diz Ptolemeu quando ao refutar as asserções de Marino de Tyro, assevera que ninguem até o seu

---

[1] «De vrais voyageurs tels que les ont formés les temps modernes, allant, hardiment à la découverte des choses ignorées, pénétrant chez les peuples inconnus, s'enfonçant dans les pays inexplorés, pour en rapporter, au péril de leur vie, les informations nouvelles, dont s'enrichit la science, des voyageurs de ce caractère, l'antiquité, n'en a guère connu.» Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.*, pag. 150.

tempo havia cursado as regiões equatoriaes, e que tudo quanto d'ellas se contava era apenas especulação e conjectura[1].

---

[1] «Utrum vero illud quod est sub hac linea (aequinoctiali) habitetur, nos hujus scientiam non comprehendimus, quam aliquis non pervenit adeam... usque ad diem hunc nostrum.» Ptolem., *Almagesto,* Dictio., II, cap. VI. Veneza, 1515, fol. 13 vers.

CAPITULO VIII

A SCIENCIA GEOGRAPHICA NA ANTIGUIDADE

> O saber dos antigos nos tempos da sua maxima extensão alargou-se por dois terços do nosso continente, a quarta parte da Asia situada ao sudoeste, e o terço septentrional da Africa.
>
> PESCHEL, *Hist. da geogr*, pag. 29.

O que a sciencia e a geographia aproveitaram entre os antigos com as suppostas ou reaes expedições á costa de Africa, resulta manifesto, quando se vão inquirir as obras, em que a antiguidade consignou o que sabia, ou fabulava, ácerca do nosso globo, da distribuição das terras e das aguas, de quaes regiões eram povoadas ou habitaveis, de quaes desertas e incompativeis com a humana organisação, de que fórmas singulares e extranhas á fauna e á flora conhecida havia a natureza dado mostra nas zonas diversissimas da terra.

Quanto á fórma e aos limites da Africa, e ao modo por que este grande continente era circumdado pelo Oceano, consultados os cosmographos, os historiadores, os philosophos, os eruditos de mais illustre nomeada entre gregos e romanos, apenas se nos deparam erros, dubitações, conjecturas, ou flagrantes dissidencias em suas mal-seguras ou phantasiadas opiniões. E começando pelos gregos da edade aurea, e quando a Grecia cifrava em suas cogitações a flor do pensamento e a nata da sciencia, vemos o cognominado pae da historia dizer-nos unicamente que a Libya ou a Africa é cercada pelo mar, sem accrescentar uma palavra a respeito da sua fórma approximada, e da sua tão notavel terminação em ponta meridional[1]. O historiador grego professa, porém, a verdadeira opinião ácerca de serem continuos um com o outro os dois mares, o Atlantico e o Mar oriental. «Todo o mar, onde navegam os gregos ou hellenos (diz Herodoto), o que está para alem das columnas de Hercules, o qual tem o nome de

---

[1] Herodoto, *Hist.*, liv. IV, cap. XLII.

Atlantico, e o Erythrêo, não constituem mais de que um só e mesmo mar[1].»

Andaram discordantes os antigos sobre este ponto fundamental da geographia, qual era o de saber se o Atlantico e o Mar das Indias se communicavam entre si, e se pelo conseguinte a Africa era ou não circumdada pelas aguas na sua peripheria. Emquanto homens tão eminentes quaes foram, alem de Herodoto, o geometra Eratosthenes[2], o geographo grego Posidonio[3], professavam, de certo de pura intuição, e sem nenhum testemunho experimental, a continuidade necessaria do Oceano, o nome de Hipparcho, do maior astronomo da antiguidade, a quem a sciencia deveu a primeira determinação da obliquidade da ecliptica e do anno tropico, e o mais antigo catalogo de estrellas, escudava a doutrina de que o Oceano Indico se reduzia apenas a um grande lago ou mar interior e mediterraneo, porque a costa africana encurvando-se para leste, ía, segundo o astronomo, approximar a sua extremidade oriental á peninsula de Malaca. Pto-

---

[1] Herodoto, *Hist.*, liv. I, cap. CCII.

[2] Strabo, *Geogr.*, liv. I, cap. III, n.º 13, ed. Didot, pag. 47.

[3] Strabo, liv. II, cap. III, n.º 3, ed. Didot, pag. 81.

lemeu, que tanto renome alcançou entre os antigos e modernos, que as suas doutrinas se receberam durante largo tempo como dogmas nas sciencias cosmographicas, professou e defendeu a opinião de que não havia communicação entre o Oceano Indico e o Mar occidental. O celebrado geographo Strabo, que florecia em principios do primeiro seculo da era christã, e que antes de Ptolemeu compendiou n'uma obra eruditissima o estado dos conhecimentos geographicos no seu tempo, descreve a Libya ou Africa, attribuindo-lhe a figura de um triangulo rectangulo, cuja base é a linha terminada entre o Egypto e as columnas de Hercules. O outro lado ou cátheto adjacente ao angulo recto, é o que decorre desde o Nilo até á Ethiopia, prolongado até ao Atlantico; o terceiro lado ou a hypotenusa, segundo os proprios termos do geographo «é toda a região, que está junto do Oceano entre os ethiopes e os mauritanos[1]».

No conceito de Strabo, venerado como texto da maxima auctoridade entre os antigos, a Africa, em vez de ser inscripta n'um triangulo ap-

---

Strabo, *Geogr.*, liv. XVII, cap. III, n.º 1.

proximadamente equilatero, cujo vertice meridional está situado no Atlantico, ou mar exterior, tem o extremo ao Oriente nas cercanias do Mar Erythrêo ou, como hoje o appellidam, Mar Vermelho.

Strabo, descrevendo em outro logar da sua *Geographia* a fórma do continente africano, tal como por suas conjecturas a ideára, diz que o litoral opposto á Europa é representado por uma linha recta, que desde Alexandria se tirasse até fenecer nas columnas de Hercules, e o lado, que para a banda do meio-dia é contiguo ao Oceano, depois de correr por grande espaço da parte da Ethiopia parallelo ao limite septentrional, se inflecte ou dobra até ir terminar em ponta aguda um pouco ao occidente das columnas. Assim, diz Strabo, é a figura da Africa, á maneira ou similhança de um trapezio[1]. Não se póde conceber mais eloquente e seguro testemunho de quanta e quão profunda era a ignorancia do grande geographo hellenico ácerca da exacta configuração da peninsula africana. E note-se que Strabo florecia no primeiro se-

---

[1] Strabo, *Geogr.*, liv. II, cap. V, n.º 33.

culo da era christã, sob a dominação de Augusto e de Tiberio, quando a civilisação romana tocára o apice, quando os exercitos levavam triumphantes as aguias imperiaes a apartadas regiões do mundo conhecido, e quando Elio Gallo, amigo e companheiro do geographo, segundo elle proprio declara em sua obra, chegára com as legiões romanas até á Arabia, quando Cneo Pisão, que regêra a provincia de Africa, havia ministrado ao escriptor algumas informações[1].

E para que avaliemos o que da Africa ou Libya achâmos registrado no texto de um escriptor, que resumia no seu tempo toda a sciencia geographica, reparemos na simpleza das palavras, com que nos premuniu contra a incerteza dos seus conhecimentos africanos. «Tudo o mais (diz Strabo) quanto junto ao vertice d'esta figura está já subjacente á zona torrida, apenas o pomos por conjectura, porque é inaccessivel; e d'ahi resulta que não é possivel o dizer qual é d'esta região a maxima largura[2]». E mais adian-

---

[1] Strabo, *Geogr.*, liv. II, cap. V, n.º 33.

[2] Strabo, *Geogr.*, liv. XVII, cap. III, n.º 1.

te, ao concluir a descripção da Libya, declara sinceramente a sua ignorancia ácerca da maior porção da Africa, escrevendo: «Não se podem explicar os limites da Ethiopia, nem da Libya, ainda mesmo da que confronta com o Egypto ou está junto do Oceano[1]».

Reconhece e propugna Strabo entre os antigos a continuidade dos mares, que circumdam a terra continente. Em seu conceito, a parte solida e emergente, que as aguas estão banhando por toda a parte, é uma ilha de immensas proporções. E em confirmação da sua doutrina adduz o geographo greco-romano que todos os que ousaram circumnavegar os continentes e houveram de retroceder em seu caminho, não volveram sobre seus passos, porque alguma terra interposta lhes obstasse, mas porque, tornando-se o mar innavegavel, os coagíra a solidão das aguas e a penuria das suas matalotagens a desistir da empreza começada[2].

O auctor do *Periplo do Mar Erythrêo,* ou fosse Arriano, como alguns presuppozeram, ou

---

[1] Strabo, *Geogr.,* liv. XVII, cap. III, n.º 23.

[2] Strabo, *Geogr.,* liv. I, cap. I, n.º 8.

um grego desconhecido, dando como inconcusso que o Oceano desde o cabo Rhaptum para o Meio-dia ainda não fôra navegado, affirma por simples, mas exacta conjectura, que alem daquelle promontorio o mar encurvando-se para o occidente no sul da Ethiopia, da Libya e da Africa se ía continuar com o Oceano occidental[1].

Ptolemeu assigna por limites á porção continental do nosso globo uma terra incognita, que fica adjacente aos povos orientaes da Asia, os *Sines* e os *Séres,* ao sul uma região egualmente desconhecida, cercada pelo Oceano Indico, e abraçando a parte mais meridional da Ethiopia, chamada Agisymba[2]. Na concepção do geographo alexandrino esta região é de extrema largura[3]. De maneira que a Africa, em vez de ir-se coarctando e restringindo ao avançar para o Meio-dia, pelo contrario se vae a uma e outra parte dilatando. O Mar das Indias era, segundo a crença de Pto-

---

1 *Peripl. Mar. Erythr.,* cap. XVIII, em Peschel, *Gesch. der Erdk.,* pag. 17–18.

2 Ptolem., *Geogr.,* liv. VII, cap. V, ed. de Francfort, 1619, pag. 181.

3 Ptolem., *Geogr.,* liv. IV, cap. IX, pag. 115.

lemeu, um mar interior e cerrado á similhança do Mediterraneo[1].

Nenhuma noção, sequer approximativa, da fórma verdadeira do continente africano se nos depara nos escriptos da antiguidade. Alguns escriptores a partir do Golfo Arabico ou Mar Vermelho figuravam desviada para o oriente a costa oriental da Africa, encurvando-a e atormentando-a a seu talante até ir entestar com as regiões orientaes da Asia. O Oceano Indico apparecia n'esta concepção systematica *à priori* da antiga geographia como um mar interior, á similhança do Mediterraneo[2]. Toda a communicação entre o Atlantico e o Mar das Indias desapparecia totalmente e a navegação á roda da Africa ficava perpetuamente prohibida pela ciosa natureza, que assim quizera condemnar os homens das mais apartadas regiões á eterna separação. Na theoria geographica de Ptolemeu, a Africa, em vez de ter a fórma triangular e de ir estreitando mais e mais até que um extremo promontorio a

---

1 Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.*, Paris, 1873, pag. 207.

2 Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 55–57. Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.*, pag. 207.

terminasse alem do equador, se ía ensanchando á medida que se alongava desde o Septentrião até ao Meio-dia[1].

Eram tão indefinidos, tão confusos, tão conjecturaes e desprovidos de fundamento experimental os pareceres ácerca da Africa, entre os antigos, que passava quasi em proverbio o ser inhabitavel a zona intertropical. Aristoteles, com a auctoridade omnipotente do seu nome, decretára como dogma que as regiões comprehendidas entre os tropicos não consentiam humana habitação[2]. Esta opinião perpetuou-se triumphante nos escriptos dos gregos e romanos até alcançar a sua maior consagração na geographia do alexandrino Ptolemeu. E é notavel que fosse um portuguez o primeiro que, depois dos assombrosos descobrimentos do seculo XV, ousasse descrer abertamente da doutrina do grande mestre e em phrase ironica e zombeteira chancear das suas opiniões. Foi este portuguez o navegador Diogo Gomes, que des-

---

1 Antonio Ribeiro dos Santos, *Memoria sobre a novidade da navegação portugueza no seculo* XV, nas *Mem. de litterat.* da acad. real das sciencias, tom. VIII, pag. 355.

2 Aristot, *Meteorologia,* liv. II, cap. V.

crevendo na sua obra *De prima inventione Guineae* a opulenta vegetação da costa dos Jalofos, se levanta contra o dogma de Ptolemeu em palavras, que resumem uma inteira revolução na geographia. «E tudo isto escrevo eu com permissão de sua mercê, Ptolemeu, que em verdade muito boas cousas escreveu ácerca da divisão do mundo, mas n'um ponto pensou erroneamente. Em tres partes distribuiu a terra conhecida, nas zonas medias habitaveis, na arctica inhabitavel por causa do seu frio, e na tropica egualmente incapaz de habitação em rasão do seu calor. Porém agora o contrario se demonstrou. Junto ao equador habitam innumeraveis tribus negras, e as arvores se alteiam a incriveis dimensões[1]». E todavia Gémino, seculo e meio depois de Aristoteles, já resolutamente professava que a terra era entre os tropicos habitada[2]. E Polybio no seu tratado *Da terra habi-*

---

[1] Diogo Gomes, *De prima inventione Guineae,* publicado pelo dr. Schmeller nas *Mem. da acad. das sciencias de Munich,* 1845. Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck,* pag. 71.

[2] Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.,* pag. 148

tavel junto do equador deixára escripto que os logares proximos á linha equinocial, não sómente eram povoados, senão que disfructavam melhor clima que as terras tropicaes[1]. O maximo orador e o philosopho mais illuminado e pensador entre os romanos, Cicero, teve para si, como dogma incontrovertivel, que sómente as duas zonas temperadas possuiam o singular privilegio de habitaveis[2]. Para o lyrico de Roma, quando a Libya nas suas regiões septentrionaes fôra cursada já triumphantemente pelos exercitos da republica e do imperio, ainda a Africa intertropical é a *terra domibus negata,* a região perpetuamente incompativel com a humana habitação pela demasiada vizinhança ao carro do sol[3]. Assentava-se que pouco abaixo do parallelo de 12° ao norte do

---

1 Polybio, no tratado περὶ τῆς περὶ ἰσημερινὸν οἰκήσεως, cit. em Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.*

2 Cicer., *Somnium Scipionis,* em Ciceri *Opera omnia,* ed. elzevir., 1661, pag. 1318.

3 Pone sub curru nimium propinqui
Solis, in *terra domibus negata:*
Dulce ridentem Lalagem amabo,
Dulce loquentem.

Horacio, *Odes,* liv. 1, ode XXII.

equador, principiavam aquellas terras ardentissimas, onde o calor excessivo tornava impossivel a existencia aos humanos organismos. Era como se o sol, imitando os costumes guerreiros dos povoadores da Africa intertropical, estivesse ali sempre despedindo a suas hervadas frechas e venábulos contra quem se aventurasse a ultrapassar os marcos e fronteiras das terras habitaveis.

O antigo geographo Posidonio, citado por Strabo, admittia como verdade incontestavel que a zona torrida não podia ser habitada[1].

O proprio Strabo, expondo a repartição do globo terrestre em cinco zonas, crê que é inhabitada a que está comprehendida pelos tropicos, e considera egualmente despovoadas as zonas frigidas ou glaciaes, que decorrem desde os circulos polares até cada um dos polos. Sómente em sua opinião são habitaveis as temperadas[2].

Segundo Strabo a terra habitada estava comprehendida entre o parallelo que passa pela Hi-

---

[1] Strabo, *Geogr.*, liv. II, cap. III, n.º 3.

[2] «Ἀοικήτους δὲ τὰς ἄλλας [ζώνας], τὴν μὲν διὰ καῦμα, τὰς δὲ διὰ ψῦχος.» Strabo, *Geogr.*, liv. II, cap. V, n.º 3, ed. Didot, pag. 91.

bernia e a que elle descrevia como região *cinammomifera,* situada na margem meridional do Mar Erythrêo[1]. Projectada n'um plano a terra habitavel, apparecia, segundo a opinião do geographo, na figura de uma chlamyde.

Era corrente entre os antigos a crença de que certas regiões do Mar Atlantico eram totalmente innavegaveis, ou pelo menos tão cortadas de contradicções e embaraços, que ninguem se aventurava a devassar os seus mysterios. Acreditavam uns, com Scyllax e Plutarcho, que o Oceano se não podia navegar, porque as suas aguas eram pouco profundas e cenagosas; o seu leito de vasa e lodo abundantissimo, a sua superficie alastrada de plantas marinas em tão copiosa multidão, que não era dado ao navegante despear-se em meio do seu fluctuante labyrintho. Haviam outros para si que o Oceano se não podia navegar por ser immovel, como se fôra difficil romper-lhe o seio e cursar livremente á sua flor. Suppunham alguns que os ventos estavam em certas paragens como que represos e estancados, privando os mareantes do recurso, que

---

[1] Strabo, *Geogr.*, liv. II, cap. V, n.º 14, pag. 98.

na ausencia dos mais modernos propulsores se reduzia em grande parte ao panno dos navios.

No conceito geographico de Strabo o mar ou o Atlantico não póde navegar-se pela sua immensidade e solidão[1].

Phantasiavam os mais propensos a prodigios que alem de certas latitudes era a luz confusa e vaga, de maneira que o triste navegador não podia ver o caminho que levava. Affirmavam alguns, que nem estrellas appareciam luzindo nos espaços, accrescentando-se por este modo á sombria escuridão dos desertos oceanicos a monotona solidão do firmamento. Imbuidos nas ficções da mythologia, que ainda então confrontava de mui perto com a sciencia geographica, povoavam outros o Atlantico de prodigios e de monstros implacaveis, que fariam hesitar a Jason e ao proprio Hercules e recuar assombrados e vencidos os mais impertérritos navegadores. A outros inspirava o largo Oceano como que um horror sagrado, porque o sol ao sepultar-se no ultimo Occidente, se immer-

---

[1] «Θαλαττῃ μηκέτι πλεῖσθαι δυναμένῃ διὰ τὸ μέγεθος καὶ τὴν ἐρημίαν». Strabo, *Geogr.*, liv. II, cap. V, n.º 6, ed. Didot, pag. 93.

gia afogueado no seu pélago e á similhança de um immenso ferro em braza, que de improviso nas aguas se afundisse, celebrava as suas exequias temerosas com horrido estridor[1]. Estas singulares e extravagantes opiniões tinham para escudar-se os nomes dos mais celebres auctores da antiguidade, e entre elles Seneca, o philosopho, que tão perspicuamente se antecipou, adivinhando vagamente algumas doutrinas verdadeiras das modernas sciencias naturaes; para quem, todavia, o Oceano era o *mare immotum e a pigra moles,* o mar immovel e preguiçoso[2]; Plinio, o antigo, que de verdades insuspeitas e de fabulas infantis entreteceu a sua vasta encyclopedia, a que deu o nome de *Historia natural;* Festo Avieno, para cuja phanta-

---

1 Strabo refere que o geographo grego Posidonio quizera, indo ao Atlantico occidental, por sua propria inspecção ocular, certificar-se da lenda popular, segundo a qual o sol, ao immergir-se no Oceano, fazia um ruido extranho e temeroso. Strabo, *Geogr.*, liv. III, cap. I, n.º 5, pag. 138.

2 «Stat immotum mare et quasi deficientis in suo fine naturæ pigra moles ... confusa lux alta caligine, et interceptus tenebris dies ... nulla aut ignota sidera». Seneca, *Lib. Suasor,* pag. 2, ed. Beckmann.

sia geographica, dominada pelas fabulas ardilosas dos navegadores carthaginezes, não ha sequer uma bafagem, que aos baixeis possa servir de propulsor no vasto Oceano, envolto perpetuamente no seu véu caliginoso[1], o proprio Tacito, o grave e austero historiador, que, se foi um profundo conhecedor do humano coração e da romana sociedade, obedeceu na interpretação da natureza aos erros e preconceitos do seculo, em que viveu.

Não é porém justo contestar á antiguidade que muitas verdades geographicas, de envolta com erros lastimaveis e fabulas infantis, estão compendiadas no que ella nos legou nas obras dos seus mais notaveis escriptores. Dos descobrimentos geographicos dos phenicios não restou outra memoria senão o que d'elles aprenderam e trasladaram os hellenos, que com essa nação navegadora se acharam desde tempos mui

---

[1] «Desint quod alto flabra propellentia
Nullusque puppim spiritus cœli juvet
Dehinc quod ethram quodam amictu vestiat
Caligo, semper nebula condat gurgitem,
Et crassiore nubilum perstet die.»

Fest. Avien., *Ora maritima*, vers. 385-389.

remotos em frequente communicação. D'elles receberam os gregos a divisão da terra conhecida em tres grandes regiões, Europa, Asia e Libya[1].

O seu extenso trato mercantil, exercitado por caravanas em caminhos terrestres até mui longe em terras orientaes, e as suas extensas navegações no Mediterraneo e no Mar Erythrêo ou Indo-arabigo, davam-lhes occasião a que fossem desde tempos mui antigos as suas noticias geographicas mais copiosas e exactas que as dos povos seus contemporaneos[2]. Se não foi verdadeiro o periplo de Hannon, e se os carthaginezes não chegaram, como pretendem alguns modernos, até o Cabo Verde ou ao Cabo das Palmas[3], é todavia indubitavel que foram de todos os antigos navegadores os que mais se aventuraram no Oceano. Similhantes aos portuguezes nos primeiros tempos dos seus descobrimentos africanos, os carthaginezes, no seu empenho de mo-

---

1 Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 16.

2 Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 17–18.

3 «Am wahrscheinlichsten ist die Fahrt wenigstens bis zu dem weit vorspringenden Cap Verde der spätern Zeit vorgedrungen, vielleicht bis zum Cap Palmas.» Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 23.

nopolisar a navegação, escondiam, quanto possivel, aos demais povos as derrotas, que seguiam no Atlantico[1]. D'elles, porém, quando os submetteram, herdando com suas victorias o senhorio dos mares, derivaram os romanos a respeito da geographia muitos conhecimentos que apparecem consignados nos seus mais illustres escriptores[2].

Taes eram, brevemente summariadas, as idéas que ácerca da Africa vogavam entre os antigos. Ou eram erros manifestos nos geographos, que mais distavam da verdade, ou noções incompletas e confusas n'aquelles, que, de mais perspicuo e subtil entendimento, suppriam com a deducção o conhecimento experimental e mais se empenhavam por acercar-se á natureza.

---

1 Strabo, liv. XVII, cap. I, n.º 19, pag. 681.—Ritter, *Gesch. der Erdk., und der Entdeck.*, pag. 30.

2 Ritter, *Gesch. der Erdk., und der Entdeck.*, pag. 23.

CAPITULO IX

A GEOGRAPHIA DA EDADE MÉDIA

> O conhecimento das leis fundamentaes da natureza nas regiões conhecidas limitou-se . . . á repetição das concepções da antiguidade, preferindo-se com frequencia as mais erroneas.
>
> PESCHEL, *Hist. da geogr.*, pag. 93.

Depois que deixou de luzir a civilisação hellenica e a romana, que a herdou e usufruiu, sem comtudo a melhorar e enriquecer pelo que toca á sciencia e geographia, seguiu-se a edade média, que não foi de todo o ponto escura e tenebrosa, como d'antes se presumia, e onde, muito ao revez, ainda havia diffundidos uns clarões, como de sol, que no occaso se escondia. Os primeiros seculos d'aquella edade foram, de feito, á similhança de um crepusculo da tarde após um dia, em que o astro principal brilhára com toda a pompa e luzimento. Descortinava-se ao

longe, a perder-se como que em remotos horizontes, a esplendida, mas incompleta civilisação da antiguidade. Seguiram-se depois alguns seculos de mais escassa luz, como se um longo eclipse offuscára, sem de todo entenebrecer o firmamento. Mas no seculo XII principiam as sombras a dissipar-se. O XIII é já um seculo de luz e claridade. Recomeçam a distinguir-se melhor delineadas, mais visiveis as feições da antiguidade. Já ha sabios, eruditos, pensadores, que desentranham e interrogam os thesouros da intelligencia, escondidos na crypta centenaria das classicas edades. A geographia e as sciencias cosmographicas, segundo nol-as havia legado o genio dos antigos, encontram nos espiritos selectos devotadissimos cultores, que todavia a seu talante as interpretam e commentam, fazendo retrogradar os conhecimentos geographicos para alem dos tempos, em que haviam ensinado os Plinios e Ptolemeus, os Strabos e Pomponios. Os escriptores, que floresceram desde o V ao IX seculo, e entre elles Macrobio, o hespanhol Paulo Orosio, Cosmas, appellidado o *Egypcio* ou *Indicopleustas*, o encyclopedico Isidoro de Sevilha,—o Humboldt do VII seculo,—Marciano Ca-

pella, o veneravel Beda, o anonymo de Ravenna, Francon o *Scolastico,* Adelbold, de Utrecht, e os geographos arabes Masudi e Ibn Haukal, todos ignoraram a fórma do continente africano e o seu prolongamento alem do equador, e desconheceram inteiramente as regiões, que se dilatam para o sul desde a Ethiopia oriental. Ensinavam com muitos dos antigos que era inhabitavel ou despovoada a zona torrida, ou haviam por demonstrado que era impossivel navegar no Oceano alem dos términos impostos pelas columnas de Hercules, ou finalmente apenas possuiam noções incompletas e indecisas ácerca das costas da Africa, banhadas ao occidente pelo Atlantico[1].

A partir do seculo XII principia a operar-se nos espiritos aquella saudavel revolução, que se manifesta já poderosa no XIII seculo e que chega á sua maturidade nos dois seculos seguintes. Apparecem na christandade alguns d'estes engenhos eminentes, que das summidades intelle-

---

[1] Visconde de Santarem, *Recherches sur la découverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique, au delà du cap Bojador,* Paris, 1842, introd., pag. XXVII–XXXVI.

ctuaes, aonde culminam, estão já entrevendo as fórmas do futuro pensamento, assim como o viandante, que se altea ás cumieiras das altas serranias, alcança, ainda que vagos e longinquos, mais amplos e extendidos horizontes do que os homens, que estanceam na fundura dos valles e das quebradas. Florescem principalmente nas Hespanhas alguns arabes, que pelos seus escriptos conquistaram um logar assignalado na historia da intelligencia. Mas os erros e as phantasias geographicas, auctorisadas com o sêllo venerando dos antigos escriptores da Grecia e Roma, continuam a ter curso e valimento.

A zona torrida é ainda considerada inhabitavel. Á edade média, com poucas excepções, admittiu com terminante affirmação esta doutrina como verdade absoluta, esquecendo algumas antigas opiniões, que antecipando-se aos futuros descobrimentos, a proclamavam compativel com a humana habitação[1]. O exame de um grande

---

1 «Die Behauptung von der Unbewohnbarkeit der heissen Erdgürtel gegen die bereits richtige Erkenntniss des Alterthums, mit verschärften Worten vorgetragen wurde, eine Irrlehre, welche bis zum 15. Jahrhundert die Fort-

numero dos mais auctorisados e famosos monumentos cartographicos, não deixa a minima duvida de que era esta a doutrina professada pelos cosmographos antes das navegações e descobrimentos portuguezes[1]. No proprio mappa-mundi de Marino Sanudo de 1320, adjunto á sua notavel obra *Secretum fidelium crucis,* o qual é porventura de todos os da edade média o que menos se distanceia da verdade ácerca da Africa, apparece logo ao sul das nascentes do Nilo a legenda caracteristica «*Regio inhabitabilis propter calorem*[2]».

N'este ponto, Honorio de Autun, na sua *Imago mundi,* Brunetto Latini, um dos homens de mais profunda erudição, o mestre celeberrimo do Dante, na sua obra intitulada *Li livre dou*

---

schritte der Erdkunde immer wieder auf Abwege führen sollte.» Peschel, *Gesch. der Erdk.,* pag. 93.

[1] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.,* II, pag. 1.

[2] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.,* III, pag. 202. Veja-se a carta de Sanudo no *Atlas* do visconde de Santarem, e em Peschel, *Gesch. der Erdk.,* carta gravada appensa á pag. 191.

Tresor, não estão, como n'outros pontos capitaes da geographia africana, mais adiantados que os seus predecessores na antiguidade e nos tempos médios. Os dois grandes luminares do seculo XIII, o dominicano allemão Alberto de Bollstadt, cognominado Magno, e superior a elle o franciscano inglez Roger Bacon, posto que sem despertar echo á sua doutrina, começam a impugnar a antiga opinião de que as regiões intertropicaes não consentem habitadores. No sentir do philosopho germanico eram tidas por habitaveis as margens e as ilhas dos mares intertropicaes[1]. Roger Bacon, o mais eminente pensador da edade média, sómente julga por incapaz de habitação o hemispherio austral do nosso globo[2]. Dos escriptos d'estes sabios, porém, se manifesta que nos conceitos positivos ácerca da Africa meridional e occidental se não avanta-

---

1 Alberti Magni. *De natura locorum*, lib. I., cap. VI.— Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 70.

2 Roger Bacon, *Opus majus*, Londres, 1733, fol. 81.— Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 69.

javam aos seus predecessores[1], e ignoravam que este vasto continente se prolongava coarctando-se para a parte meridional e ía terminar n'um cabo situado ao sul do equador.

O seculo XIII é o tempo das grandes encyclopedias, onde os sabios compendiavam tudo quanto na Europa era sabido ácerca da natureza e da humanidade. São conhecidos e apreciados como valiosos monumentos, em que se vêem registrados todos os conhecimentos n'aquella edade estudiosa, o *Speculum*, de Vicente de Beauvais, ou Bellovacense, o livro *De rerum natura*, de Thomás Cantipratense, discipulo de Alberto Magno. A geographia africana não adianta porém um unico passo pelos trabalhos d'aquelles eruditos escriptores, que se adstringem a compilar a sciencia dos antigos em vez de illustrarem a sciencia da natureza com os lumes da propria investigação. No seculo XIV o cardeal Pedro d'Ailly, mais conhecido pelo nome alatinado de Petrus Alliacus, na sua *Imago mundi*, apesar do

---

[1] Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte*, etc., introd., pag. L-LIII e LV-LVI.

cognome que lhe deram os seus contemporaneos, appellidando-o *a aguia dos doutores,* ainda suppunha que a região ao sul do monte Atlas era inhabitavel por causa do extremo ardor[1].

Seguindo uma doutrina absurda auctorisada pelo philosopho Seneca, julgava o cardeal empreza facil e expedita o navegar em poucos dias desde a costa occidental da peninsula hispanica até ás Indias orientaes, porque, em seu parecer, apenas mediava entre uma e outra região um breve espaço do Atlantico[2].

Os progressos experimentaes, que vieram de algum modo enriquecer durante a edade média a geographia, são devidos por uma parte aos viajantes europeus, que por terra peregrinaram até paragens remotas do Oriente, e por outra parte aos geographos musulmanos, entre os quaes tiveram logar distincto os arabes da Hespanha.

---

[1] Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte,* etc., pag. 107.

[2] Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte,* etc., pag. 289.

O grande numero de viajantes, que ou enviados em embaixada a potentados orientaes, ou apenas estimulados da propria curiosidade, haviam visitado e percorrido a Asia, alguns d'elles até os ultimos confins, attestam que desejos fervorosos de aventuras e de viagens para alem dos estreitos limites europeus, incitavam a christandade nos tempos que decorrem desde principios do XIII até ao XV seculo. Toda esta corrente se dirigia em terrestres peregrinações á Asia oriental. Com ellas se accrescentava e corrigia n'alguns pontos a geographia asiatica. Os fructos, porém, que a sciencia e os monumentos cartographicos podiam colher d'estas viagens durante a edade média, eram na maxima parte desaproveitados. Os cartographos, pela difficuldade do commercio litterario e scientifico, ou ignoravam os descobrimentos consignados nas relações dos viajantes, ou, conhecendo-os, os desdenhavam por fabulosos e continuavam a ater-se com religiosa observancia e idolatria ás idéas geographicas da veneranda antiguidade, como se Marco Polo, ou Odorico de Perdonone, que viram com seus olhos a verdadeira China, merecessem menos fé que Ptolemeu, que apenas rastreára vagamente os *seres* e os *sinas* do

ultimo Oriente[1]. A crença fanatica, cega, obstinada no geographo alexandrino continuou a dominar os espiritos por toda a edade média e ainda alem da sua terminação[2]. Mas os grandes problemas, que a antiguidade havia posto e deixado sem plausivel solução ácerca da Africa, da communicação dos dois mares Indico e Occidental, e da verdadeira fórma da peninsula africana, em nada haviam adiantado com as longas e penosas deambulações de Marco Polo, de Conti, ou Mandeville. A geographia da Libya continuava a ter por fontes principaes os textos dos geographos antigos, a conjectura ou a phantasia dos sabios e dos cartographos. A sciencia do globo terrestre, exceptuada a Europa, uma parte da Asia, e as regiões africanas septentrionaes, era um ponto de interrogação, a que ninguem podéra substituir uma doutrina exacta e verdadeira.

---

1 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, introd., pag. XIII. Ibid., II, pag. LII.

2 Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 23. Segundo o illustre geographo allemão, ainda em 1822 Mannert affirmava que o lago Tsad devia ter-se formado modernamente, porque não apparecia notado em Ptolemeu.

Se os escriptores e viajantes até principios do seculo XIV nada tinham illuminado a geographia pelo que respeita á peninsula africana, os cartographos mais illustres da edade média a deixaram egualmente ignorada ou obscura. A mais notavel das cartas desenhadas durante aquelles tempos é a de 1320, de Marino Sanuto, ou Sanudo, como pretendem que se escreva correctamente o nome do celebre veneziano[1]. Adoptou este cartographo a opinião de que os dois mares Indico e Atlantico tinham entre si communicação, e n'este presupposto apparece no mappa-mundi a Africa já circumdada pelo mar, sem comtudo apresentar a sua figura verdadeira, mas só delineada segundo as noções incorrectas dos antigos e dos arabes[2]. A fórma do continente, ainda na maxima parte desconhecido, não tem n'este planispherio outra similhança com a sua verdadeira configuração senão a de constituir uma peninsula, limitada pelo Atlantico e o mar das Indias. Em vez de uma ponta situada ao meio-dia,

---

[1] Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.*, pag. 291.

[2] «Aus arabischen Karten hat Sanuto sein Bild von Africa entlehnt.» Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 192.

muito alem do equador, o litoral da Africa, segundo o cosmographo veneziano, vae-se encurvando para o Oriente até que, acercando-se ás regiões, que elle chama *India magna* e *finis Indiae,* transforma o oceano Oriental ou Indico n'um mar mediterraneo[1]. A fórma erronea e puramente conjectural, attribuida á peninsula africana por Marino Sanudo, reproduz-se nas cartas subsequentes durante o XV seculo, na de Andrea Bianco, de 1436, e no proprio globo de Nuremberg, construido pelo celebre cosmographo Martim Behaim, ou de Bohemia, como nossos chronistas o appellidaram[2]. As cartas da edade média, ainda mesmo as do XV seculo, persistem tenacissimas em attribuir á Africa a figura, que os antigos lhe assignaram. Em todas, logo á saída do estreito de Gibraltar, a costa africana vae discorrendo para leste n'uma linha, senão recta, pelo menos de mui escassa curvatura, e em muitos casos se prolonga na mesma direcção até um meridiano, que passa pela India. Em nenhum monumento cartogra-

---

1 Peschel, *Gesch. der Erdk.,* pag. 192.—Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.,* III, pag. 209.

2 Peschel, *Gesch. der Erdk.,* pag. 192.

phico a peninsula africana se projecta alem do decimo grau de latitude meridional[1]. A região correspondente á costa de Guiné é ainda n'estas cartas injustamente condemnada como «região inhabitavel por causa do calor[2]». Em outros monumentos cartographicos de mais antiga data, se manifesta ser acceita a seus auctores a mesma opinião de que a Africa não avançava para o sul, indo terminar em promontorio. No celebrado mappa-mundi do XIII seculo, na cathedral de Hereford, apparece figurada a costa de Africa de maneira que, a partir das columnas de Hercules ou do estreito de Gibraltar, se vae inclinando mais e mais para o oriente, até ir entestar com o Mar Vermelho. Todo o negro continente, na concepção erronea do cartographo, está comprehendido no hemispherio boreal, áquem do equador[3]. Ainda em varios monumentos cartographicos do XV seculo, se

---

[1] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, introd., pag. L–LI.

[2] Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte*, etc., pag. 90.

[3] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, II, pag. 380.

nos depara a mais completa ignorancia ácerca da figura verdadeira da peninsula africana. Os cartographos continuam a jurar nos dictames da antiguidade, havidos por irrecusaveis e sagrados. Assim no mappa do museu Borgia, a Africa, a partir do estreito de Gibraltar, vae rapidamente inclinando para leste, obedecendo á hypothese gratuita dos geographos greco-romanos[1]. Na carta dos irmãos Pizzigani, na celebrada carta catalã de 1375[2], na das *Chronicas de S. Diniz*, de 1367, desenhada em tempos do rei de França Carlos V, o sabio, na de Pinelli, pelos fins do seculo XIV, em todas o litoral africano é apenas traçado como indicando que sómente conheciam seus auctores a costa situada até ao cabo Bojador[3]. Egualmente ignorantes do que decorre alem d'este famoso promontorio, se mostram os monumentos cartographicos do se-

---

1 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 287.

2 Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte*, etc., pag. 92-93.—Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.*, pag. 291.

3 Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte*, etc., pag. 91-96.

culo XV, anteriores aos immortaes descobrimentos portuguezes. Taes são o mappa-mundi no manuscripto de Pomponio Mela, da bibliotheca de Rheims, de 1417, a carta de 1424, da livraria de Weimar, e varias outras[1], que pelo seu discreto silencio a respeito da geographia africana, estão como que tacitamente declarando que o primeiro descobridor dos mais reconditos segredos geographicos em relação ás terras africanas foi o pequeno, mas heroico Portugal.

---

[1] Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte*, etc., pag. 96–98.

CAPITULO X

A GEOGRAPHIA DOS ARABES

> Na epocha florescente do imperio dos khalifas a sciencia geographica dos arabes abrange todo o antigo mundo.
>
> RITTER, *Hist. da geogr. e dos descobr.*, pag. 163.

Durante a edade média a Europa christã deveu o conhecimento de muitos dos antigos escriptores e as noticias, com que no tocante á geographia as additou e corrigiu, á luminosa cultura intellectual dos arabes, principalmente aos das Hespanhas. «Nenhum povo (no dizer do geographo allemão Peschel) esteve nunca mais que os arabes em condição favoravel e propicia á investigação e conhecimento do antigo mundo. Extendiam a sua dominação desde as Hespanhas até o Indo e a Syr Darja; desde o Caucaso ás terras africanas habitadas pelos negros. Sempre as guerras e conquistas promoveram a geogra-

phia... O idioma do alcorão, como o latim da linguagem ecclesiastica, facilitava a qualquer arabe o accesso a todos os paizes, onde o Islam... florescia. Nos arabes se nos deparam os maiores viajantes, que em qualquer tempo hajam percorrido o globo em terrestres peregrinações, e entre elles o viajante Ben Batuta, que só á sua parte andou maior espaço que o das excursões de Barth e Marco Polo, tomadas juntamente[1]».

Varias circumstancias contribuiam efficazmente para que os arabes, mais do que nenhum outro povo conquistador, ampliassem e enriquecessem a geographia, inscrevendo nos seus quadros muitas e apartadas regiões, ignotas aos antigos ou por elles apenas suspeitadas. Nenhum povo dominador levou a maior grau de fanatismo o furor religioso e o desejo impaciente de converter á sua lei todas as gentes do universo. A espada é nas mãos dos muslimes o terrivel instrumento de uma fé intolerante e exclusi-

---

1 Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 94-95. — Cf. Carl Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 179.

va. Nos tempos de mais viçosa florescencia do imperio musulmano, o dominio e a sciencia geographica dos arabes comprehendia todo o mundo antigo, desde a China, no ultimo Oriente, passando pela Asia, até os extremos confins da Europa occidental, nas terras lusitanicas, e toda a Africa septentrional até o rio Niger[1]. Os musulmanos, a quem injustamente apodava a christandade por incultos, quasi barbaros, foram na edade média, em grande parte, os mestres dos grandes sabios europeus. Foram elles, que interpostos, por assim dizer, á antiguidade e aos tempos medievos, serviram de canal, por onde a antiga sciencia fluiu e se espalhou entre os christãos do Occidente. As grandes cidades, onde se manifestava mais brilhante a vida musulmana, eram fócos, d'onde brotava a jorros a luz da sciencia e litteratura. Bagdad, a côrte dos khalifas, reproduzia sob um novo aspecto a fecunda civilisação, quasi mil annos antes concentrada na pensadora Alexandria. Shiraz, na Persia, Bassrah, Kufa, Damasco, seguindo os exemplos, que lhes estava ministrando a metropole

[1] Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 163.

do khalifado, abriam as suas escolas á curiosidade e ao saber dos crentes no alcorão[1]. A obra classica e oracular da astronomia, a *Syntaxis mégalè*, de Ptolemeu, ou de *Batolema*, na recensão arabiga[2], foi por elles traduzida e divulgada sob o nome de *Almagesto*. A *Geographia*, do mesmo sabio alexandrino, appareceu tambem na versão arabe. A erudição e o saber dos sectarios de Mahomet diffundiu-se pela Europa a favor da conquista musulmana das Hespanhas, que veiu a ser como que um élo fecundo e necessario na historia da civilisação occidental. Eram celebradas na edade média, sob a dynastia dos Ommiadas, as escolas de Cordova e de Sevilha. «Quando no resto da Europa (diz o illustre escriptor allemão Schack, auctor da obra intitulada *Poesia e arte dos arabes na Hespanha e na Sicilia)* nas trevas da mais profunda ignorancia, apenas assomava a primeira claridade da sciencia, na Hespanha se aprendia, e ensinava, e inquiria zelosamente em toda a parte». Muitos dos christãos, que anhelavam por instruir-se, acudiam áquellas metropoles do saber e íam pela

---

[1] Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 164.

[2] Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag 180.

Europa reflectir a luz, que estavam chispeando as escolas musulmanas. Não admira pois que fossem então arabes e muitos d'elles arabes hispanicos os geographos de mais illustre nomeada. Entre todos sem émulo tem Edrisi no XII seculo o principado. São ainda hoje memorados os nomes e apreciados os escriptos de muitos outros illustres mahometanos. Os mais notaveis e importantes livros ácerca da geographia durante a edade média são escriptos em lingua arabiga e têem por seus auctores a muitos sabios, cuja fama transcendeu os limites do mundo musulmano[1].

Em principios do seculo X, figura como apreciavel escriptor de assumptos geographicos, o persa Al-Istakhari. No meado d'aquelle seculo apparece Masudi, cuja grande obra encyclopedica, sob o titulo de *Prados de oiro e minas de pedras preciosas,* Carl Ritter compara na extensão e na copia de noticias á *Historia natural* de Plinio entre os romanos[2].

---

[1] Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 179.

[2] Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 179.

No XI seculo tem a geographia por seus principaes representantes entre os arabes a Bekri e Abiruni. No seculo XII Abu-Abdallah-Mahommed Ibn Mohammed, natural de Ceuta, conhecido geralmente pelo nome univoco de Edrisi, e tambem citado muitas vezes como o *geographo nubiense,* eclipsa a fama dos seus antecessores e contemporaneos.

A sua obra *Nozhat el Moschtac,* ou na versão latina, *Oblectamentum Cupidi,* é preciosa por suas noticias verdadeiras, entretecidas de lendas maravilhosas e de fabulas pueris.

No seculo XIII resplandecem como de geographos notaveis os nomes de Kazwini[1], de Iakut[2], de Ibn Al Wardi, e entre todos os seus contemporaneos alcança a primazia o celebrado Abulfeda da raça principesca dos Eyubidas, e soberano de Hamah, na Syria[3]. Abulfeda é a contar de

---

[1] A sua obra com o titulo de *Cosmographia* appareceu vertida em allemão, *Kaswini's Kosmographie nach der Wustenfeld'schen Textausgabe,* por H. Ethe, Leipzig, 1869.

[2] *Iakut's geographisches Worterbuch, herausgegeben* von F. Wustenfeld, Leipzig, 1866 (Diccionario geogr. de Iakut, publicado por Wustenfeld).

[3] Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.,* pag. 184.

Edrisi, como elle tambem de stirpe regia, o segundo entre os grandes geographos arabigos. A sua notavel obra geographica, *Takwin al Boldan,* que na versão latina tem o titulo de *Liber canonis terrarum*[1], é uma das que mais tem modernamente exercitado o acume litterario dos historiadores da geographia arabiga durante a edade média[2]. Se estes geographos porém colligiram e estudaram o que os escriptores da antiguidade haviam enunciado e serviram a divulgal-o pela Europa, todavia são escassos os progressos, que na parte relativa á Africa central e occidental, e ás navegações no Atlantico lhes deveu a geographia experimental e scientifica[3]. O termo das mais ousadas navegações dos arabes ao longo da costa occidental de Africa, no tempo de Edrisi (XII seculo) era situado a quatro dias de viagem alem de Safi no

---

[1] *Liber canonis terrarum, aucto rerege forti principe Hamah,* versão de Reiske.

[2] É havida como classica a versão franceza da geographia de Abulféda de Reinaud, com a magnifica e erudita introducção, em que se explanam muitos pontos da geographia entre os arabes. París, 1838.

[3] Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.,* pag. 261-263.

litoral do imperio marroquino[1]. Nos tempos, em que Ibn Khaldun escreveu (1377 da nossa chronologia) as viagens mais extensas dos muslimes ao longo das costas africanas occidentaes ficavam sempre áquem do cabo Não[2]. Para Edrisi o *mar tenebroso* é aquelle alem do qual ninguem sabe ainda o que existe[3]. Um hemispherio inteiro do nosso planeta está envolto pelas aguas[4]. O Oceano ao occidente e ao meio-dia é, no dizer de Edrisi, innavegavel pelas trevas profundas, que o escurecem, pela grande elevação das suas vagas, tão altas como serranias, pela furia dos ventos, pela frequencia das borrascas, pela multidão dos monstros ma-

---

1 J. J. da Costa Macedo, *Memoria em que se pretende provar que os arabes não conheceram as Canarias antes dos portuguezes,* nas *Mem. da acad. real das sciencias,* nova serie, tom. II, part. II, pag. 87.—Peschel, *Gesch. der Erdk.,* pag. 118-119.

2 Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte,* etc., pag. 102.—Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.,* pag. 41.

3 Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte,* etc., pag. 99.

4 Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte,* etc., introd., pag. XXXVIII-XXXIX.

rinos[1]. O que os arabes e os seus geographos conhecem da Africa é principalmente as regiões interiores pelas jornadas e excursões, a que em suas caravanas se aventuravam partindo da Barbaria. Já nos fins do seculo XII da era christã o islamismo era a crença dominante no Bornu, e em principios do seculo XIII estendia as suas conquistas até ao grande reino de Melli, no alto Niger[2]. A religião mahometana chegava no mesmo seculo até o Darfur e o Uadai[3]. Os arabes atravessando desde Marrocos o interior da Africa até o Sudan chegavam a Taghaza e encontravam em Walata a primeira grande povoação dos negros[4].

Ao arabe Masudi, no seculo X, eram desconhecidas as regiões banhadas pelo Atlantico nas proprias cercanias do estreito de Gibraltar[5].

1 Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte*, etc., introd., pag. XL.—Edrisi., trad. de Jaubert, pag. 2.

2 Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 113.—Barth, *Nord- und Centralafrika*, II, pag. 309, IV, pag. 417, 603 e 609.

3 Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 114.

4 Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 115.

5 Macedo, *Memoria em que se pretende provar*, etc. pag. 74-75.

Alem d'este limite, no conceito do geographo arabigo, ninguem póde navegar. É interdicta aos mareantes a passagem desde o mar Mediterraneo ao Atlantico, até onde não constava que um só baixel houvesse ainda cursado. O Oceano é, na phrase de Masudi, o mar da escuridão, tambem chamado por outros nomes o mar circumdante e o *mar verde*[1]. A noção admittida por Ibn-Al-Wardi é expressa n'estas palavras: «Pelo que pertence á terra occidental, a sua parte exterior é banhada pelo Oceano ou mar muito tenebroso, em que ninguem mais navega, nem se conhece o que alem d'elle ha[2]».

Segundo Ibn Khaldun, o Atlantico tornava-se intractavel aos navegantes pelos perigos temerosos, que offerecia, e pelos vapores, que se levantavam continuamente acima das suas aguas[3].

---

1 *Historical Encyclopædia entitled Meadows of Gold and Mines of gems,* translated from the arabic by Aloys Sprenger, cit. em Macedo, *Mem. em que se pretende provar,* etc., nas *Mem. da Acad. real das sciencias de Lisboa*, tom. I, part. II, pag. 73.

2 Macedo, *Memoria em que se pretende provar,* etc., nas *Mem. da Acad. real das sciencias de Lisboa.*

3 Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 41-42.— Reinaud, *Aboulféda*, I, pag. 265.

O antigo erro, professado por Aristoteles, e canonisado por Ptolemeu, de que era inhabitavel a zona torrida, encontra nos geographos arabigos durante a edade média devotados seguidores. Edrisi, apesar de conhecer as estações maritimas dos arabes na costa oriental de Africa, a 20° de latitude meridional, consagra tão fanatica veneração ao grande mestre alexandrino, que declara com elle inhabitaveis as regiões intertropicaes[1].

As cartas geographicas dos arabes, seguindo o erro de Hipparcho, transmittido por Ptolemeu, desfiguram o continente da Africa, encurvando de tal modo para o oriente a ponta meridional, que o cabo da Boa Esperança vem a formar um estreito com a peninsula de Malaca[2]. A carta de Edrisi é uma cabal demonstração de que os cartographos arabigos não faziam clara idéa da fórma do continente africano, nem suspeitavam a verdadeira situação do seu extremo austral[3].

---

[1] Edrisi, trad. Jaubert, I, pag. 2. — Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 69.

[2] Peschel, *Gesch. der Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 75.

[3] Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 132-133.

Nos geographos arabigos até o XIV seculo nada podia pois deparar-se de proveitoso a quem desejasse conhecer as terras, que demoravam no litoral africano alem das columnas de Hercules, desde tempos antigos reputadas como término impreterivel das mais audazes navegações.

Sobre qual fosse a influencia dos geographos arabigos na cosmographia e nos trabalhos dos cartographos christãos na edade média, são varios os pareceres entre os modernos historiadores da geographia. Alguns, e entre elles um portuguez eruditissimo, assentam que é sómente pelos fins do XIV seculo que nos monumentos cartographicos começa a revelar-se o influxo dos geographos musulmanos, principalmente no que respeita aos logares e aos nomes africanos e que nos tempos antecedentes fôra insensivel ou apenas manifestado por vestigios duvidosos[1].

---

[1] «A partir de la fin du XIV siècle se fait sentir déjà l'influence positive des géographes arabes sur les cartographes occidentaux. Avant cette époque, cette influence était nulle et s'il s'en reconnaît quelque faible indice, c'est une trace encore fort incertaine... Mais l'influence arabe se manifeste plus que partout ailleurs dans les légendes et dans les noms de l'Afrique.» Visc. de Santarem,

Contraria opinião é professada pelo geographo allemão Oscar Peschel, segundo o qual durante a edade média não sómente as cartas manifestam um progresso na sciencia, senão tambem a effectiva inspiração dos geographos arabigos[1].

Hist. de la Cosm. et de la Cartogr., III, introd., pag. XVI-XVII. Ibid., XXIV.

1 «Entdecken wir auf den gleichzeitigen Landkarten erweiterte Kenntnisse, aber auch deutlich den Einfluss der arabischen Vorstellungen.» Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 169. O geographo allemão na *Historia da epocha dos descobrimentos,* publicada em 1858, sete annos antes de apparecer á luz a sua *Historia da geographia,* professava contraria opinião, suppondo que nenhum indicio se descobre de que os sabios latinos, ou christãos do Occidente, aproveitassem as obras geographicas e os diarios de notaveis viajantes musulmanos. «Nirgends aber findet sich, dass die lateinischen Gelehrten die wichtigen geographischen Werke der Araber oder die Journale ihrer grossen Reisenden benutzte hätten.» Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 121.

CAPITULO XI

AS LENDAS GEOGRAPHICAS DA EDADE MÉDIA

> Les cartographes de la fin même du moyen âge maintiennent dans leurs cartes les fables de leurs devanciers.
>
> Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. XXI.

Na cartographia da edade média estão representadas n'um syncretismo singular as noções dos antigos mal interpretados e entendidos, os elementos geographicos da Biblia e dos santos padres e doutores[1]. Para completar a confusa e phantastica figuração do orbe terrestre conspiram todos os mythos e lendas geographicas, as quaes inspiradas pela mystica imaginação constituiam um fundo de crença popular e respondiam cabalmente a esta necessidade insa-

---

[1] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, II, pag. 105.

ciavel de maravilhas e prodigios, que especialmente caracterisa aquelles tempos nebulosos.

A zona torrida é quasi sempre designada como região inhabitavel nos monumentos cartographicos[1]. Nos mappas se põe de manifesto que os seus debuxadores, em tudo o concernente á geographia de Africa, haviam quasi todos retrocedido aos tempos anteriores aos geographos illustres da sabia antiguidade[2]. As paragens, de que apenas havia obscuras informações, por falta de navegadores ou viajantes, que as tivessem explorado, appareciam nas cartas como regiões povoadas de monstros singulares. No mappa-mundi[3] da bibliotheca de Dijon, do seculo XIII, no logar destinado á zona torrida, está inscripta uma legenda, que alem de outras noções extravagantes, consagra a opinião de que o mar ali parece estar em ebullição[4].

---

1 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, Paris, 1850, I, introd., pag. XXIX.

2 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, introd., pag. XXXIX–XL.

3 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, introd., pag. XLIII.

4 «Ebullitiones maris fieri videntur.» Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, II, 91.

Era o Oceano figurado n'alguns d'aquelles monumentos como uma faxa ou cinta, que em todo o circuito do equador apartava uma da outra as zonas temperadas e as fazia de todo o ponto incommunicaveis[1]. A ignorancia das faunas peculiares a cada região das que eram vagamente suspeitadas ou imperfeitamente conhecidas, era supprida por um mundo de phantasticos e fabulosos animaes, de que a antiguidade ou a edade média povoára a sua maravilhosa e poetica zoologia[2]. Eram os faunos e os satyros poetados pelos antigos. Era esta ave mysteriosa e admiravel, a classica Phenix, que ninguem podéra nunca descortinar, de que porém se acreditavam firmemente as prodigiosas resurreições. Era o basilisco temeroso, cujos olhos eram lethaes, quando n'alguem acertava de os fitar, e de cujas maravilhas o crendeiro Plinio faz memoria na sua vasta encyclopedia[3]. Era a sphynge egypcia tão litteralmente acceita

---

[1] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, introd., pag XLIV.

[2] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, II, introd., pag. LVI.

[3] Plinio, *Hist. nat.*, liv. XXIX, cap. IV, e liv. II, cap. XXI.

por existente, como o podem agora ser em nossos dias os paradoxaes, mas verdadeiros organismos da fauna australiana[1]. Eram os gryphos, a quem o proprio naturalista romano taxára de fabulosos[2].

Antes dos descobrimentos portuguezes a cartographia não sómente peccava por ser inexacta e rude em suas delineações, senão que em seus monumentos acolhia e abrigava quantas noções absurdas, quantas fabulas risiveis, quantos mythos maravilhosos legára a antiguidade, e a simpleza pueril da edade média admittíra como sciencia incontestavel. É singular a anthropologia, segundo nas cartas e mappa-mundis medievos se contém. N'alguns d'elles, como no mappa-mundi do *Polychronicon* de Ranulpho Hygden, no museu britannico, figuram uns povos hermaphroditas com um seio de homem, e outro de mulher, taes como os descrevêra a credulidade facil de Plinio, o naturalista[3]. Ali se notam em certas regiões uns

---

1 Plinio, *Hist. nat.*, liv. II, cap. XXI.

2 Plinio, *Hist. nat.*, liv. II, cap. XXX.

3 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 25.

homens, que têm em cinco annos a maior duração da sua vida, outros, a quem a natureza por uma ironia extravagante adorna de cans a juventude e de cabellos negros a velhice[1]. Ali figuram uns homens extraordinarios, que têm olhos nos hombros e no pescoço[2]. Outros apparecem tão singulares e monstruosos, que têm no peito a bocca e a cabeça[3]. Em outra região habitam os homens, a quem privou de lingua a natureza[4]. Mais alem o cartographo nota com escrupulo as terras onde moram os pygmeus e os cyclopes[5] e os famosos gymnosophistas, que podem contemplar o sol de fito em fito[6]. Segundo a phantasia do cartographo, as amazonas,

---

1 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 26.

2 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 22.

3 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 42.

4 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 43.

5 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 26.

6 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 27.

que fabulou a antiguidade, existiam realmente a leste do rio Don ou Tanais dos antigos[1]. Na Albania figuravam os debuxadores do mappa-mundi a uns homens, que vêem o sol durante a noite[2]. Na carta geographica da cathedral de Hereford, em Inglaterra, um dos mais celebrados monumentos cartographicos da edade média, assignala-se o logar, aonde habitam uns povos sem orelhas, aos quaes o cartographo attribuiu o nome de *Ambari,* e outras gentes de mais singular e monstruosa constructura, os *Scenopodes,* que têm apenas uma perna, e os *Monoculos,* que têm sómente um olho, á guisa de cyclopes[3]. No mesmo mappa-mundi se deparam os *Androgynos* e *Himantopodes*[4], os *Blemmyes,* que por serem desprovidos de cabeça têm a bocca situada sobre o peito, ou nos hombros a

---

1 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.,* III, pag. 29.

2 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.,* III, pag. 30.

3 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.,* II, pag. 393.

4 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.,* II, pag. 394.

bocca e os olhos juntamente[1]. Outros povos ainda mais teratologicos, os *Parvini,* se distinguem por terem quatro olhos[2]. Uns homens de comica e notavel monstruosidade têm os labios de tão larga extensão e mobilidade, que com elles se recatam e defendem contra o sol[3].

Até o fim da edade média, já quando a sciencia principia a desterrar dos dominios da natureza as creações da imaginação, se comprazem os cartographos em attribuir um logar de honra em suas cartas ás mais desvairadas e absurdas phantasias. As sereias mythologicas não desamparam ali o seu posto immemorial e os homens monstruosos continuam a figurar em diversas regiões, mal conhecidas ou ignotas, e a dar á anthropologia poetica a sancção da sua auctoridade[4]. Os fabulosos povos hyperboreos figuram n'algumas cartas, entre outras na de

---

1 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.,* II, pag. 395.

2 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.,* II, pag. 395.

3 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.,* II, pag. 404.

4 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.,* III, introd., pag. XXI.

Henrique de Moguncia, do XII seculo[1], no mappa de Ranulpho Hygden, do XIV seculo, no museu britannico[2]. No mappa-mundi do museu Borgia, traçado já no XV seculo, ainda se consignam como verdades geographicas as fabulas e ficções que sonhára a antiguidade a respeito dos povos hyperboreos. Da sua região são habitantes egualmente os gryphos e os tigres[3]. As gentes hermaphroditas constituem um povo especial na carta de Ranulpho Hygden[4]. No mappa do museu Borgia apparece figurada na Africa a região, onde mulheres hirsutas e ferocissimas são fecundas por simples *parthenogenesis* ou sem necessitarem de maridos[5]. Os *cynocephalos* ou homens com cabeça de cão, são tambem uma das ficções predilectas dos cartographos

---

1 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 474.

2 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 54.

3 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 266–267.

4 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 25.

5 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 294.

durante a edade média e apparecem habitando varias regiões segundo a phantasia dos que inventam e debuxam os monumentos cartographicos[1]. Estes homens singulares e fabulosos ainda encontram representação no celebrado mappamundi de Andrea Bianco, de 1436[2].

As ficções meio religiosas, meio poeticas do antigo paganismo, ou do mysticismo christão, disputavam nos tratados e nos mappas geographicos da edade média um logar de honra ás noções positivas ácerca do nosso globo e com ellas conviviam sem que fosse mui facil distinguir onde terminava o mundo da phantasia para começar a terra conhecida por segura e indubitavel inspecção. Eram varias as lendas geographicas, de que se repastava o espirito poetico ou religioso dos cartographos christãos e dos geographos muslimes ou arabigos durante a edade média.

Era a primeira e mais antiga um reflexo das crenças gentilicas, exornada de formosas am-

---

1 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III.

2 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 391.

plificações pelos poetas gregos e romanos. Era a fabula de um *Elysium,* de uma terra de ineffavel e eterna bemaventurança, onde os justos haveriam de receber a palma e galardão da vida immaculada. Era aquella região afortunada, que segundo a descripção consignada na *Odyssea,* está situada nos confins da terra, «onde habita o flavo Rhadamanto; onde é facillimo aos humanos o viver; onde não ha neve, nem chuva, nem inverno duradouro, e onde o Oceano sopra as auras suaves respiradas pelos zephyros[1]». A esta ilha dos bemaventurados, onde os justos íam receber o premio de terem conservado a alma exempta de peccado, se referiu o grande lyrico Thebano[2]. «N'ella estão as Oceanides espirando as auras suavissimas, e vecejam resplandecendo as aureas flores.» Esta deliciosa estancia debuxada nas obras dos poetas, interpretada ao mesmo tempo na sua acce-

---

[1] *Odyss.*, liv. IV, vers. 563 e seg.

[2] Pindaro, *Olymp., Od.* II, ed. de 1612, pag. 28.

Ἐνθα μακάρων,
Νᾶσον ὠκεανίδες
Αὖραι περιπνεουσιν ἀν-
θεμα δὲ χρυσοῦ φλέγει.

pção theologica e no seu sentido geographico, deu aso a um problema, que todos os eruditos e geographos se afadigaram por solver. Collocava cada um o Elysio ou a terra da bemaventurança, segundo lh'o dictava a imaginação[1]. Todas as sciencias no seu berço, por uma lei indeclinavel do espirito humano, se comprazem em abraçar a fabula e a verdade, o natural e o maravilhoso, a realidade e a ficção. Assim a astronomia, já adulta e opulenta, nem com os sublimes descobrimentos de João Kepler alcançou desenlaçar-se da astrologia. Os sonhos dos alchimistas ainda no seculo XVIII, seculo de profundo scepticismo e de transcendente especulação na philosophia e nas sciencias, invadiam os dominios da chimica moderna. Assim tambem as lendas se mesclavam na antiguidade e na edade média aos conhecimentos racionaes ou positivos da confusa geographia. Fôra para os antigos necessaria a poetica ficção dos Elysios e das ilhas Afortunadas nas extremas fronteiras do mundo conhecido. Aos espiritos medievos, ainda mais anhelantes de cousas

---

[1] Macedo, *Memoria em que se pretende provar*, etc., pag. 38-45.

maravilhosas e excedentes á ordem habitual da natureza, acudiram, para enriquecer o thesouro das suas idéas mysticas na geographia, certas ficções, que se enlaçavam com a que poderiamos appellidar a mythologia christan. Os hagiographos occuparam o campo, que devêra pertencer indiviso aos escriptores da cosmographia. O mytho dos Elysios christianisou-se na idéa geographica do paraiso terreal e das ilhas mysteriosas, vinculadas ás lendas dos santos na meia edade. O celebrado viajante Mandeville, á volta das suas longas excursões, descreve com a pontualidade escrupulosa de quem a tivesse observado, a situação do paraiso. Na carta ou mappamundi das *Chronicas de S. Diniz*, vê-se que o diligente debuxador, mais sollicito de accrescentar de novas fabulas a mythologia christan da edade média, que zeloso de enriquecer de factos certos a geographia positiva, situou o paraiso terreal nos extremos confins do mundo, trasladando ao monumento cartographico a recente e mentirosa narração do gentilhomem inglez[1]. Uma carta delineada logo após as revelações maravilhosas

---

[1] Visc. de Santarem, *Recherches sur la decouverte*, etc., ag. 94.

do explorador Christovão Colombo, que foi ao mesmo passo um mystico fervente, um cosmographo estudioso, e um aventureiro descobridor, não desdenha, já em plena Renascença, de assignar o preciso logar, em que ainda existe o Eden biblico.

Mas os cartographos na edade média não attestam unicamente a sua escrupulosa exactidão em marcar e definir a posição da terra bemaventurada. Do mesmo modo que os antigos assignavam de varias maneiras o logar do *Hades* ou inferno gentilico, assim tambem o inferno e o purgatorio christão achavam nos mappas medievos o seu logar. O famigerado purgatorio de S. Patricio era relegado para os paizes boreaes e situado na Islandia, onde o Hecla, com as suas erupções, parecia desempenhar na ordem da natureza a funcção, que na esphera espiritual e mystica pertencia ao fogo eterno[1].

A ilha de Salomão, situada no Atlantico e na qual se dizia achar-se o corpo do rei sapientissimo n'um castello de fabrica maravilhosa, era outra das fabulas acceitas como realidades geo-

---

[1] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, II, introd., pag. XXIV.

graphicas por alguns dos cosmographos na edade média[1]. Entre elles egualmente passava como se fôra de lei e realmente descoberta a ilha de S. Brandam, tão celebrada nas tradições d'aquelles tempos e nos monumentos cartographicos dos seculos XIV e XV e que ainda apparece figurada no globo de Nuremberg, cujo auctor foi o celebre Martin Behaim[2].

N'esta ilha singular appareciam como que enfeixadas as reminiscencias mythologicas da antiguidade, a noção mystica do paraiso terreal e a lenda hagiographica de um monge irlandez, S. Brandam[3]. Divagando sete annos de ilha em ilha pelo Atlantico, aportára finalmente o santo navegador á terra bemaventurada, que em uberdade e em delicias egualava o paraiso terreal. Esta ilha maravilhosa, de que se nos depara breve descripção na *Imago mundi*, de Honorio d'Autun, e que figura gravemente como authentica região, confundida com as

---

1 Macedo, *Memoria em que se pretende provar*, etc., pag. 77.

2 Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 38.

3 Macedo, *Memoria em que se pretende provar*, etc., pag. 68 e 73.

ilhas Afortunadas na carta da cathedral de Hereford, na dos Pizzigani, de Veneza, de 1367, e na de Andrea Benincasa, atravessa a edade média como thema predilecto dos cosmographos, apesar de que já desde o seculo XIII a averbára de fabulosa e indigna de ser mentada em obra grave, o grande encyclopedico Vicente de Beauvais[1].

Era tambem admittida pelos cartographos a ilha fabulosa das sete cidades, onde segundo a tradição, no tempo da invasão de Hespanha pelos arabes, se havia refugiado um bispo do Porto, levando comsigo grande copia de christãos com seus gados e haveres. Esta ilha apparece ainda figurada no globo de Nuremberg, de Martim Behaim, e na edição de Ptolemeu de 1607[2]. A ilha do Paraiso figura n'alguns dos monumentos cartographicos, entre outros no de Lamberto no XII seculo[3].

---

1 Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 37-39.—Vincent. Bellovacensis, *Speculum historiale,* lib. XXI, cap. 81.

2 Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 129.

3 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, II, pag. 158-159.

Nenhumas entre as ilhas fabulosas são porém mais singulares do que as chamadas pelo geographo Edrisi a *ilha dos homens* e a *ilha das mulheres*. Suppunha-se cada uma d'ellas habitada exclusivamente por individuos do mesmo sexo. Todos os annos porém os homens vinham de longe em suas barcas demandar a ilha das mulheres, que era como se fôra o seu commum harem. E passados breves dias, na folgada convivencia das nymphas solitarias, volviam á sua patria a passar o resto do anno em desconsolada e triste separação[1].

Em muitas cartas apparece representado o paraiso terreal com as figuras de Adão e Eva e a serpente incitadora do peccado original[2]. A posição do paraiso é comtudo variavel. Situavam-n'o uns, — e esta era a mais seguida opinião, — nos extremos confins orientaes da terra habita-

---

[1] Edrisi, trad. de Jaubert, cit. em Macedo, *Memoria em que se pretende provar*, etc., pag. 84.—Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*

[2] No mappa-mundi de um commentario do *Apocalypse* n'um manuscripto do museu britannico do XII seculo. Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, II, pag. 107, e no mappa-mundi da bibliotheca de Turin.

vel. Terçavam em favor d'esta doutrina Honorio d'Autun, Vicente de Beauvais, Roger Bacon, e o cardeal Pedro d'Ailly na sua *Imago mundi*. A supposição d'estes cosmographos era seguida por grande numero de cartographos, que em seus mappas desenhavam o paraiso, com tão plena e sincera consciencia, como se a situação dos seus logares tivera sido determinada por inspecção ocular e por meio de processos astronomicos[1]. O que é por extremo singular é que o proprio Christovão Colombo, fanatisado pelos delirios geographicos da edade média e principalmente pelas doutrinas de Pedro de Ailly, que lhe serviam de fanal, se podesse convencer ao chegar ao golfo de Paria, que ali proximo devia demorar o paraiso terreal[2]. Tão dominado por erroneas theorias se aventurava a seus fortuitos descobrimentos o almirante genovez. Collocavam outros a terra bemaventurada em regiões geographicamente desconhecidas ou figuradas ao sabor e phantasia dos cartogra-

---

[1] Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 291.
[2] Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 291.

phos[1]. N'algumas cartas o paraiso é situado n'uma ilha[2] fóra de toda a terra conhecida.

Uma das lendas, que mais curso tiveram entre os geographos da edade média, foi a das columnas, que estavam erigidas em varios pontos da superficie terrestre e serviam para indicar aos navegantes os términos ou limites, alem dos quaes lhes interdizia a natureza o navegar. Eram antes de todas celebradas as columnas de Hercules ás portas do estreito, que separa do mar interior ou Mediterraneo o mar exterior ou Atlantico. Nos planispherios da edade média é frequente encontrar debuxados estes fabulosos monumentos[3]. A existencia de estatuas colossaes de pedra ou de metal, que em certas ilhas do Oceano estavam como que intimando aos navegantes a tremenda prohibição de passarem adiante, era outra lenda vulgar entre os geographos medievos, christãos e musulmanos.

---

1 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, II, pag 16.

2 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, II, pag. 183 e 193.

3 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, II, pag. 51.

Na ilha de Salomão erguiam-se tres d'estas mysteriosas esculpturas. Uma estatua amarella extendia uma das mãos, intimando no seu gesto ao viajante que retrocedesse no caminho. A segunda era verde e parecia interrogar os mareantes sobre qual era o ponto, aonde levavam direita a proa. A terceira era negra e apontando para o mar insondavel e tenebroso, parecia pronunciar a sentença capital contra o temerario navegador, se persistisse em cursar d'ali ávante[1]. Segundo a obra geographica de Edrisi ha nas ilhas, que chamam Afortunadas, as Fortunatas dos antigos, duas estatuas de pedra de cem covados de altura, e sobre cada uma d'ellas uma figura de bronze, que está com a mão fazendo signal aos navegantes[2]. Segundo o geographo arabe Schems Eddin Mohammed ad-Dimischki, nas praias do mar circumdante proximo das ilhas de Saida, tres estatuas de horrivel catadura faziam aos navegantes eguaes

---

1 Macedo, *Memoria em que se pretende provar,* etc., pag. 77.—Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte*, etc., pag. CII.

2 Macedo, *Memoria em que se pretende provar,* etc., pag. 79.

e temerosas intimações[1]. O que é, porém, sobremaneira singular e denuncia até que ponto eram systematicas e fabulosas em grande parte as concepções geographicas dos mais lucidos espiritos durante a edade média, é que as estatuas e columnas se repetiam no Oceano oriental. Na hypothese seguida pelo arabes de que a Africa, encurvando-se para o Oriente, ía de perto confrontar com a ponta meridional da peninsula indostanica e o mar das Indias apparecia convertido n'um puro mediterraneo, era forçosa a supposição de um estreito correspondente ao de Gibraltar. Ali demandava a symetria que figurassem repetidas as estatuas e as columnas. Havia pois, segundo a expressão de Roger Bacon, um duplice estreito no Oceano, *duplex Gades,* a *Gades de Hercules,* entre a Europa e as terras africanas, e a *Gades de Alexandre,* entre a Africa e a Asia oriental. Esta doutrina repetia o celebrado cardeal Pedro d'Ailly em 1480, inscrevendo na sua carta as *Gades orientaes* e *occidentaes* e attribuindo em um dos seus

---

[1] Macedo, *Memoria em que pretende provar,* etc., pag. 105. Sobre as estatuas erigidas em varios rios e costas do Oceano vej. ibid., pag. 113 e 122.

escriptos á India as suas columnas de Hercules, eguaes ou similhantes ás de Gibraltar[1].

No famoso planispherio do celebre camaldulense veneziano, Fra Mauro, de 1460, quando já estava descoberta pelos navegantes portuguezes uma grande parte do extenso litoral africano ao occidente, as estatuas, que nas cartas antecedentes, por exemplo na dos Pizzigani, de 1367, eram figuradas nas ilhas Afortunadas ou Canarias, appareciam agora deslocadas da sua antiga posição, e se phantasiavam erigidas muito alem do limite classico e tradicional, imposto ás anteriores navegações. Em presença dos descobrimentos portuguezes, que já então davam brado pelo mundo, e eram notorios ao cartographo veneziano, affirmava já elle expressamente não acreditar, como os seus predecessores, na existencia das estatuas mysteriosas, nem que fosse defeso aos navegantes, em ponto algum do globo, o affrontar mais ávante o Oçeano[2]. Tão manifesto era já n'aquelle tempo que os erros dos geographos antigos e dos cosmographos na edade

---

[1] Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 75.

[2] Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte*, etc., pag. 112–114.

média começavam a dissipar-se á luz que derramavam pelo mundo as nossas navegações.

A este mesmo cyclo mythico-geographico pertenceria talvez aquella estatua singular, que a tradição portugueza affirma ser achada na ilha do Corvo, e de cujas circumstancias faz particularisada menção o grave e sevêro chronista Damião de Goes[1].

Outra lenda geographica mui popular e predilecta aos cartographos na edade média, é a d'aquelles povos singulares, a quem por uma mal interpretada tradição biblica davam o nome de Gog e Magog[2]. Eram elles os que, precedendo o juizo universal, deveriam, quasi no fim do mundo, visitar a terra com suas terriveis devastações. Por esta irresistivel inclinação, com que os cosmographos d'aquelle tempo se compraziam em mesclar á geographia as doutrinas religiosas e as lendas mysticas do christianismo, os cartographos reservavam quasi sempre um logar no mnppa-mundi áquellas gentes, fabuladas como a guarda de honra do Antichristo. Nas cartas fi-

---

1 Damião de Goes, *Chronica do principe D. João*, Lisboa, 1567, cap. IX, fol. 9-10.

2 *Genes.*, X, 2.—Ezechiel, XXXVIII.—*Apocalypse*, XX, 7.

gurava a celebre muralha, que separava *Gog e Magog* do restante das terras habitaveis, e que Alexandre Magno, na sua marcha triumphal contra o Oriente, tinha feito erigir para obstar á invasão d'aquelles tremendos inimigos da humanidade[1]. Nas cartas do XV seculo, entre ellas no famoso mappa-mundi de Andrea Bianco, de 1436, o paiz de Gog é figurado por um castello situado sobre uma alta montanha, associado pelo cartographo ás façanhas do grande Macedonio[2]. No mesmo seculo o mappa-mundi do museu Borgia ainda representa a muralha de Gog e Magog e assigna a estes povos na Asia a sua morada, attribuindo-lhes a estatura de gigantes descommunaes[3].

Tal era, qual em summula fica patenteado, o

---

[1] Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 85.—Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. XLVI-XLVII, 333 mappa-mundi do palacio Pitti, em Florença), 205 mappa-mundi do ms. de Marino Sanuto, na bibliotheca de Bruxellas).

[2] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 378.

[3] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 271-273.

estado dos conhecimentos geographicos na epocha memoravel, em que Portugal se aventurou a cursar os mares desconhecidos, diante de cujas portentosas e fabuladas maravilhas haviam tremido e recuado os mais audazes navegadores.

A geographia era pois um cahos inextricavel de systemas contradictorios, de ignorancias disfarçadas na fabula e na ficção, de erros tradicionaes engrandecidos pelo tempo e venerados pela auctoridade e pelo nome dos maiores entre os antigos escriptores. Todavia é forçoso confessar que nas sombras, em que a verdade se escondia, alguma luz escassa e duvidosa se coava, por onde um espirito inquiridor, estudioso, reflexivo poderia acaso rastrear uma ou outra noção provavel ou verdadeira. Apesar das dissidencias de opinião entre os antigos, a fórma espherica da terra era já admittida geralmente. A communicação do mar das Indias com o Atlantico tinha em seu favor o parecer de alguns auctores, e a tradição, se bem que nebulosa, aproveitavel de periplos ou circumnavegações realisadas em redor da peninsula africana. Esta hypothese racional tinha achado representação em varios monumentos cartographicos da edade média, principalmente em França e na Ita-

lia[1]. No mappa-mundi de Marino Sanudo, de 1329, os dois mares apparecem constituindo uma unica massa de aguas, sem nenhuma interrupção. O Oceano Indico é todavia figurado como um mar mediterraneo[2].

Se os dictames eram varios sobre serem habitaveis ou inteiramente deshabitadas as regiões equatoriaes, a doutrina mais seguida pelos espiritos de quilate superior era a de que ao menos até á latitude boreal de doze graus e meio a zona torrida não era incompativel com a humana habitação.

---

[1] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, introd. pag. XXXVI.

[2] Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 192.

CAPITULO XII

OS NAVEGADORES EXTRANGEIROS NA COSTA DE AFRICA ANTES DO INFANTE D. HENRIQUE

> Le fait incertain du voyage de Vivaldi ne peut infirmer les faits certains, qui constatent la priorité des découvertes africaines des portugais.
>
> VISCONDE DE SANTAREM, *Recherches*, pag. 257.

Tem sido questão largamente controvertida entre os modernos historiadores da geographia, qual fosse de todas as nações maritimas da Europa meridional a primeira, que aventurou os seus navios não sómente a explorar as costas africanas alem do cabo Não, se não tambem a tentar os caminhos do Oceano para chegar á India oriental. Aos arabes se attribue, por testemunhos, ao parecer insuspeitos, a unica viagem, em que estes incansaveis exploradores tivessem abordado até um cabo, que se afigura ser o Bojador. O geographo arabe Ibn-Saïd, no

XIII seculo, refere que Ibn-Fatima, havendo embarcado em Nul-Samtha, naufragára na costa occidental de Africa, e proseguindo n'uma chalupa a sua navegação, sem acertar na rota, que seguia, avistára um promontorio, o qual no texto arabigo tem o nome de montanha resplandecente (*al djebel alammâ*). Ali, diz, fôra prevenido pelos berberes da tribu Beni Jodalla ou Kodalla, de que se não approximasse d'aquelle cabo temeroso, porque todo elle era uma pura congerie de serpentes, que devoravam os navegantes, quando attrahidos das esplendidas côres de seus rochedos, ousavam abicar ás suas escarpas. O parallelo entre a narração de Ibn-Fatima e o que os portuguezes descobriram em suas primeiras expedições na costa de Africa, parece confirmar que a maritima aventura do navegador arabigo, apesar das maravilhas inseparaveis da phantasia oriental, se não póde plausivelmente annumerar entre as fabulosas narrativas, de que são copiosos os viajantes e geographos musulmanos[1].

---

[1] «Nous avons donc un voyage fait par les arabes au delà du cap Bojador et au golphe et îles d'Arguim avant les découvertes des portugais.» Visc. de Santarem, *Re-*

A viagem de Ibn-Fatima até o cabo Bojador, segundo Peschel e Reinaud, ou até o cabo Branco, na opinião do visconde de Santarem, foi apenas determinada pelo acaso, sem que a precedesse e alumiasse nenhum proposito firme e deliberado de seguir até paragens tão distantes a timida navegação. Os mareantes arabes, levando sempre na mão a costa de Africa, sem nunca se engolfarem ao largo no Oceano, tinham por termo de suas mais remotas excursões o cabo Não[1]. Um eminente geographo allemão escreve a proposito das viagens dos arabes no litoral africano estas palavras: «Se os arabes pelos seus correligionarios, os berberes Sanhadja, que então como hoje costumavam conduzir os seus rebanhos até o Senegal, tiveram porventura noticia d'este rio, em nenhum de seus geographos se nos depara uma só descripção, que lhe possamos referir»[2].

---

cherches sur la découverte, etc., introd., pag. LXXXIV.— Peschel, *Gesch. der Erdk.,* pag. 118. — Ibn-Fatima, em *Abulféda,* ed. de Reinaud, II, pag. 215.

[1] Peschel, *Gesch. der Erdk.,* pag. 118.

[2] «Wenn auch die Araber durch ihre Glaubensgenossen die berberischen Sanhadscha, welche ihre Heerden damals

Antes que a má fortuna de um naufragio levasse Ibn-Fatima até mui longe do termo habitual das navegações arabigas, ha noticia de uma anterior expedição realisada por arabes de Hespanha. D'esta vez, porém, caberia á Lisboa musulmana a gloria da primeira e mais antiga navegação, se não estivessem concordes os mais graves historiadores, eruditos e geographos portuguezes e extranhos em capitular de suppositicia e fabulosa a extraordinaria expedição.

A lenda romanesca é contada pelos geographos Edrisi e Ibn Al-Wardi, conformando um e outro no fundo da sua historia, mas dissentindo notavelmente nas circumstancias e episodios. Oito arabes da cidade de Ashbuna, a veneranda avoenga da nossa Lisboa christan, mui conjunctos pelo sangue, concertaram entre si o esquiparem um navio, em que fossem a inquirir o que se continha no Oceano e quaes eram os segredos e os limites d'aquelle mar de trevas e mysterios. Na versão de Ibn Al-Wardi os oito primos ou

---

so gut wie heutigen Tages, bis zum Senegal zu treiben pflegten, haben konnen, so finden wir ihn doch bei ihren Geographen nirgends erkenntlich geschildert.» Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 118.

parentes mui chegados propunham-se, ao aventurar-se no Atlantico, descobrir o que existisse no fim d'elle, e ver tudo quanto ali se deparasse de raro e maravilhoso.

Haviam-se uns a outros dado juramento de que ou pereceriam na façanha ou não haveriam de volver á sua patria, emquanto não chegassem ás terras mais distantes. No reconto de Edrisi e Al-Wardi são egualmente maravilhosos os successos. Depois de descobrirem e visitarem a ilha dos Carneiros, navegando por doze dias mais ao sul foram dar em outra ilha, onde o rei os acolheu, e depois de alguma demora os mandou lançar manietados e com vendas em seus olhos, a uma praia remota, onde ficaram. Acudiram-lhes os indigenas. Desataram-lhes as vendas e as prisões. Disseram-lhes que d'ali até Lisboa gastariam muito alem de um mez em sua derrota. Volveram finalmente á terra patria. E d'esta portentosa navegação, conta Edrisi, se derivára a uma rua de Lisboa o nome de *Maghrurin*, porque assim foram cognominados os audazes navegantes, como quem dissera *os que foram enganados*. Al-Wardi escreve que a um bairro de Lisboa ficára o titulo de *Mogharirin*, ou dos *aventureiros*, porque assim eram conhecidos os

oito lisbonenses exploradores. E affirmam um e outro, que em seu tempo existiam na cidade musulmana os sitios memoraveis, que referem[1].

Da erudita e profunda investigação de um illustre philologo portuguez resulta manifesto o caracter fabuloso da expedição[2]. O proprio Edrisi desconfiou da sua authenticidade, quando ao descrever a ilha dos Carneiros, e ao referir uma notavel singularidade, accrescenta em tom de scepticismo: «Se é que devemos acreditar nos maghrurinos»[3]. Os dois novissimos historiadores da geographia, Peschel e Vivien de Saint-Martin, incluem a odysséa dos oito aventureiros de Lisboa no conto das lendas geographicas[4].

---

1 Macedo, *Memoria em que se pretende provar*, etc., pag. 122–141.

2 Macedo, *Memoria em que se pretende provar*, etc.,

3 Macedo, *Memoria em que se pretende provar*, etc. pag. 82.

4 «Dahin (dem Gebiete der Sage) rechnen wir auch die Erzählung von den atlantischen Abenteuern der Brüder Maghrurin». Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 119.— «L'Atlantique, ou comme la nommaient les arabes, héritiers des vieilles légendes grecques et romaines, la mer Ténébreuse, fut aussi le théatre de plus d'une histoire

Os arabes, que pela situação da sua patria entre dois golfos, o arabigo e o persico, e a sua proximidade por um lado ao Mediterraneo, pelo outro ao mar das Indias, estavam melhor que nenhum povo da edade média em condições propicias de largas e proveitosas navegações, não mentiram a esta sua vocação. O Mar Vermelho, o seio Persico, e o Oceanico Indico foram desde remotas eras os theatros de suas audazes e cubiçosas aventuras. Mas o Atlantico, apesar de que banhava em grande parte o litoral da Hespanha, a mais preciosa conquista dos crentes do alcorão, ficou para elles sempre quasi defeso, e intransitavel pelos horridos mysterios, que encerrava, e pelos phantasticos terrores, que infundia[1].

---

fabuleuse. On racontait surtout celle de huit habitants de Lisbonne (Achbouna) qui avaient équipé un navire chargé de provisions pour plusieurs mois, afin de découvrir, disaient-ils, ce qu'il y avait dans l'Océan et quelles en étaient les limites... Cette entreprise, qui valut à ses auteurs le nom resté populaire de *maghrourin,* se place dans la première moitié du douzième siècle». Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.*, pag. 247-248.

[1] «Die Schiffart der Araber im Westen der Erde, auf

Se os arabes, a quem aliás a edade média em grande parte é devedora dos seus conhecimentos ácerca da Africa septentrional e das regiões interiores do continente, não precederam os portuguezes nas explorações do seu desconhecido litoral, tem-se pretendido nos modernos tempos desentranhar de escriptos e de mappas anteriores ao seculo XV a evidencia de que outros povos navegadores haviam lustrado as aguas do Atlantico largos annos antes de começarem os nossos gloriosos descobrimentos.

A prioridade nas aventuras e viagens maritimas á costa occidental de Africa tem sido modernamente reclamada em favor dos genovezes. Pretende-se fazer acreditar que já desde os fins do seculo XIII ou quando muito em principios do XIV, os ousados marinheiros da poderosa republica italiana haviam descoberto as ilhas Canarias. D'esta vez é Petrarcha, o mavioso poeta de Vaucluse, quem é chamado a depôr no pleito geographico e a disputar aos portuguezes o seu direito incontestavel de primeiros e immortaes

---

dem mittellandischen Meere und im Atlantischen Ocean, hat nie grosse Fortschritte gemacht.» Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 176.

descobridores. No tratado latino, que intitulou *De vita solitaria*, refere o enamorado lyrico toscano, que o descobrimento das Canarias por uma frota genoveza andava na tradição e memoria da geração antecedente[1]. Não affirma o poeta com certeza o anno ou as circumstancias da famosa expedição. Reconta apenas, como em traços fugitivos, o que ouvíra dizer aos mais antigos, sem que désse a tão extraordinario acontecimento a attenção e o louvor, que uma empreza tão nova e singular estava demandando. E todavia sobre tão debil fundamento se estribaram eruditos historiadores da geographia para darem como facto incontroverso o que não tem em seu favor nenhum documento irrefragavel[2].

Como seria possivel admittir, por uma ligeira referencia n'um livro de Petrarcha, que uma

---

[1] Petrarcha, *De vita solitaria,* lib. II, cap. III.—*Memoriâ patrum,* na memoria dos paes ou dos mais velhos, diz o poeta.

[2] Peschel, *Gesch. der Erdk.,* pag. 175, affirma expressamente o feito naval dos genovezes: «Ihren kundigen Seeleute verdanken wir die Entdeckung der Canarien, entweder noch am Ende des 13 oder am Anfang des 14 Jahrhunderts». Aos seus habeis marinheiros — os de Genova — devemos nós o descobrimento das Canarias pelos.

empreza tão rara e singular se houvesse effeituado sem que nas historias da grande e maritima republica se perpetuasse a sua memoria? Genova na edade média repartia com Veneza como que o principado e senhorio do mar Mediterraneo. Maritimos foram sempre os seus maiores e mais honrosos feitos. Se porventura os seus audazes marinheiros, ao deixar as columnas de Hercules, em vez de endireitar para o norte a prôa das galés para irem traficar em Flandres, levassem o rumo ao meio-dia em demanda de terras africanas, como é que tão extraordinario acontecimento ficaria apenas commemorado no livro mais obscuro do grande lyrico de Arezzo? Como é que uma vez lustrado o tenebroso pelago não iriam novos aventureiros genovezes cruzar já mais adextrados e scientes

---

fins do seculo XIII ou principios do seculo XIV. Vivien de Saint-Martin, a exemplo do geographo allemão, seu contemporaneo, dirime o pleito com egual e peremptoria conclusão: «Un passage de Pétrarque, dans son *Traité de la vie solitaire* (écrit en 1346), montre que dès le commencement du quatorzième siècle, peut-être à la fin du treizième, les gênois avaient visité les îles Fortunées, qui sont nos Canaries.» Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géogr.*, pag. 301.

o caminho dos primeiros navegadores seus conterraneos? E se causas imperiosas e invenciveis obstaculos se oppozessem a que Genova proseguisse na empreza começada, não pediria ao menos a honra da republica, tão prima nas cousas navaes e tão ciosa da sua gloria, que nas historias se não sepultasse no silencio um feito de tão notavel excellencia e novidade? Como é que os genovezes, de cujas navegações para Flandres sómente ha documentos incontestaveis desde o XIV seculo[1], principiam a cursar o Atlantico, engolfando-se desde logo nas suas regiões mais desconhecidas e mais povoadas de terrores? E era havida por tão facil a viagem desde os pontos do Mediterraneo a Antuerpia, que o infante D. Henrique, segundo o testemunho de Azurara, censurando os navegantes portuguezes, assombrados a principio com as superstições e as fabulas ácerca do Oceano, extranhava que se deixassem illudir com os ditos de poucos mareantes sómente acostumados a navegarem até Flandres[2].

---

[1] Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 44.

[2] «Se ainda estas cousas, que se dizem, tivessem algũa autoridade, por pouca que fosse, nom vos daria tamanha

Ora acontece que a expedição genoveza ás costas africanas referida por Petrarcha, vem a coincidir com uma viagem, que alguns têem pretendido proclamar como anterior de largos annos aos primeiros descobrimentos portuguezes. E é notavel que todas as suppostas navegações, que precederam as de Portugal na costa de Africa, só começaram a saír á luz muito depois que os portuguezes ensinaram aos demais povos navegadores o caminho das novas, arriscadas e gloriosas explorações. Affirma-se ainda hoje dogmaticamente, como se fôra axioma evidentissimo e repetem alguns modernos historiadores da geographia[1] que entre todos os modernos povos europeus haviam sido os genovezes os primeiros que tentaram a circumnavegação da Africa e a rota maritima da India, quasi dois

---

culpa, mas quereesme dizer que por openyom de quatro mareantes, os quaes como son tirados da carreira de Frandes; ou de alguns outros portos pera que comunmente navegam, nom sabem mais teer agulha nem carta pera marcar.» Azurara, *Chron. do descobr. e conq. de Guiné*, cap. IX, pag. 57.

[1] Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 179.—Vivien de Saint-Martin, *Hist de la géogr.*, pag. 301.

seculos antes que o illustre navegador Bartholomeu Dias tivesse dobrado o cabo das Tormentas. Diz-se que em 1291 se aprestára em Genova uma frota de duas galés bem apercebidas de quanto era mister, as quaes saíram pelo estreito de Gibraltar ao Oceano, sem que nunca mais se podesse saber o seu destino. Até ha poucos annos a unica menção, que d'esta empreza naval dos genovezes se deparava em escriptor contemporaneo, era apenas a que se lê no livro intitulado *Conciliator differentiarum* (Conciliador das differenças) de Pedro de Abano, philosopho, medico e astrologo, nascido em 1253 no territorio de Padua e fallecido em 1316. Na *differentia* 67 d'este livro, depois de explanar que os desertos africanos são de enorme vastidão, arenosos, privados de agua doce, cheios de serpentes e peçonhentos animaes, de maneira que ninguem póde facilmente ali chegar, prosegue asseverando que poucos tempos antes d'aquelle, em que escrevia, os genovezes haviam apparelhado duas galés abastecidas de todo o necessario, as quaes passaram pelas columnas de Hercules, situadas nos ultimos confins de Hespanha, e se ignorava o que fôra feito d'ellas, sendo já decorridos cerca de trinta

annos[1]. Ha poucos annos, porém, um sabio germanico de notavel reputação, Pertz, o publicador dos *Monumenta Germaniae Historica*, em um escripto sobre a primeira tentativa para descobrir o caminho maritimo das Indias orientaes, revelou um passo dos annaes da republica de Genova, d'onde poderia inferir-se que em 1291 realmente se effectuára uma expedição de duas galés genovezas, as quaes saindo pelo estreito de Gibraltar, navegaram ao longo das costas africanas. A narração publicada pelo dr. Pertz é copiada de um manuscripto da propria letra de Giacopo Doria, o historiador ou annalista genovez contemporaneo, um dos continuadores das chronicas de Caffaro. Este manuscripto, de que Muratori havia publicado ape-

[1] «Parum ante ista tempora genuenses duas paravere omnibus necessariis munitas galeas, quae per Gades Herculis in fine Hispaniæ situatas transiere. Quid autem de istis contigerit, jam spatio ferè trigesimo ignoratur anno». Petr. Aban. *Conciliat. different.*, diff. LXVII, em Pertz. *Der ælteste Versuch zur Entdeckung des Seeweges nach Ostindien im Jahre 1291.* (A mais antiga tentativa para descobrir o caminho maritimo das Indias orientaes no anno 1291.) Berlin, 1859, pag. 4.

nas um extracto na sua obra monumental *Rerum italicarum scriptores,* contém em latim barbarisado os annaes da republica de Genova, *Annales januenses,* desde o anno de 1280, até o de 1294, e foi mais tarde publicado integralmente pelo sabio Pertz no tomo XVIII dos *Monumentos historicos de Allemanha*[1].

A breve narrativa do annalista genovez limita-se a dizer textualmente que «no anno de 1291 Thedisio Doria (Thedisius Aurie), Ugolino de Vivaldo, e seu irmão com alguns outros cidadãos de Genova, começaram a fazer uma certa viagem, que ninguem até então emprehendêra, para o que apparelharam optimamente duas galés, e tendo-as abastecido de vitualhas e de agua e outras cousas necessarias, as enviaram no mez de maio ao estreito de Ceuta, a fim de que pelo mar Oceano se dirigissem ás partes da India e d'ali trouxessem proveitosas mercancias, e que n'aquelles navios foram pessoalmente os irmãos Vivaldi e

[1] *Monumenta Germaniae historica, Scriptores,* tom. XVIII, Hannover, 1863. Os *Annales januenses* de Jacobus Auria (Jacopo Doria) estão impressos n'este volume desde pag. 288 a 356.

dois frades franciscanos, o que foi cousa de maravilha não sómente para os que a viram, senão tambem para os que a ouviram recontar». E accrescenta Jacopo Doria que depois de passarem as galés por um logar, que tinha nome de Gozora, nunca mais houve novas do seu destino[1]. N'esta relação apparecem memorados os

[1] «Eodem quippe anno Thedisius Aurie, Ugolinus de Vivaldo, et ejus frater cum quibusdam aliis civibus Januę ceperunt facere quoddam viagium, quod aliquis usque nunc facere minime attemptavit. Nam armaverunt optime duas galeas, et victualibus aqua et aliis necessariis infra eis impositis, miserunt eas de mense Madii de versus strictum Septe, ut per mare Occeanum irent ad partes Indie mercimonia utilia inde ferentes. In quibus iverunt dicti duo fratres de Vivaldo personaliter et duo fratres Minores. Quod quidem mirabile fuit non solum videntibus sed etiam audientibus. Et postquam locum, qui dicitur Gozora transierunt, aliqua certa nova non habuerunt de eis. Dominus autem eos custodiat et sanos et incolumes reducat ad propria.» Pertz. *Monum. Germaniae historica, Scriptores,* tom. XVIII, Hannov. 1863, pag. 321. A transcripção, que apparece na memoria de Pertz, *Der aelteste Versuch,* etc., differe da recensão publicada nos *Monumentos historicos,* em que em vez de *armaverunt* tem *ornaverunt* e em vez de *qui dicitur Gozora,* está impresso *qui Gozora dicitur.*

nomes dos ousados aventureiros, caudilhos da expedição, emquanto que se passam em silencio na laconica memoria de Pedro de Abano. Condizem porém notavelmente as duas commemorações em affirmar que ficára ignorado o exito d'aquella primitiva navegação. O astrologo italiano perde a noticia das galés apenas transpõem as columnas de Hercules. O annalista official da republica de Genova assevera que, passado um logar chamado Gozora[1], nunca mais houvera novas da infeliz expedição.

Pertz (*Der aelteste Versuch,* etc., pag. 11 e 12) conjectura ser a *Gozora,* de que falla Jacopo Doria, o logar que na carta dos irmãos Pizzigani, de 1367, reproduzida no seu Atlas pelo visconde de Santarem, e só em parte copiada por Lelewel, apparece com a inscripção *Caput Finis Gozolae,* e na carta catalan de 1375 com o nome *Gozoli,* e suppõe que ambas estas indicações se referem ao cabo Juby, que nos limites meridionaes do imperio de Marrocos é situado cerca do vigesimo oitavo grau de latitude boreal,

---

[1] Gozora ou Gosola, como está escripto na carta geographica dos Pizzigani de 1367, é segundo Peschel a antiga Getulia. Peschel, *Gesch. der Erdk.,* pag. 179.

em frente das Canarias. Se é plausivel o presuposto de Pertz, a famosa navegação dos genovezes ficaria ainda muito áquem do cabo Bojador.

A mais antiga menção, que d'esta viagem africana se nos depara em historias genovezas impressas, é a que deixou feita Giustiniani, que nasceu em 1470, muitos annos depois que os portuguezes navegaram alem do cabo Bojador. A breve narrativa d'este escriptor confirma as antecedentes relações, quanto a ser totalmente ignorado o destino das galés, depois que traspassando o estreito de Gibraltar navegaram em demanda da India oriental[1]. A memoria da expedição genoveza reapparece na historia de Genova *(Historia genuensis)* de Ugo Foglietta, o qual nada mais fez senão seguir litteralmente, citando-o como auctoridade, ao seu antecessor.

No principio do seculo presente um sueco residente em Genova, Gråberg de Hemsö, publicou haver encontrado nos archivos da cidade um documento, no qual em latim barbaro se refere a

---

[1] Giustiniani, *Annali di Genova*, 1535, lib. III, fol. 111, vers. cit. em Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 179. — Visc. de Santarem, *Recherches, sur la découverte*, etc., pag. 244 e 247.

viagem dos irmãos Vivaldi com uma circumstancia de todo o ponto discordante das tradições antecedentes. N'elle se conta que uma das galés chegando ao mar de Ghinoia dera em secco e mais não podéra navegar, ao passo que a segunda proseguíra em suas singraduras até uma cidade da Ethiopia, a que chamavam Mena[1]. No mesmo manuscripto de 1455, se encontra uma carta de Antoniotto Usodimare ou Antonio de Nole, que serviu nas expedições do infante D. Henrique em companhia do celebre navegador Aluisio de Cadamosto. N'ella refere o aventureiro genovez haver encontrado na Guiné um descendente de um dos seus compatriotas, que havia cento e setenta annos tinham ido nas galés de Doria e de Vivaldi. Segundo a narração de Usodimare, a expedição das galés genovezas foi no anno de 1281. A viagem d'estes dois aventureiros, se em presença do documento publicado pelo dr. Pertz não pertence inteiramente ao numero das lendas geographicas, inventadas para amimar o amor proprio nacional em desabono dos extranhos, é ao menos um suc-

[1] *Annali di geographia e di statistica,* Genova 1802, tom. II, pag 287 e seg.

cesso tão duvidoso e difficil de attestar, que mal póde contrapor-se aos maravilhosos feitos portuguezes, comprovados por testemunhas insuspeitas e venerados como preeminencia e gloria portugueza por todos quantos assistiram assombrados ás nossas arrojadas e primeiras expedições[1].

Ainda menos firmada em plausiveis documentos do que a tentativa genoveza de 1291 é a que se attribue ao catalão ou antes malhorquino Jayme Ferrer. Diz-se que o navegante se fizera de véla a 10 de agosto de 1356, com destino ao Rio do Oiro, e que nunca mais voltára da sua desgraçada expedição. O primeiro documento, em que se firma a existencia da mallograda empreza de Ferrer, é um letreiro, que figura na celebre carta catalan de 1365, na qual se vê desenhado um navio ao sul do cabo, que mais tarde os portuguezes appellidaram Bojador. Junto do baixel apparece uma inscripção, a qual declara, em linguagem catalan, que a 10 de agosto de

1 «Le fait incertain du voyage de Vivaldi ne peut infirmer les faits certains, qui constatent la priorité des découvertes africaines des portugais.» Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte,* etc., pag. 257.

1346 partiu o navio, *Uxer*, de Jayme Ferrer para andar no Rio de Oiro[1]. O segundo testemunho allegado em favor da expedição do malhorquino é o manuscripto já citado e descoberto por Gråberg de Hemsö, no qual se reproduz a inscripção da carta catalan e se accrescenta que da galé de Jayme Ferrer nunca mais houve noticia. Cumpre não esquecer que o documento genovez, afóra a sua nenhuma authenticidade e o pertencer a tempos mui distantes do anno, em que se diz emprehendida a exploração, traz errado o nome do navegante catalão, chamando-lhe Ferne e não Ferrer. Os monumentos,—se merecem tal nome as provas, que se adduzem para attestar a navegação do malhorquino,—têem sido tão largamente discutidos e aquilatados pelo mais erudito propugnador da prioridade nos descobrimentos portuguezes, o visconde de Santarem, que ninguem hoje se atreve a consignar o nome de Jayme Ferrer nos fastos geographicos, senão como de quem apenas emprehendeu uma excursão á costa de Africa, sem que da sua extensão e do seu

[1] Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte*, etc., pag. 227-228.

destino se conservasse a minima informação. Todos os que persistem em defender por verdadeira a navegação dos catalães, conformam em confessar que nunca mais soube ninguem em que veiu a parar a expedição, porque o navio de Ferrer jamais voltou. Porventura se perdeu logo ás primeiras singraduras no mar das trevas até ali impervio e temeroso aos mareantes. Seria um tentame infructuoso como o de Doria e de Vivaldi, como talvez outros mais de que não ficou sequer recordação.

CAPITULO XIII

OS NAVEGADORES PORTUGUEZES NA COSTA DE AFRICA ANTES DO SECULO XV

Ausi sunt progenitores tui, Lusitania egressi, nova maria, novas terras, nova atque incognita sidera scrutari.
Luis Vives, *De Corruptis artibus*, dedicatoria a D. João III.

No tempo de Azurara havia-se por geral opinião que ninguem se tinha abalançado a dobrar o tremendo cabo Bojador. Nem escripta, nem tradição commemorava que um só mareante se tivesse aventurado áquelles mares[1].

A sincera imparcialidade, quasi diriamos ingenua simpleza, do primeiro chronista dos nossos

---

[1] «E porque elle (o infante) tinha voontade de saber a terra que hya a allem das ilhas de Canarya e de um cabo que se chama Bojador, porque ataa aquelle tempo, *nem per scriptura, nem per memorya* de nenhuũs homeẽs, nunca foi sabudo determinadamente a callidade da terra que hya a allem do dicto cabo.» Azurara, *Chron. do descobr. e conq. de Guiné,* cap. VII, pag. 44.

descobrimentos, reluctaria certamente a encobrir ou dissimular os testemunhos e memorias, que de outras precedentes navegações andassem correntes entre o vulgo, ou pelo menos auctorisadas entre os doutos. Azurara não se nega a referir como tradição acreditada ou apenas referida por alguns a supposta viagem de S. Brandam, nem se esquece de mencionar o que outros memoravam ácerca de duas galés, que tinham ido áquelles mares africanos e que nunca mais volveram da sua mysteriosa expedição[1], ainda que em seu parecer a tivesse por impossivel ou suspeita[2]. E não só Gomes Eannes de Azurara, que nos primordios de nossas navegações poderia ter mais viva e menos propensa ás malicias e vaidades a sua como que infantil ingenuidade senão tambem outros graves escriptores de tempos mais modernos, quando era já chegado

---

[1] «Bem he que alguũs deziam que passara per ally Sam Brandam, outros deziam que foram la duas galees e que nunca mais tornaram.» Azurara. *Chron. do descobr. e conq. de Guiné,* cap. VII, pag. 44-45.

[2] «Mas esto nom achamos per ninhum modo que podesse ser.» Azurara, *Chron. do descobr. e conq. de Guiné,* cap. VII, pag. 45.

ao seu fastigio o imperio portuguez africano e oriental, não quizeram dissimular, a fôro de portuguezes e vaidosos das patrias bizarrias, o que antes de nós, por estender os ambitos da terra conhecida, haviam os antigos intentado. Ahi temos Damião de Goes quasi taxando de falso amor da patria o suppor que antes de nós não foram em eras já remotas outros não tão felizes mas ao menos tão audazes navegadores[1]. E não menos portuguez que Damião de Goes foi de certo aquelle bravo, generoso e malaventurado Antonio Galvão, que não sendo apenas historiador de alheias galhardias, senão actor heroico e principal no drama das nossas glorias no Oriente, adrede compendiou no seu *Tratado dos descobrimentos* não sómente o que fizeram portuguezes, mas o que antes d'elles e no seu tempo tinham feito outras gentes e nações.

---

1 Damião de Goes, *Chronica de D. Manuel,* part. I, cap. XXIV, edição de 1619, fol. 13. Damião de Goes, *Chronica do principe D. João,* cap. VII. «E dali determinou de mandar navios aho longuo da costa Dafriqua com tençam de chegar ao fim dos seus pensamentos que era descobrir destas partes occidentaes ha nauegação pera a India oriental, ha qual sabia por certo *fora ja em outros tempos achada.*»

Assim que não metteu de proposito na sombra este honrado e valentissimo soldado o que a tradição recontava da doação das ilhas Canarias feita pelo papa Clemente VI a D. Luiz de Lacerda por meados do seculo XIV, nem a lenda romanesca de Machim no supposto primeiro descobrimento da ilha da Madeira[1]. Quem póde acaso acreditar em presença d'estes honrados testemunhos que os primeiros escriptores, que fallaram dos nossos descobrimentos, para exalçarem as glorias portuguezas encobrissem de proposito os esforços, com que outras nações as houvessem precedido em buscar e descobrir a senda maritima para as Indias orientaes? Se pois as tentativas dos genovezes e catalaes existiram em verdade, nenhuns echos despertaram na Europa e ficaram sepultados em profundo esquecimento, apenas registrados no texto obscuro de algum livro de escassa publicidade ou memorados n'algum manuscripto ou documento de fé muito suspeita, e sómente descoberto, quando eram já passados

1 Galvão, *Tratado dos descobrimentos e dos desvairados caminhos por onde a pimenta e especiaria*, etc., ed. de 1731, pag. 18-19.

largos annos depois que a Europa havia presenciado absorta e assombrada as galhardias portuguezas no inhospito Oceano. O proprio Cadamosto, italiano, como era, ainda que não genovez, e apesar do ciume e hostilidade entre Veneza e Genova, interessado naturalmente em não minguar as glorias da patria commum, ignora inteiramente as expedições dos genovezes e attribue aos navegantes de Portugal a prioridade nos descobrimentos africanos. O infante D. Henrique é na propria phrase de Cadamosto o *primeiro inventor* das navegações no Oceano para o sul *das terras dos negros da baixa Ethiopia*[1]. Os portuguezes foram, segundo o navegador veneziano, os primeiros europeus, de que tiveram noticia os negros da Africa occidental[2]. Nem estes nem os seus antepassados haviam nunca descoberto um navio sobre o mar[3]. Parecia-lhes cousa extraordinaria ver homens brancos até então nunca vistos n'aquellas regiões e não menos se admiravam do traje de Cadamosto e da

1 *Naveg. de Luis de Cadamosto,* na *Collecção de noticias para a hist. e geogr. das naç. ultram,* tom. II, pag. 1.

2 *Naveg. de Luiz de Cadamosto,* etc., pag. 20.

3 *Naveg. de Luiz de Cadamosto,* etc., pag. 20.

alvura do seu rosto[1]. Não seria impossivel que genovezes e venezianos, entre os quaes se memoravam os primeiros navegadores do Mediterraneo, os mais habeis, peritos e arrojados nas emprezas navaes e mercantis, guiando-se pela auctoridade dos antigos e pelas incertas noticias, que vagavam na edade média ácerca do tenebroso mar e da costa africana alem do Bojador, se lembrassem de affrontar os perigos do Atlantico em demanda das maravilhosas regiões, onde, segundo a crença vulgar, a natureza derramára da sua inexhausta cornucopia o oiro cubiçado. Mas de todas estas navegações, se foram emprehendidas, de nenhuma volveram os infortunados viajantes.

Se as pretenções dos genovezes e catalães á prioridade nos descobrimentos africanos estão hoje tão debilmente documentadas, que apenas merecem consideração, ainda menos offensivas das nossas glorias maritimas são as suppostas navegações e estabelecimentos mercantis dos normandos na costa de Guiné, durante o seculo XIV. A asserção, desajudada de qualquer teste-

---

1 *Naveg. de Luiz de Cadamosto,* etc., pag. 46. — Ibid. pag. 62 e 71.

munho contemporaneo, de que certos mareantes de Dieppe se haviam adiantado aos nossos primeiros descobridores, foi tão victoriosamente confutada por um portuguez eminente investigador da historia da geographia[1] e por um extrangeiro imparcial[2], que apenas alguns escriptores francezes ainda hoje timidamente se aventuram a memorar ou a defender a supposta prioridade.

Quando eram já decorridos mais de tres seculos depois de consagradas, pelo consenso e admiração de todo o mundo, as glorias portuguezas, é então que em 1666 um escriptor normando, mais cioso dos extranhos laureis do que zeloso da verdade, Villaut de Bellefond, se apresenta a revelar as emprezas maritimas dos seus compatriotas, assignando-lhes o principio em 1364, em que se diz fundada na costa de Guiné a feitoria ou estação commercial de Petit-Dieppe. Depois que o viajante francez na costa occidental

---

[1] Visc. de Santarem, na sua obra *Recherches sur la découverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique*, Paris, 1842.

[2] Henry Major, *The Life of Prince Henry, surnamed the navigator*. Pref., XXIV–LI, 117 e seg.

de Africa tivera dado á estampa a sua relação, varios escriptores francezes sem adduzir documento algum substancial e contemporaneo, proseguiram com egual pertinacia e falso patriotismo em asseverar dogmaticamente, seguindo ou copiando a Villaut de Bellefond, que os navegantes de Dieppe e de Ruão antes dos portuguezes haviam madrugado para affrontarem os lances e tormentas do Oceano tenebroso. Desde Elbée passando por de la Croix, Masseville, o padre Labat até o erudito Estancellin no seculo presente, as rasões, em que se estriba o falso patriotismo, reivindicando para a França a prioridade e autoria nos descobrimentos africanos, são apenas, na completa ausencia de provas documentaes, as conjecturas cerebrinas ou os erros chronologicos. Um geographo francez, nosso contemporaneo, n'uma obra consagrada á historia da geographia, proclama apenas como dogma de fé, como sendo superior á demonstração e á prova experimental ou deductiva, o facto de que os dieppenses em verdade se haviam antecipado já em 1346 nas difficeis navegações da costa de Guiné. É, porém, tão diminuta para elle a importancia d'este feito da sua nação, grandioso e memoravel se fôra comprovado, que ape-

nas lhe consagra algumas linhas. E por conciliar o favor á sua patria com o louvor de extranhos navegadores, como quem tem em pouco preço no meio de tantas glorias verdadeiras mais esta folha de laurel, accrescenta desde logo: «Mas estas navegações do seculo XIV, que escaparam á noticia dos demais povos maritimos, ficaram sem resultado na serie dos descobrimentos. Com ellas não padece o minimo desdouro a gloria do principe Henrique, promotor das primeiras emprezas da sua nação... Não ha outros descobrimentos, que mereçam este nome, senão os que assignalam a sua data na sciencia[1]».

Mais bem mimosos da fortuna parece, porém, haverem sido já durante o seculo XIV os maritimos exploradores, partidos de Portugal. Em face de documentos, que se afiguram insuspeitos, não é hoje temerario o admittir que já antes

[1] «Mais ces navigations du XIV siècle, inconnues aux autres nations maritimes, restèrent sans résultats pour la suite des découvertes; la gloire du prince Henri, promoteur des premières entreprises de sa nation, n'en reçoit aucune atteinte... Il n'y a de découvertes réelles que celles qui prennent date dans la science.» Vivien de Saint-Martin, *Hist. de la géog.*, pag. 306.

de 1344 navios portuguezes haviam descoberto o archipelago das Canarias.

É sabido que Luiz de Hespanha, neto do infante de Castella D. Fernando e bisneto de el-rei D. Affonso, cognominado o sabio, achando-se em Avinhão, onde tinha então a côrte pontificia o papa Clemente VI, alcançou da sua facil munificencia o dominio e soberania das ilhas Afortunadas, com o singular predicamento de *principe da Fortuna*. Era-lhe constituido o principado em feudo da santa sé, mediante o pagamento de quatrocentos florins de oiro de lei, em moeda florentina. E para que não ficasse em concessão infructuosa e nominal a nova e incerta soberania, escreveu o papa a muitos dos reis da christandade para que a D. Luiz dessem favor e auxilio na empreza de conquistar o archipelago. Mas o rei de Portugal, que então era Affonso IV, respondeu a Clemente VI em 1344[1], historiando largamente

[1] Macedo, *Memorias para a historia das navegações e descobrimentos portuguezes*, nas *Mem. da acad*, tom. VI, part. I, pag. 49. Macedo assigna a data de 12 de fevereiro de 1345 á carta, que transcreve de Affonso IV. Mas Raynaldo, de cuja obra copiou o documento, attribue-lhe a data de 1344. Vej. Raynaldo, *Annales ecclesiastici continuati*,

que nos annos passados mandára suas gentes e navios a explorar as ilhas Afortunadas, ou Canarias. E mais dizia o monarcha portuguez que fôra seu intento, depois de ter voltado a primeira expedição, o enviar á conquista d'aquellas terras grossa armada. Do qual proposito o inhibiram as guerras, em que logo depois se empenhára com os mouros e os castelhanos. A carta latina de D. Affonso IV foi extrahida dos archivos do Vaticano e publicada pelo oratoriano Odorico Raynaldo na continuação dos *Annaes ecclesiasticos* do cardeal Cesar Baronio[1]. Se houvessemos de prestar inteiro credito ao annalista e tivessemos certeza absoluta de que o documento por elle publicado seja authentico e ge-

---

etc. Colonia Agrippina, 1691, pag. 212. Na epistola ao papa diz expressamente o rei de Portugal: «nos vero attendentes quod prædictæ insulæ (Fortunatæ) nobis plus quam alicui principi propinquiores existant, quaeque per nos possent commodius subjugari: ad hoc oculos direximus nostræ mentis; gentes nostras et naves aliquas insulas accedentes tam homines quam animalia et res alias per violentiam occuparunt et ad nostra regna cum ingenti gaudio apportarunt».

[1] Rainaldi, *Annales ecclesiastici cardin. Caes. Baronii continuati,* Colonia Agrippina, 1691, tom. IV, pag. 212.

nuino, ficaria manifesto que já na primeira metade do seculo XIV os portuguezes tinham dado feliz começo ás expedições gloriosamente continuadas no seculo immediato. Poderia porventura arguir-se que Raynaldo passou na commum opinião por demasiado credulo e de critica facil e pouco auctorisada. Não é porém plausivel o presuppor que em assumpto, que nada importava á dignidade ou ao interesse da egreja ou do papado e unicamente redundava em gloria de Portugal, forjasse um diploma e o estampasse como copia de original existente nos archivos pontificios. Se, porém, se podéra contestar ao annalista a veracidade e boa fé, outro monumento podéramos invocar em favor de que os navios portuguezes visitaram as costas africanas antes de meado o seculo XIV. É um documento, que faz parte de um manuscripto original do escriptor florentino Giovanni Bocaccio, o celebrado auctor do *Decamerone,* e foi publicado em 1827 pelo professor Ciampi, de Florença[1]. N'aquelle precioso achado se contém a

---

[1] *Monumenti di un manuscritto autografo di messer Giov. Bocaccio da Certaldo trovati ed illustrati da Sebastiano Ciampi,* Firenze, 1827, citado por Macedo, *Addita-*

noticia de uma expedição naval saída de Lisboa no 1.º de julho de 1341, aparelhada por el-rei de Portugal, em demanda das ilhas Canarias, que segundo o manuscripto se diziam *já d'antes descobertas*. Constava aquella frota de duas naus bem abastecidas e de uma embarcação de menor lote. Iam n'ella florentinos, genovezes, castelhanos e outros hespanhoes, que assim n'aquelle tempo genericamente se nomeavam todos os naturaes da Peninsula hispanica, ou fossem portuguezes, castelhanos, aragonezes ou catalães. Em novembro do mesmo anno estavam os baixeis de volta a Portugal, trazendo quatro indigenas e varios productos das ilhas Afortunadas[1]. Da narração compendiada no manuscripto latino de Bocaccio, segundo as novas, que de Sevilha transmittiam a Florença al-

---

mentos á primeira parte da memoria sobre as verdadeiras epochas, em que principiaram as nossas navegações e descobrimentos no Oceano Atlantico, nas *Mem. da acad. real das sciencias de Lisboa*, tom. XI, pag. 177 e seg.

[1] Macedo, *Additamentos*, etc., pag. 178–179. Macedo transcreve o manuscripto latino de Bocaccio a pag. 220 e 225. O ms. tem por titulo *De Canaria et insulis reliquis ultra Hispaniam noviter repertis*.

guns mercadores d'esta republica ali domiciliados, consta que a expedição navegára sob o mando de Angiolino del'Tegghia de'Corbizzi, florentino, levando por capitão de outro navio a Niccolozzo da Reccho, genovez. Se o testemunho de Bocaccio se ha de ter em grande conta, podemos concluir que se navegadores italianos dirigiram a expedição de 1341, foi ella comtudo emprehendida por ordem e a expensas do rei de Portugal, e que entre os hespanhoes, *hispani,* de que se faz menção no documento, iriam certamente portuguezes, sendo Lisboa o porto, onde a frota se apercebeu e apparelhou.

De que na Peninsula se conservavam tradições de navegantes, que tentaram a exploração das costas africanas occidentaes, parece dar indicio o chronista Gomes Eannes de Azurara, quando referindo os tentames dos primeiros mareantes portuguezes, enviados pelo infante, escreve: «Nunca foe alguũ que ousasse de passar aquelle cabo do Bojador pera saber a terra daalem, segundo o iffante desejava. E esto por dizer verdade nem era com mingua de fortelleza nem de boa voontade, mas por a novidade do caso, mesturado com geeral e antiga fama a *qual*

ficara ja antre os mareantes de Espanha, caasy per socessom de geeraçoões[1].

D'estas palavras poderia inferir-se, ou ao menos suspeitar-se, que desde largos tempos um ou outro navegante da Peninsula hispanica, e principalmente de Portugal por mais visinho ao Atlantico, tivesse emprehendido a navegação ao longo de Africa, volvendo logo sobre seus passos, demovido pelos perigos e terrores do Oceano.

---

[1] Azurara, *Chron. do descobr. e conq. de Guiné,* cap. XVIII, pag. 50.

CAPITULO XIV

AS NAVEGAÇÕES E DESCOBRIMENTOS PORTUGUEZES DESDE O XV SECULO ATÉ VASCO DA GAMA

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcanção os que são de fama amigos
As honras immortaes, e graos maiores.
CAMÕES, *Lusiad.*, VI, 95.

De quanto deixâmos enunciado podemos concluir que antes das navegações e descobrimentos emprehendidos pelo infante D. Henrique tudo o que se refere de viagens realisadas por navegantes christãos e europeus alem do cabo Não, sem exceptuar a que apparece consagrada pela epistola de D. Affonso IV ao papa Clemente VI, é de tal maneira incerto e nebuloso, firmado em tão debeis documentos e memorias, tão enfraquecido por duvidas e contradicções, que em nada póde escurecer e offuscar

o grande facto, de que só com os portuguezes se abriu e inaugurou no seculo xv, na historia da moderna civilisação, o seu capitulo mais glorioso e mais fecundo em maravilhosos resultados. Póde ser que uma ou outra galé de algum povo navegante do Mediterraneo saísse alguma vez as columnas de Hercules, tentando antecipar-se nos caminhos maritimos do globo. Mas todos esses tentames, se porventura aconteceram, ficaram occultos e perdidos na sombra das emprezas infelizes. E póde dizer-se com verdade que antes dos famosos descobrimentos portuguezes a historia das navegações ao longo de Africa é tão escura ou fabulosa, como era tenebroso e povoado de mysterios o Oceano.

Até ali dominava absoluta na geographia e nos annaes das navegações ultramarinas a lenda, o romance, a mythologia. É com os portuguezes do seculo xv que teve seu principio a historia authentica, documental e genuina.

Como nasceu porém no espirito de Portugal esta generosa e incessante aspiração para as terras afastadas e para os mares desconhecidos? Não foi certamente a influencia das rodas celestiaes ou dos planetas, segundo a crença astrolo-

gica de Azurara[1], nem a divina inspiração, segundo a menção dubitativa, meio sceptica de João de Barros[2], quem inclinou o animo emprehendedor e bellicoso do Infante D. Henrique a intentar e proseguir a exploração das costas africanas. As navegações dos portuguezes, ainda que originaes e espontaneas, eram todavia a consequencia necessaria da particular situação de Portugal, das suas relações agora mais que nunca frequentes e animadas com a Africa septentrional, do conhecimento e combinação das noções embora vagas, proveitosas, que a antiguidade transmittíra e que o renascimento das letras classicas tornára mais vulgares aos espiritos selectos e das noticias e informações colhi-

---

[1] «Mas sobrestas cinquo rasões tenho eu a vj (sexta) que parece que he raiz donde todallas outras procedem e isto he inclinaçom das rodas cellestriaes... Porem vos quero aqui screver como ainda per pungimento de natural influencia, este honrado principe (D. Henrique) se inclinava a estas cousas.» Azurara, *Chron. do descob. e conq. de Guiné,* cap. VII, pag. 48.

[2] «Alguns quiserão affirmar, que como era principe catholico e de vida muy pura e religiosa, esta empreza mais lhe fora revelada que per elle movida.» Barros, *Decad.* I, liv. I, cap. II.

das entre os arabes, depois que a praça de Ceuta fôra das armas portuguezas subjugada. A contínua e fructuosa applicação do infante D. Henrique á cosmographia é attestada pelo veneziano Cadamosto e por João de Barros, que attribue como fructo a esta sciencia, cultivada pelo grande promotor dos nossos descobrimentos, o ter a corôa de Portugal o senhorio de Guiné e os demais titulos, que mais tarde lhe accresceram[1]. Minuciosas perquisições effeituadas com extrema diligencia e perspicacia precediam as primeiras navegações dos portuguezes ao longo das costas africanas no Oceano. Alem de que D. Henrique aproveitava o que os antigos e os escriptores da edade média escreveram e especularam ácerca da geographia, colligia com singular curiosidade quantas noticias lhe podiam advir, interrogando os que tinham viajado por diversos territorios, principalmente pelo sertão de Africa. Era assiduo em inquirir dos mouros africanos quanto sabiam a respeito das regiões que demoravam mais distantes do reino de Marrocos. Por elles alcançou valiosas informações sobre

---

[1] Barros, *Decad.* I, liv II, cap. XVI.

os arabes, que habitavam nas cercanias do Sahara, e dos povos que estanceavam nas terras de Guiné[1]. Se confiâmos nas palavras de um navegador contemporaneo, Diogo Gomes, e nas de Jeronymo Munzer, o infante D. Henrique sabendo que o bey de Tunis mantinha commercio e permutação com os paizes interiores do continente africano, principalmente com Timboktú, mandou a Tunis seus proprios emissarios, e colhendo satisfactorios esclarecimentos, se resolveu em tentar pelo Oceano o que os tunisinos por meio de suas cafilas realisavam no deserto[2]. Os venezianos tinham fundado feitorias em Tunis e celebrado com o sultão Monsaid um tratado de commercio e d'aquella cidade encaminhavam suas caravanas ao interior do continente[3]. É possivel que o infante para completar as suas inquirições aproveitasse o que d'estas jornadas terrestres

---

[1] Barros, *Decad.* I, liv. I, cap. II.

[2] Hieronym Munzer, *De inventione Africae meridionalis,* pag. 60, cit. em Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 72. — Diogo Gomes, em Schmeller, *Valentim Fernandes*. etc., pag. 19 e 21.

[3] Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 59.

e mercantis podesse de Veneza derivar. D. Henrique tinha, ao que parece, nos portos da Barbaria entre os proprios naturaes alguns, com quem mantinha correspondencia e de quem recebia apontamentos sobre assumptos relativos ao interior do continente[1]. Ao passo que os descobrimentos se íam adiantando ao longo das margens africanas, nos saltos e incursões podiam os navegantes haver á mão alguns indigenas e os traziam a Portugal. Interrogava-os o infante, para d'elles alcançar novas noticias, ou corrigir e additar o que de outras fontes lhe constava ácerca das terras africanas. E com estas informações lhe era possivel indicar aos seus navegadores, quando de Sagres os despachava, o que em certos pontos do litoral, ainda não explorados, haveriam de encontrar[2].

Não podemos sem offender a boa critica, e por exaggerar absurdamente as glorias portuguezas, contestar que o infante, ao começar a sua

---

1 Diogo Gomes, *De prima inventione Guineae,* ed. Schmeller, nas *Mem. da acad. das sciencias de Munich,* 1835, pag. 21.

2 Azurara, *Chron. do descobr. e conq. de Guiné*, cap. LX, pag. 278.

empreza, de quantas cartas geographicas produzíra a edade média, houvesse consultado as que lhe podessem vir á mão. Não é crivel que tão estudioso inquiridor das cousas de Africa cifrasse apenas em Strabo ou Ptolemeu tudo quanto lhe era util aproveitar em relação ao Atlantico e ás terras africanas. Ácerca do interior do continente ao sul do Sahara servir-lhe-ía porventura a carta catalan de 1375, na qual já vem assignaladas as cidades de Timbuktú e de Melli, e uma região já conhecida pelo nome de Guinea[1]. A configuração da Africa austral apparece já delineada com alguma, posto que mui grosseira, approximação á fórma verdadeira do continente, n'algumas cartas da edade média, principalmente na de Marino Sanuto, de 1320. De todas as cartas porém a mais exacta e a que melhor poderia adequar-se aos intentos de D. Henrique seria a do portulano da bibliotheca laurenciana de Florença, publicada em 1827 pelo conde Baldelli Boni, assignando-lhe a data de 1351, se porventura em presença dos reparos e objecções do visconde de Santarem, é

---

[1] Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 59.

plausivel admittir que este monumento cartographico é anterior aos nossos primeiros descobrimentos africanos [1]. Se o infante porém conheceu e aproveitou as cartas mencionadas, a que o infante D. Pedro trouxera de Veneza, ou a que, segundo o testemunho de Galvão [2], existiu no mosteiro de Alcobaça, sempre fica manifesto, que nenhuma d'ellas, ainda que prestando clarões debeis ás nossas expedições, poderia assignalar e dirigir as derrotas dos nossos mareantes atravez de mares desconhecidos e ainda virgens de ousadas navegações [3].

Que nos primeiros tempos das nossas nauticas façanhas não eram os portuguezes, d'entre todas as gentes navegadoras, os mais experimentados e professos na sciencia e arte de navegar, o testifica a notavel circumstancia de que D. Henrique attrahíra a grande custo a Portugal o malhorquino mestre Jacome *para ensinar sua sciencia aos officiaes portuguezes d'aquelle mes-*

---

1 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 70–74.

2 Galvão, *Trat. dos descobrimentos.*

3 Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 76–77.

ter[1]. Os catalães eram por aquelles tempos notaveis navegadores no Mediterraneo. As cartas maritimas eram tão vulgares n'aquelle povo, que já no seculo XIV todas as galés de Catalunha eram por lei obrigadas a trazer a bordo dois exemplares d'aquelles mappas[2].

Se bem os portuguezes não fossem, d'entre todas as modernas nações maritimas, durante a edade média os mais insignes na cosmographia e navegação, na qual se lhes avantajavam certamente os venezianos, genovezes e catalães, não se póde constestar que o seu poder naval foi desde remotos annos mui crescido e accommodado ás emprezas militares e mercantis. Os documentos e as chronicas attestam a cada passo que a marinha portugueza já desde os tempos de Sancho II se distinguia honrosamente, quando nas grandes potencias navaes dos nossos dias mal transparecia em tenues rudimentos uma armada nacional. Os navios portuguezes, assim como os hespanhoes, segundo a insuspeita affirmação de um illustre archeologo naval, sobrele-

[1] Barros, *Decad.* I, liv. I, cap. XVI.

[2] Lelewel, *Géograph. du moyen âge*, tom. II, pag. 37, cit. em Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 193

vavam em grandeza aos das outras nações contemporaneas[1]. Em Inglaterra no tempo de Henrique III os navios de guerra não excediam a lotação de oitenta toneladas[2]. Em tempos de Sancho II um grande navio portuguez apresado por inglezes foi encorporado como um valioso subsidio na armada real de Henrique III[3]. Já n'aquelles tempos existia em Lisboa um arsenal de construcções maritimas, e o engenheiro naval João de Miona, que parece todavia pelo nome não ser porventura portuguez, era galardoado pelo rei Affonso III porque lhe havia construido uma grande nau[4]. É porém Diniz, o lavrador, quem póde com rasão appellidar-se o primeiro e mais afortunado promotor da marinha portugueza. Parece que se os nossos nacionaes andavam já endurecidos

---

1 Jal, *Archéologie navale,* Paris 1840, ii, pag. 316.

2 *History of royal navy,* i, 242-244. Londres, 1847, citado em *Prinz Heinrich der Seefahrer und seine Zeit* (o principe Henrique, o navegador e o seu tempo), por Gustavo de Veer. Dantzig, 1864, pag. 11.

3 *History of royal navy,* i, 188.

4 Quintella, *Annaes da marinha portugueza,* i, 17. Lisboa, 1839.—Brito, *Monarchia lusitana,* tom. v, liv. xvi, cap. xii.

e afeitos ao trato do Oceano, como o haviam demonstrado desde a infancia da nação, minguava n'elles em certa maneira o saber e competencia para o mando supremo das armadas e para o governo dos navios. Porque n'esta edade veiu servir a Portugal o genovez Manuel Pessagno ou Pessanha, a quem D. Diniz assoldadou por almirante, declarando em sua geração hereditario o alto officio, e impondo-lhe a obrigação de ter sempre ao serviço de Portugal mais vinte genovezes para serem os arraises e alcaides das galés[1]. Qualquer que seja a admiração, que nos mereçam os nossos denodados e peritos navegadores na edade heroica dos nossos descobrimentos, é força confessar que nos tempos anteriores e ainda nos principios das nossas navegações, Portugal reconhecia nos genovezes, venezianos e ainda mesmo nos catalães uma notavel superioridade na arte de marear e no mando das galés e das armadas. O contrato de D. Diniz com o almirante italiano prova sem possivel objecção que tal era n'este ponto o sen-

[1] Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, 19.—Macedo, *Additamentos*, etc., nas *Mem. da acad. real das sciencias*, tom. XI, part. II, pag. 226 e 230.

tir do monarcha trovador, tão illustre imitador da lyra provençal como zeloso administrador e estadista. Mais tarde, quando eram já sazonados os nossos descobrimentos, pagámos com mão generosa aos outros povos navegadores o que d'elles aprenderamos na infancia das nossas aventuras. Fomos nós os que segundo testemunhos insuspeitos, ministrámos aos demais povos o conhecimento de nauticos processos e de phenomenos meteorologicos e hydrographicos de feliz applicação. Se o infante D. Henrique não foi, como o assevera o classico historiador das mathematicas, Montucla[1], e antes d'elle o affirmára o cosmographo portuguez Pimentel[2], o inventor das cartas hydrographicas planas, e se o principio fundamental da sua construcção se encontra já na *Geographia* de Ptolemeu[3], não se póde todavia contestar que ás meditações e diligencias do perseverante solitario do promontorio sacro se deveu o incitamento para que se

---

1 Montucla, *Hist. des mathématiques*, part. III, liv. IV, § XIII, pag. 609.

2 Pimentel, *Arte de navegar*, part. II, cap. IV.

3 Stockler, *Ensaio historico sobre a origem e progressos das mathem. em Portugal*. París, 1819, pag. 102-104.

delineassem os mappas, até ali desconhecidos, nos quaes os meridianos e parallelos appareciam representados por linhas rectas, onde a curva traçada por um navio, seguindo sempre o mesmo rumo, se podesse egualmente figurar por um traço rectilineo[1]. E tão adiante dos outros povos, ao saír da edade média, e já em plena renascença, foram sempre em assumptos de navegação os portuguezes, que a primeira investigação das propriedades da *loxodromia,* ou da curva, descripta pelo navio, cortando os meridianos segundo o mesmo rumo, foi devida a Pedro Nunes, um illustre portuguez, e um dos mais celebres geometras do seculo XVI. Foi egualmente aos portuguezes e aos hespanhoes que as nações maritimas deveram em grande parte o conhecimento das principaes correntes marinas[2].

Foram portuguezes navegantes os que primeiro descobriram que as linhas isogonicas, ou

---

[1] Stockler, *Ensaio hist. sobre a orig. e progr. das math.,* pag. 105.

[2] Peschel, *Gesch. der Erdk.,* introd., pag. XII. «Die Kenntniss der beträchtlichsten Meeresströmungen verdankt man . . . spanischen und portugiesischen . . . Lootsen.»

aquellas, em que á superficie do globo é a mesma a declinação ou variação da agulha magnetica, não são circulos meridianos, senão curvas de fórma irregular e dupla curvatura[1]. Assim foram portuguezes os que iniciaram a serie de portentosos descobrimentos n'esta provincia da physica do globo, o magnetismo terrestre, fundada como sciencia desde a primeira carta magnetica do celebrado astronomo Halley, em 1700, e a de Hansteen de 1770 até os trabalhos mais perfeitos de Ermann, de Barlow, de Humboldt, de Gauss, de Lamont, do general sir Edward Sabine no seculo presente.

A vizinhança dos mouros, que infestavam as costas de Portugal, e a guerra, que com elles traziamos sempre accesa com maior ou menor intensidade já depois de libertado o nosso territorio, obrigava a que andassem armadas portuguezas cruzando os nossas mares, não só para guarecerem o paiz contra os saltos e incursões dos musulmanos, senão tambem para defende-

[1] Acosta, *Historia natural y moral de las Indias*, liv. I, cap. XVII.—Peschel. *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 674-675.

rem os navios nacionaes, que em trafico mercante se occupavam[1].

Em tempos de D. Diniz e talvez em reinados antecedentes, impendia aos judeus a obrigação de contribuirem com uma boa amarra para cada navio, que de novo se construisse para serviço das armadas[2].

Eram já n'aquelle tempo extensas e importantes as pescarias nos mares de Portugal e longe d'elles nas costas da Gran-Bretanha e Normandia[3].

Em 1353 era já tão consideravel o trafico maritimo entre Portugal e a Inglaterra, que as cidades do Porto e de Lisboa celebraram um tratado de commercio com o rei Eduardo III[4]. Já em tempos de Affonso IV e de D. Fernando os portuguezes das costas do Algarve[5] se aventuravam com fervor á pesca da baleia. Era tal o pro-

[1] Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, pag. 21.

[2] João Pedro Ribeiro, *Dissert. chronolog.*, tom. III, pag. 91 e seg.

[3] Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, pag. 22.

[4] Rymer, *Foedera*, tom. III, pag. 264, citado em Gustav de Veer, *Prinz Heinrich der Seefahrer*, pag. 31.

[5] Constantino Botelho de Lacerda Lobo, *Memoria sobre a decadencia das pescarias em Portugal*, nas *Memo-*

gresso e o luzimento da marinha mercante portugueza que o rei D. Fernando, entre varias providencias em beneficio do trafico naval, decretou em Lisboa a primeira instituição de seguros maritimos, que na Europa se estabeleceu[1]. Em seu reinado se apparelhou uma armada certamente mui grossa para aquelles tempos, a qual constava de vinte e uma galés, quatro naus e uma galeota, com seis mil homens entre marinheiros e soldados para que ao mando do conde de Barcellos fosse ao encontro da esquadra castelhana[2]. N'este reinado, que não foi certamente dos mais felizes e dos que melhor abonassem a monarchia, o porto de Lisboa tinha já um movimento consideravel e nas suas aguas se contavam em muitas epochas do anno mais de quatrocentas embarcações afóra as que sómente navegavam pelo Tejo[3]. A famosa expedição contra Marrocos e á tomada de Ceuta, principio e berço de todos

rias economicas da academia real das sciencias de Lisboa, tom. IV, pag. 330.

[1] Fernão Lopes, *Chronica de D. Fernando*, cap. XC.

[2] Fernão Lopes, *Chronica de D. Fernando*, cap. CXXIV-CXXVI.

[3] Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 45.

os descobrimentos e façanhas navaes dos portuguezes, levou D. João I uma armada tão possante, qual convinha a uma facção tão gloriosa e tão difficil de acabar. Sendo que não ha certeza no conto dos navios, é provavel que não fossem menos de cincoenta galés e trinta naus, alem dos navios menores e de transporte[1].

No principio de suas maritimas emprezas eram ainda os portuguezes tão pouco experimentados e scientes na navegação do alto mar, que as suas singraduras as faziam cosendo-se com a terra sem nunca se aventurarem a perder de vista o litoral[2]. É verdade que eram ainda muito menos afoutas aos perigos do Atlantico as outras nações navegadoras. As falsas opiniões, herdadas dos antigos e cada vez mais fortemente roboradas pelas superstições geographicas da edade média, exerciam a principio o seu influxo deleterio na imaginação meridional dos

---

[1] Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, I, pag. 26.

[2] «E como os marinheiros d'aquelle tempo não eram costumados a se engolfar tanto no pégo do mar e toda a sua navegação era por sangraduras sempre á vista de terra...» Barros, *Decad.* I, liv. I, cap. II.

navegantes portuguezes, os quaes ao tentarem os caminhos do Oceano o phantasiavam povoado de perigos e de terrores, impervio e innavegavel ainda aos mais ousados marinheiros[1]. Acreditavam com os antigos e com os mais illustres sabedores da edade média, que a Africa intertropical era deserta de gente e vegetaes e que as aguas do Oceano pela exigua profundeza, a pouca distancia das suas margens, não dariam logar á navegação[2].

Ao passo que os mareantes portuguezes se íam adiantando nos caminhos do Oceano e affazendo-se mais e mais á braveza das tempesta-

---

[1] Barros, *Decad.* I, liv. I, cap. II. «Concebiam que o mar dalli por diante (do Bojador) era todo aparcellado e que esta fora a causa, porque os povoadores d'esta parte da Europa não se entenderam a navegar contra aquellas regiões.»

[2] «Isto he claro, deziam os mareantes, que despois deste cabo (o Bojador) nom ha hi gente nem povoraçom algũa; a terra nom he menos areosa que os desertos de Libya, onde nom ha augua, nem arvor, nem herva verde; e o mar he tam baixo, que a hũa legoa de terra nom ha de fundo mais que hũa braça. As correntes são tamanhas, que navyo que lá passe, jamais nunca podera tornar.» Azurara, *Chron. do descob. e conq. de Guiné*, cap. VIII, pag. 51.

des, ía crescendo a sua pericia. Esses aventureiros, porém, quasi bisonhos navegantes, que durante os primeiros tempos de suas expedições tremiam assombrados diante do temeroso Bojador, quando eram apenas decorridos poucos annos já sabiam acabar tão insigne feito, qual era o de Ayres Tinoco, o qual tendo apenas comsigo quatro grumetes, volvêra desde o Cabo Verde a Portugal, engolfando-se no Oceano, depois que Nuno Tristão perecêra ás mãos dos negros com a maior parte da tripulação do seu navio[1].

A sciencia naval dos portuguezes acompanhava agora a sua audacia. Bem depressa foram elles os primeiros navegadores de todo o mundo. E não é para assombrar que as demais nações maritimas da Europa, quando intentam seguir e imitar as aventuras portuguezas nas costas africanas, venham a Portugal buscar pilotos que os encaminhem nas sendas procellosas, domesticas e familiares aos portuguezes, ain-

---

[1] Azurara, *Chron. do descob. e conq. de Guiné*, cap. LXXXVI, pag. 402.—Diogo Gomes, em Schmeller, *Valentim Fernandes*, pag. 25.

da tenebrosas, quasi impervias aos extranhos[1]. Os hespanhoes, que á porfia com os portuguezes inscreveram nomes immortaes nos fastos geographicos do mundo, no começo do XV seculo ainda mui pouco se distinguiam pela sua pericia como navegadores do Oceano e no proprio Mediterraneo não ousavam das costas alongar-se[2]. O exemplo e emulação dos seus vizinhos estimulou-os nobremente a que com elles mais tarde participassem na gloria dos maravilhosos descobrimentos e no imperio das novas regiões[3]. A tal ponto de perfeição tinham levado os portuguezes, amestrados pelas tormentas do alto mar, a construcção dos seus baixeis, que já Cadamosto, o navegador veneziano ao serviço do infante D. Henrique, divulgava pelo mundo o serem as caravellas de Portugal os melhores navios d'aquelle tempo[4].

---

1 Visc. de Santarem, *Recherches sur la découverte*, etc., pag. 181-182.

2 Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 160.

3 Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 161.

4 *As navegações de Luis de Cadamosto* na *Collecção de noticias para a hist. e geogr. das nações ultramarinas*, publicada pela acad. das scienc., tom. II, pag. 3.

Nem admira que o americano Prescott, porventura o primeiro historiador do nosso seculo, escrevesse dos portuguezes «que elles foram os primeiros que entraram no brilhante caminho dos descobrimentos nauticos»[1].

O eminente geographo allemão, Oscar Peschel, entre todas as nações maritimas nos concede com rasão a palma de preexcellentes e proclama que foram os marinheiros portuguezes na epocha dos nossos descobrimentos os mais intrepidos nautas do seu tempo[2].

Se os genovezes tinham ensinado outr'ora a Portugal a arte de marear, quando as navegações no Oceano se limitavam ás costas europeas ou aos mares da Barbaria, Colombo, o mais illustre navegador italiano, em Portugal e de portuguezes aprendeu em grande parte o que de

[1] «The portuguese were the first to enter on the brilliant path of nautical discovery.» Prescott, *Hist. of Ferdin. and Isab.*, tom. II, pag. 112.

[2] «Unter seiner Leitung (do infante D. Henrique) wurden die Portugiesen ... die unerschrockensten Seeleute ihrer Zeit.» Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 85.

sciencia e pratica lhe aproveitou no seu famoso, mas fortuito descobrimento[1].

Quando chegou o tempo das aventuras no mar alto, começava a entrar em sua florente adolescencia o nosso espirito naval. Mais que nenhum povo, ainda mesmo os da peninsula, estavamos proximos ao litoral africano no occidente. Tinhamos já um pé em Ceuta, chave da Africa. Haviamos por assim dizer tomado symbolica posse de todo aquelle continente, em sua maior parte desconhecido. Tinhamos já plantado o principio do nosso futuro imperio africano e oriental. A nenhuma nação da Europa se estava azando mais propicia a empreza grandiosa de atar de novo a communicação entre a christandade do Occidente e os povos innumeraveis de remotas e varias gentilidades. Costear a Africa e seguir do Atlantico ao mar das Indias em demanda d'essas terras maravilhosas da especiaria e dos thesouros, era o grande problema, não sómente portuguez, senão europeu, universal, a cuja solução nos pungia e estimulava a nossa ambiciosa aspiração de

[1] Humboldt, *Examen critique*, I, pag. 92 e 96.

nos desforrarmos nobremente da mesquinhez de territorio, fazendo de cada nau ou caravela aventureira o throno da nossa absoluta soberania no Oceano. Este vago e instinctivo sentimento corporificou-se e fez-se acção no infante D. Henrique. Assim como a força da natureza não póde entrar ao serviço do homem productor sem o concurso e prestancia de uma machina, assim tambem a idéa, que transforma as civilisações e que é fundo commum da humanidade, necessita de se consubstanciar n'uma pessoa, como o hindustanico Vischnú carece de uma nova encarnação ou *avatar* para visitar de novo a terra. O infante D. Henrique é a alavanca d'este espirito insito, espontaneo, habitual á gente portugueza, romanesca e aventureira, de outras eras. Desde a tomada de Ceuta em 1415 até que Gil Eannes, em 1433, após muitos annos de infructiferas expedições, consegue ultrapassar o cabo Bojador, a perseverança, ainda maior que a intrepidez, assegura já que essa virtude heroica, essa fé inabalavel nos magnificos destinos da nação, tarde ou cedo abrirá aos nautas animosos do ultimo Occidente as douradas portas do mundo oriental. Successivamente e em repetidas expedições consegue o esforço de impavidos na-

vegadores estender os descobrimentos portuguezes e quando o infante baixa ao tumulo a bandeira de Portugal tem já fluctuado á vista da Serra Leoa, derradeiro término das pasmosas navegações, que favoreceu e animou.

Depois, em tempos de Affonso V e principalmente de João II, proseguem os descobrimentos até que Bartholomeu Dias e João Infante, descobrindo e passando o cabo da Boa Esperança, resolvem o maior problema geographico, que a antiguidade nos legou, o da effectiva e real communicação entre o Atlantico e o mar das Indias, e demonstram experimentalmente a figura peninsular do continente africano. Vencido e como que domesticado assim o cabo Tormentorio, o terrivel Adamastor, estava aberto, amplissimo, patente o caminho do Oceano.

Era agora mister cursar ao longo da costa oriental, e engolfando-se no pélago profundo surgir nas cubiçadas ribas indianas, e levar a bandeira e a gloria portugueza até ás mais remotas regiões orientaes, ignotas ou nebulosamente rastreadas pelos mais illustres povos conquistadores e pelos maximos geographos na antiguidade. O nome portuguez, que não cabia na patria, teve agora para expandir-se toda a

terra. No *sonho de Scipião,* põe Cicero na bocca do famoso romano d'este nome, a quem as suas victorias assignaram o epitheto de Africano, as seguintes palavras dirigidas a outro Scipião, não menos celebrado, o Emiliano, para significar-lhe quanto, apesar dos seus triumphos, era miseravel e pequeno o theatro da sua gloria: «D'estas cultas e notorias regiões (referia-se ao orbe romano, grandissimo como conquista de um só povo, escasso em comparação do globo inteiro), póde acaso o teu nome ou o de outro qualquer dos nossos ultrapassar o Caũcaso, que ali vês ou passar alem d'aquelle Ganges? Quem nas restantes terras do nascente, ou nas ultimas do poente, ou do norte, ou do meio-dia ouvirá o teu nome? As quaes regiões postas de parte, bem vês em que limites estreitissimos poderá dilatar-se a vossa gloria[1].» Tão altisonante como

---

[1] «Ex his ipsis cultis notisque terris, num aut tuum aut cujusquam nostrûm nomen, vel Caucasum hunc, quem cernis, transcendere potuit, vel illum Gangem transnatare? Quis in reliquis Orientis, aut abeuntis solis ultimis, aut aquilonis, austrive partibus tuum nomen audiet? Quibus amputatis, cernis profectò quantis in angustiis vestra gloria se dilatari velit.» *Somn. Scipionis.* em M. Tullii Ciceri. *Opera omnia,* ed. elzev., 1661, pag. 1319.

foi o nome dos romanos, não achou echos a sua fama na maxima porção do mundo hoje explorado e conhecido. Mas o que os Scipiões não poderam alcançar, guardava-o o destino ao pequeno povo do Occidente. Ao revez de Scipião quasi faltou aos portuguezes ainda mais terra, a que dilatar o seu nome e as suas victorias.

N'este momento historico apparece na scena do mundo um d'estes homens singulares, em cujos altos espiritos e em cujo animo impertérrito, que chega a imperar á natureza e á fortuna, se vê gloriosamente accrescentada e resurgida a tempera dos mythicos heroes. Esse homem ao desferir o rumo e deixar as praias portuguezas, leva na sua nau o futuro da civilisação.

Pelo impulso do genio e do valor, eil-o que se levanta desde a obscura mediania até encher o mundo com a sua gloria e assombrar com o seu nome a mais remota posteridade. Esse homem é Vasco da Gama.

CAPITULO XV

AS ANTIGAS COMMUNICAÇÕES COM O ORIENTE

> Aquellas orientaes riquezas tão celebradas dos antigos escriptores . . . por commercio tem feito tamanhas potencias como são Veneza, Genova, Florença e outras mui grandes communidades de Italia.
>
> BARROS, *Decad.* I, liv. IV, cap. I.

A India, antes de Vasco da Gama, fôra já nos antigos tempos e durante a edade média para as nações do velho mundo a região proverbial das maravilhas e das riquezas.

A cubiça e o desejo de extender até paragens mui remotas a dominação e senhorio foram sempre o mobil principal dos notaveis descobrimentos geographicos. Não é pois de admirar que a antiguidade, tão fertil em ambiciosos conquistadores, não sómente por fama conhecesse as paragens do Ganges e do Indo, senão que até ali procurasse ampliar as suas conquistas, e inten-

tasse avassallar com os seus exercitos e as suas armadas a terra celebrada pelas suas preciosas producções e especiarias.

A lenda meio-mythologica, meio-historica, dos Argonautas e da sua famosa expedição até á Colchida, é sob a fórma poetica de um mytho heroico, a prefiguração do que deveria succeder por largos seculos, do esforço e empenho das gentes occidentaes em unir pelo interesse mercantil o Occidente e o Oriente. O vellocino de oiro attrahe de longe a mais ferteis e remotas regiões os que anceiam pelas imaginadas opulencias das terras orientaes.

Quatorze seculos antes da era christan, Rhamsés, o grande, o Sesostris dos escriptores gregos, o segundo rei da decima nona dynastia egypcia, de Manetho, conduz á India uma grande armada, a qual saíndo pelo Golfo Arabigo salteia e conquista muitas povoações nas ribas do mar Erythrêo[1]. A narrativa de Herodoto, como tantas outras do mesmo historiador, annumeradas entre as fabulas por muitos escriptores dos seculos preteritos, achou plena confir-

[1] Herodoto, *Hist.*. liv. II, pag. 102.

mação nos profundissimos estudos egyptologicos do seculo presente[1].

Para a antiguidade classica desvendaram-se em parte os mysterios da India oriental pelas campanhas de Alexandre, o bravo e glorioso general dos macedonios. A India foi para os gregos da edade alexandrina a revelação de um mundo novo[2]. A civilisação hellenica, admiravel como era, não poude soffrear o espanto, que lhe inspirava aquella região, onde a natureza opulentissima, com as suas fórmas inesperadas e extranhas de novos organismos, singularmente contrastava com as conhecidas producções das terras occidentaes; onde as raças na côr e nas feições eram diversas das gentes europeas, onde eram desvairadas as instituições, a religião, a philosophia e os costumes[3], onde os edificios assombravam pela sua grandeza monumental, e pela sua admiravel magnificencia.

Singular e extraordinaria se afigurava a descripção e o reconto das maravilhas indianas,

---

1 Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 11 e 13.

2 Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 66.

3 Humboldt, *Kosmos*, tom. II, pag. 181.

taes como as haviam summariado em seus escriptos muitos sabios companheiros de Alexandre: Nearcho, o almirante da sua armada, Onesicrito, Aristobulo, Megasthenes. E porque nada similhante ao que diziam d'aquelle mundo oriental se lhes deparava nas terras europeas, muitos se recusavam a pôr inteira fé no que parecia desconforme á ordem da natureza e da humanidade[1]. Quasi punham na mesma plana as descripções authenticas da India e o que d'ella fabulára Ctesias, de Gnido, o medico de Artaxerxes Memnon. O proprio Arriano, o chronista grego das expedições e campanhas de Alexandre, averba de suspeitas as narrações de muitos escriptores[2].

Não se extinguiu nos gregos com a morte do Macedonio o empenho de aproveitar os thesouros indianos. Os *diádochos* ou successores do grande conquistador proseguem na empreza de ligar ao Oriente as terras occidentaes. Os Ptolemeus do Egypto hellenisado, desde Myos Hormos e Berenice, na costa occidental do Golfo

---

[1] Humboldt, *Kosmos,* tom. II, pag. 181.

[2] Arriano, *Expedições de Alexandre,* liv. V, cap. II.

Arabigo, fazem navegar as frotas mercantis para a India oriental, e levam a derrota até Ceylão, a Taprobana dos antigos, no primeiro seculo da era christan.

Hippalo, um navegador greco-egypcio, descobre, ou antes aproveita, em beneficio da mais curta navegação, a regular alternativa das monções no Oceano Indico[1].

As mercancias eram conduzidas desde o emporio de Barygaza, na costa do Malabar, desde o Indo e Taprobana aos portos do Mar Vermelho, e d'elles transportadas em caravanas até Koptos, d'onde se íam diffundir a Memphis e Alexandria[2]. No celebrado museu d'esta cidade se accumulavam as mais desvairadas producções do Oriente. Alexandria era então a metropole da intelligencia e o centro de todo o tráfego do mundo. No conceito do sabio Peschel, no tempo do geographo Ptolemeu conhecia-se infinitamente mais da India do que sabia Gerardo Mercator,

---

1 Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 90.—Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 4.—Humboldt, *Kosmos*, tom. II, pag. 205.

2 Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 90.

o celebre geographo hollandez, nos fins do XVI seculo[1].

Durante a dominação dos Lagides no Egypto os gregos chegaram a fundar estabelecimentos mercantis, não sómente na ilha de Socotorá senão tambem na costa do Malabar, entre Goa e Bombaim, se havemos de acreditar no que Arriano, ou outro grego, deixou commemorado na antiga relação intitulada *Periplo do mar Erythrêo,* interpretado n'esta parte pelo doutissimo Lassen, profundo investigador da antiguidade no Indostão[2].

Para facilitar o commercio maritimo com a India, Ptolemeu II, Philadelpho, o segundo entre os Lagides ou reis gregos do Egypto, fez novamente navegavel o canal, que ligando o Nilo ao Golfo Arabigo, em tempos mais antigos fôra aberto pelo Pharaoh Nechao, e continuado por Dario Hystaspis. Principiava o canal pouco acima de Bubastis, e terminava no Erythrêo[3].

Entre os romanos não foi a India reputada como terra de menos extranheza do que nos

---

1 Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 11.

2 Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 11.

3 Herodoto, *Hist.*, liv. II, pag. 158.

tempos de Alexandre e dos seus guerreiros successores. Basta ler em Quinto Curcio, o romano historiador das proezas do Macedonio, a descripção da India, para ver de quanto a imaginação amplificava as riquezas d'aquelle paraizo oriental[1].

Segundo o historiographo romano os rios arrastam o oiro na sua corrente, e o mar borda de aljofares e de pedras preciosas as margens, onde espraia as suas ondas[2]. As noticias, porém, que os romanos ácerca da India conheciam, de fontes gregas eram principalmente derivadas. As campanhas e os triumphos dos seus exercitos na Asia não lhes abriram, como a Alexandre mais venturoso ou mais audaz, os caminhos do Indostão. Mas os quirites, chegados ao fastigio da gloria e do poder, depois de terem convertido o mundo conhecido em *orbis romanus,* necessitam de todas as sumptuosidades e riquezas dos povos mais distantes para deliciar a se-

---

[1] Q. Curtii Rufi, *Historiarum,* liv. VIII, n.º 9, ed. elzevir., Leyden, 1633, pag. 249-252.

[2] «Aurum flumina vehunt... Gemmas margaritasque mare littoribus infundit.» Q. Curtii, *Histor.*, liv. VIII, cap. IX, pag. 251.

de insaciavel de luxo e de prazer. A India, e o paiz remoto dos *Séres,* ou da China, enviam a Roma os seus mais preciosos artefactos e as suas mais custosas mercadorias. Quando Pompeio Magno celebra o seu magnifico triumpho, após a guerra mithridatica, e depõe como oblata a Jupiter Capitolino grande parte dos riquissimos despojos colhidos no thesouro de Mithridates[1], parece que uma torrente de gemmas e pedrarias vem inundar a metropole do mundo e annunciar que o Oriente se desentranha em opulencias para adornar a purpura e o diadema ao *povo rei.*

Conheciam os romanos pelas informações dos povos, que estanceavam nas regiões do Caucaso, o caminho commercial, que através da Asia seguiam as caravanas até á India e á Bactriana. Do Ponto se trasladavam a Roma e a Byzancio as mercancias do Oriente. As expedições romanas tiveram por extremo limite a leste o rio Euphrates. Ali terminava o seu conhecimento immediato da geographia oriental. Senhoreando o Egypto e reduzindo-o a provincia, Roma para compensar a perda do ca-

---

[1] Plinio, *Histor. natur.,* liv. XXXVII, cap. VI.

minho terrestre, que os Parthos indomaveis lhe cerravam, e que seguia desde o Ponto pela Bactria até á India septentrional, teve agora patente a estrada maritima, que o Erythrêo lhe franqueava até o Malabar[1]. Não eram porém naves onerarias de romanos as que da India transportavam as mercancias. O romano teve sempre mais innato pendor para as conquistas bellicosas do que para a mercantil grangearia.

Em tempos de Marco Aurelio, no segundo seculo da nossa chronologia, uma embaixada romana até á China attesta que os dominadores do Occidente não tinham em menospreço as relações commerciaes com aquelle imperio[2].

Ptolemeu, o geographo, no segundo seculo christão conhece da India muito mais do que souberam os gregos de Alexandre e os Lagides do Egypto, muito mais do que lhe podiam ministrar as informações directas dos romanos, incuriosos de alargar as fronteiras da geographia. São numerosos os logares, cuja posição elle assignala com rasoavel exactidão. O geogra-

---

[1] Ritter. *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 97.

[2] Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 14.

pho alexandrino conhece, ainda que vagamente, a região dos *Sinas,* ou a China meridional, e a *Serica,* ou a parte boreal do celeste imperio; não sabe, porém, ainda conglobal-as n'uma só e mesma grande região[1].

Da navegação de um grego aventureiro, Jambulo, até a ilha de Java, não é facil discernir o que pertence á historia verdadeira e o que deve considerar-se pura fabula. É innegavel todavia que Ptolemeu conhece no seu tempo aquella ilha e denota-a com o nome sanscrito hellenisado[2].

O christianismo, nascido no Oriente, desde os seus primeiros seculos bracejou e diffundiu-se ás extremas regiões da Asia. Em Socotorá encontra o monge viajante Cosmas Indicopleustes, no VI seculo, povoação christan de origem grega. Se a missão apostolica de S. Thomé e o seu martyrio em Meliapor, fundando-se na

---

1 Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.,* pag. 124. A respeito dos caminhos que seguiam as caravanas no commercio das sedas, conduzidas desde a China aos povos occidentaes, veja Peschel, *Gesch. der Erdk.,* pag. 9-10.

2 Peschel, *Gesch. der Erdk.,* pag. 15.—Ptolem., *Geogr.,* liv. VII, pag. 2.

lenda e tradição, não são historicamente comprovados, parece comtudo incontestavel que desde o VI seculo havia já christãos estabelecidos no Malabar e em Ceylão[1]. Os *christãos de S. Thomé,* que os portuguezes encontraram n'aquella costa[2], e as antigas tradições, que entre elles se conservavam, attestam que desde antigos tempos os christãos da seita nestoriana se haviam diffundido até á India.

Alexandria continuou durante a edade média a ser o principal emporio do trafico entre a India e o Occidente. Quando, porém, os arabes alargaram velozmente os seus dominios, e Bagdad foi a côrte do khalifado, o commercio maritimo do Oriente animou novamente o Golfo Persico e Bassrah foi desde então o centro das relações mercantis com as terras indianas.

Não se deram os arabes por satisfeitos com trazer as mercancias da costa do Malabar ou de

---

[1] Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.,* pag. 7.

[2] Sobre os christãos de S. Thomé e a sua historia, veja-se *Jornada do arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes,* por Fr. Antonio de Gouvêa, Coimbra 1606, liv. I, cap. I-IV, XVIII-XIX, e liv. III, cap. X.

Ceylão. Com a China mantiveram egualmente frequentes communicações. Desde Bassrah e Oman navegavam os debeis e mal seguros baixeis arabigos até Siraf. D'este ponto carregavam os juncos chins as mercadorias dos arabes e as levavam até os estabelecimentos musulmanos na costa de Malabar e d'ali, sempre ao longo do litoral, íam após longa navegação lançar ferro no porto appellidado nas relações arabigas Kanfu, a Campú de Marco Polo[1]. Era tal a extensão do commercio n'aquelle porto, a affluencia de extrangeiros, empenhados em suas grangearias, que, segundo Massudi, se numeravam em duzentos mil entre musulmanos, christãos, parses e judeus[2]. No seculo IX os arabes navegavam até á China meridional, e os mercadores chinezes vinham em seus navios até Siraf, quasi na foz do rio Euphrates[3]. N'este mesmo seculo nos fragmentos dos diarios de dois navegadores arabigos, Wahab e Abuzeid, apparecem já citadas as principaes mer-

1 Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 9-10.

2 Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 10-11.— Massudi, *Meadows of Gold,* trad. de *Sprenger,* I, pag. 324.

3 Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 175

cadorias do imperio chinez, o chá, a porcelana, os tecidos de seda e o almiscar[1].

Não são porém sómente os arabes, a raça conquistadora por excellencia, os que durante a edade média chegam com suas excursões á Asia extrema. Tambem gentes christans entram na China e fundam em varios pontos mais ou menos populosas communidades. Quando a dynastia Tang, que succedêra á dos Tschin, foi desthronada em principios do seculo x para deixar o throno vago á nova dynastia de Heuliang, a tolerancia, que tinha aberto as portas do vasto imperio ás peregrinas religiões, converteu-se em perseguição e os extrangeiros foram obrigados a fugir depois de verem posta a sacco a magnifica cidade de Kanfú[2]. A China era por aquelles tempos o theatro de intestinas e sangrentas convulsões e as invasões dos tartaros recresciam cada vez mais temerosas.

Os arabes, na geral intolerancia havida com as gentes forasteiras, não foram mais afortuna-

---

[1] Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 175.

[2] Reinaud, *Antiquités chrétiennes de la Chine*, em *Nouvelles annales des voyages*, 1846. Octob., pag. 94, cit. em Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 11.

dos que os seus emulos christãos. Não podiam agora commerciar directamente nos portos do celeste imperio. A commutação das mercancias do Occidente pelas da China fez-se então n'uma estação intermediaria, a que as antigas relações dão o nome de Kala, e cuja situação não é facil assignar precisamente[1].

Depois da queda do imperio romano do Occidente e da conquista do Egypto pelos arabes o centro do commercio europeu com as regiões orientaes trasladou-se para Byzancio ou Constantinopla, que pela sua excellente posição era na Europa como que a sentinella avançada do Oriente.

Quando na edade média começaram a florecer com grande poderio e luzimento as republicas maritimas da Italia, o trato mercantil principiou de rasgar mais largos vôos. Amalfi, Pisa, Genova e Veneza disputaram largos annos entre si o commercio do Mediterraneo. O senhorio d'este mar teve porém sómente por inconciliaveis contendores a Genova e a Veneza, depois que Amalfi decaíu, e Pisa, após uma guerra de duzentos annos, teve de ceder á

---

1 Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 11.

pujança naval dos genovezes. Ambas as republicas fiadas no seu grande poder naval e inflammadas pela cubiça mercantil, buscaram á porfia senhorear-se do commercio no Mar Negro. Os genovezes fundam Kaffa na Criméa, alargam os seus estabelecimentos commerciaes até á Mingrelia e levam os seus mercadores ás orlas do Mar Caspio. O porto de La Tana, na foz do Rio Don ou antigo Tanais, recebe ao mesmo tempo as feitorias de ambas as republicas rivaes. Aquella estação era o ponto, d'onde no seculo XIII partiam as caravanas dos francos ou latinos para chegar até á China, seguindo o itinerario descripto nas relações de Balducci Pegoletti, passando por Saray, a capital dos tartaros de Kiptchak, pela cidade de Organzi, celebrada nas cartas medievas, depois por Armalecco, até entrar em Camexu, a cidade Kan-ci-pú de Marco Polo. D'ali em mez e meio de jornadas passavam as caravanas o rio Amarello e depois com mais trinta dias de caminho avistavam finalmente a magnifica metropole Pekin ou Kambalú[1], cuja ri-

[1] Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 17-18.— Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 219.

queza e esplendor trazia absorto o Occidente.

As caravanas desde o Mar de Azov pela Asia central até á grande capital da China gastavam cerca de um anno de jornadas[1].

Para segurar as opulentas feitorias em La Tana e o transito das caravanas, celebraram os venezianos e genovezes seus tratados com o poderoso khan dos Tartaros. O mais antigo de que ha memoria tem a data de 1333[2]. Desde La Tana as preciosas manufacturas e riquezas da China, o chá, as porcelanas, as sedas, os charões, e as proprias especiarias indianas, cujo trato andava assim em monopolio de Genova e de Veneza, desde Constantinopla se diffundiam pela Europa até ao norte ás cidades anseaticas e ao meio-dia até Barcelona, Cadix e Lisboa[3].

Era então Constantinopla o grande mercado universal do commercio do Oriente.

Os genovezes dominavam ali quasi como senhores, e tinham realmente a soberania do Mar Negro, onde a influencia veneziana teve de ce-

---

1 Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 219.

2 Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdek.*, pag. 17–18.

3 Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 220.

der á supremacia inquebrantavel dos seus emulos.

A poderosa senhoria do Adriatico, expulsa do Bosphoro, e vendo cerrado o caminho terrestre pela Asia, não se resignava porém a perder de todo o ponto o trafico do Oriente.

O roteiro mercantil da India pelo Golfo Persico, e depois por Bassrah até á Europa, era difficil e tornava elevadissimo o preço das especiarias e drogas orientaes.

Em principios do seculo XIV só uma pequena parte das mais custosas mercadorias, que podiam facilmente deteriorar-se em mui longo transporte pelo mar, continuavam a seguir pelo Golpho Persico o seu caminho[1].

Transportar as mercadorias desde a India ao Mar Vermelho, conduzil-as ao Cairo e a Alexandria, era para os musulmanos a maneira mais segura e expedita de fazer o commercio oriental.

A extensão descommunal do islamismo pelas terras mais remotas da Asia, a affluencia prodigiosa de *hadgis,* ou peregrinos, que desde as

---

[1] Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.,* pag. 22.

mais afastadas regiões concorriam a Mekka, a cidade santa do propheta, tornando-a ao mesmo passo a metropole da fé religiosa, e o emporio dos interesses mercantis, restituiam naturalmente ao Mar Vermelho a sua antiga preeminencia no trato e communicação do Oriente com as terras occidentaes.

As magnificencias do Cairo, ou Babylonia, como na edade média lhe chamavam os francos ou latinos, andavam encarecidas na sua ambiciosa phantasia. Era tambem então Alexandria porventura mais florente e populosa do que nos aureos tempos dos antigos Ptolemeus.

Ali conviviam em interesseira confraternidade as gentes mais diversas pela raça, pelo idioma, pela fé; arabes da India, do Yemen e de Hespanha, negros e abexins, christãos da Europa do norte e meio-dia. A todos os europeus levavam os venezianos a vantagem. Assim ficava repartido entre as duas republicas rivaes o principado mercantil no Mediterraneo.

Genova dominava no Mar Negro, Veneza em Alexandria. Em concurso com estas poderosas rainhas do Mediterraneo, posto que em muito inferior grau, participava largamente no commercio do Levante a Catalunha, e principal-

mente Barcelona, a sua mui florente e industriosa capital.

Depois que Alexandria com o Egypto caíra em poder dos arabes conquistadores, o interesse mercantil, mais imperativo e efficaz do que o zêlo religioso, alcançára finalmente congraçar no grande emporio os mercadores christãos e os musulmanos. Em vão os imperadores gregos desde o IX seculo haviam prohibido aos venezianos o traficar na Syria e no Egypto. Infructuosamente haviam os papas condemnado todo o trato e commutação com os infieis[1], a ponto de julgarem boa presa em 1292 a carga tomada por uma galé genoveza de Thedisio Doria em um navio pisano, que de Alexandria navegava carregado de valiosas mercadorias[2].

Era Malaca um dos emporios principaes

---

[1] Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*, pag. 25-26.

[2] Na galé de Pisa, alem das fazendas pertencentes a pisanos, vinham muitas por conta de mercadores de Marselha e de Narbonna, e de outras partes, os quaes mandaram seus agentes pedir á arrogante senhoria que lhes deixasse as suas mercadorias; e ainda que, diziam os genovezes, todos aquelles bens eram justamente confiscados, por haver o senhor papa no anno precedente sentenciado

d'esta negociação e trato oriental. Ali vinham concorrer o cravo das Molucas, a maça e a noz de Banda, o sandalo de Timor, a camphora de Bornéo, o oiro e a prata de Lequios, as drogas e as especies aromaticas, os aromas e manufacturas da China, de Sião, de Java, e de outras ilhas e regiões da Asia e da Oceania. Chegadas a Malaca, na phrase de João de Barros, *emporio e feira universal do Oriente,* eram escambadas contra diversas mercadorias aos povos, que demoravam no litoral da peninsula indostanica e aos que mais ao occidente estancea-

---

ser licito a qualquer apresar as mercancias e vender como escravos as pessoas, que fossem commerciar aos estados do sultão do Egypto, ou de lá volvessem com seus carregamentos, os homens de Genova, diz o seu annalista Jacopo Doria, restituiram aos amigos o que da nave pisana lhes pertencia. «Verum cum de jure amisissent omnia per sententiam domni pape (sic), qui sententiam durissimam anno precedenti protulerat in quoslibet et quoscumque euntes et redeuntes ad terram et de terra aliqua soldani Egypti, qui etiam statuit quod quilibet posset eos capere in personis et rebus et bona eorum tenere tamquam propria et personas vendere velud (sic) sclavos...» *Annales januenses,* de Jacopo Doria, em Pertz, *Monumenta Germaniae historica,* Hannov., 1863, tom. XVIII, pag. 341.

vam até o Golpho Persico e o Mar Vermelho. Calecut, na costa do Malabar, Cambaya, na enseada d'este nome, Ormuz, no estreito assim denominado, Aden, na bocca do seio arabigo, quasi competiam com Malaca na importancia e riqueza de seus traficos. A estes portos acudiam, alem das riquezas de Malaca, os rubis e o lacre do Pegú, os estofos e télas de Bengala, o aljofre de Calecaré, os diamantes de Narsinga, a canella e as pedrarias de Ceylão, a pimenta e o gengibre, que abundavam em outras regiões. De Ormuz se exportavam as mercancias, que vinham destinadas á Europa, e eram pelo Golpho Persico transportadas a Bassrah. D'aqui se conduziam em caravanas, quaes para Armenia, Tartaria e Trebisonda, quaes para as cidades de Alepo e de Damasco, d'onde vinham expedidas a Beyrut, porto da Syria no mar do Levante. Ahi vinham os mercadores venezianos, genovezes e catalães, os tres povos navegadores do Mediterraneo, carregar em suas galés as especiarias e riquezas asiaticas e diffundil-as finalmente pelos mercados europeus. As especies e drogas orientaes, que de Malaca íam ter ao Golpho Arabigo, aportavam a Suez, situada no fundo d'este seio. As cáfilas e recovas as trasladavam até ao

Cairo e d'ahi se navegavam pelo Nilo até Alexandria[1]. Estes eram os roteiros, que seguiam as riquezas do Oriente, quando as duas poderosas republicas italianas na Europa meneavam, sem que ninguem lh'o podesse disputar, o sceptro mercantil.

As viagens e peregrinações dos embaixadores, missionarios e aventureiros christãos, que da Europa se dirigiram durante a edade média até os ultimos confins do continente asiatico tiveram bastante influencia no conhecimento das partes orientaes e na sua communicação com as terras do Occidente e contribuiram para dissipar as nevoas, que traziam encobertas aos francos ou latinos aquellas opulentas regiões.

Poude então a christandade adquirir a seu respeito mais exactas informações das que soubera alcançar a antiguidade.

Ficaram memoradas na historia das viagens durante o XIII seculo as que por ordem do papa Innocencio IV emprehenderam varios frades

---

[1] Barros, *Decad.* I, liv. VIII, cap. I.—Antonio Galvão, *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos*, ediç. de 1731, pag. 16 e 17.

franciscanos e dominicos, sendo entre elles o mais notavel João de Plano Carpino, o qual se adiantou em 1246 até Kaptschak, a côrte de Batu, segundo successor de Gengis-Khan. Pouco depois em 1248, outro religioso mendicante, André de Lonjumel, foi egualmente enviado pelo papa ao mesmo potentado oriental[1]. Não ficaram menos celebradas nas historias as embaixadas, que por ordem de S. Luiz foram á côrte do grão khan da Tartaria, a segunda das quaes desempenhou o franciscano Ruysbroek, conhecido vulgarmente pelo nome afrancesado de Rubruquis.

Era tal,—e porque assim o digamos,—tão contínua a corrente de missionarios, mercadores, legados e aventureiros entre a Europa occidental e as regiões, onde na Asia dominavam os mongoles, que na universidade de París, a metropole e *Alma mater* das sciencias em toda a christandade occidental, se pensou em instituir uma cathedra especial de lingua mongolica[2].

---

[1] Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 225.—Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 150.

[2] Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 150, citando a Abel Rémusat, *Rapports des princes chrétiens avec le grand em-*

A fama de Marco Polo eclipsa porém nos fastos das viagens terrestres ao Oriente a gloria dos que o precederam ou seguiram na carreira.

Marco Polo apparece na edade média como um assombro de maravilhosas aventuras, e é preciso que os portuguezes se revelem á Europa, circumdados de uma aureola immortal pelos seus pasmosos descobrimentos, para que se esconda na penumbra o vulto quasi homerico do peregrino de Veneza. Marco Polo é na edade média o viajante mais celebrado pela extensão das suas arrojadas excursões até ás ultimas regiões do Oriente. Ao illustre mercador veneziano precederam nas longas peregrinações os dois irmãos Nicolau e Mafio Polo, logo depois de mediado o seculo XIII. Na segunda viagem ao Oriente, foram acompanhados de Marco Polo, filho de Nicolau. As jornadas do grande aventureiro duraram vinte e quatro annos a contar de 1271, em que de Veneza abalou para as terras orientaes. É immenso, admiravel o trajecto do temerario viajante em tempos de tão

---

pire des mongols, nas *Mém. de l'acad. des inscript. (de l'Institut.)*, tom. VI, 1822, pag. 398-469 e 415.

difficil e penosa communicação entre paizes apartados por milhares de leguas de caminho.

Desde Lajarzo percorre Marco Polo a grande via commercial, que se dirige a Tauris, e costeando as terras litoraes do mar Caspio, atravessa as regiões uberrimas do Iran, lustra depois pelos desertos o caminho, que de Ormuz vae discorrendo por Kerman e pelo oasis de Chubbis até ás serranias, onde brotam as nascentes do Jihun. D'ali adianta suas jornadas até o Turkistan chinez, visitando de caminho Kaschgar, Iarkand e Chotan. Segue depois até Xandu e d'ali á cidade de Pekin[1]. Alguns historiadores da geographia têm professado a opinião de que as viagens do celebre mercador veneziano contribuiram escassamente para o progresso dos conhecimentos geographicos ácerca do Oriente, taes como na edade média apparecem revelados na sua cartographia[2] e que apenas nos mappas do seculo XV principia a conhecer-se a influencia de Marco Polo[3]. Não

---

[1] Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 158 e seg.

[2] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, II, introd., pag. LII.

[3] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, introd., pag. XVIII.

podemos, todavia, com outros não menos auctorisados escriptores, desconhecer que o nome de Marco Polo andou proverbial até que as viagens portuguezas e o descobrimento de Colombo, quasi inteiramente o obliteraram. A sua influição nas proprias aventuras portuguezas e principalmente na empreza romanesca do immortal navegante genovez, não póde historicamente contestar-se. Se outro merito não teve o audaz explorador, as suas narrativas hyperbolicas ácerca do Cathai e de Zipango, e da magnifica cidade de Quinsay, accendendo a phantasia dos povos europeus occidentaes, em grande parte contribuiram para estimular o desejo de ligar por mais frequentes, seguras e faceis relações o Occidente ás fecundas regiões orientaes[1].

A contar de Marco Polo succedem-se os aventureiros viajantes, que vão peregrinando ás terras da Asia. O franciscano João de Monte Corvino é enviado pelo papa ás Indias e á China, e funda os primeiros bispados em Pekin e em Kollam. Continua a communicação da Europa

---

[1] Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 160.

com o ultimo Oriente o franciscano Odorico de Pordenone em 1316. João de Marignola em 1342 chega a Pekin, e apresenta-se na côrte do imperador como legado do pontifice romano[1].

Os religiosos minoritas, os legados pontificios, ou reaes, e não menos os aventureiros, incitados pela risonha perspectiva de ganancias quantiosas nas terras orientaes, atravessam presurosos desde as extremas do Occidente europeu até ás regiões da Asia central e aos confins derradeiros do Oriente. Não é unicamente o fervor de ampliar e extender os limites da christandade, nem a curiosidade scientifica, o mobil principal das viagens e peregrinações. Os thesouros orientaes desafiam e aguilhoam a cubiça. Como succede sempre em todos os descobrimentos de novos e apartados territorios, aos estimulos moraes vem alliar-se em sobeja proporção a *sacra fome do oiro,* o desejo de feitorisar em proprio beneficio as riquezas dos paizes, que se afiguram melhor aquinhoados do que a patria pela próvida mão da natureza. Ao lado do missionario, que marcha sonhando a conversão das novas gentilidades, caminha o mercador egoista, que

---

[1] Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 163–164.

vae delineando a commutação usuraria dos productos[1].

Séverac, Pascual de Victoria, o mercador florentino Balducci Pegoletti, agente ou commissario da opulenta e celebrada casa mercantil dos Baldi, de Florença, esparzem pela Europa as noticias d'aquellas remotas regiões, até que o inglez João de Mandeville, aproveitando e plagiando as viagens de Odorico de Pordenone[2], renova em certa maneira a fama de Marco Polo, e merece com justiça a mesma reputação de fabulador, que muitos imputaram injustamente ao viajante veneziano e ao nosso eminente portuguez Fernão Mendes Pinto.

As communicações com o grande imperio chinez perseveram mais ou menos animadas e frequentes desde a enviatura de Plano-Carpino, em 1246, até João de Marignola, um seculo depois. Desde então até os maravilhosos descobrimentos portuguezes interrompe-se a communicação da Europa com a Asia central e as remotas regiões do Oriente. Apenas duas viagens memoraveis se realisam durante esse intersticio.

---

1 Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 157-158.

2 Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 163-164.

A primeira é a do hespanhol Ruy Gonzalez de Clavijo, enviado em 1414, pelo rei de Castella, em embaixada a Samarkand, que o celebrado conquistador Timur havia constituido o principal e grande emporio de toda a Asia central[1].

O veneziano Nicolau Conti, que principia as suas largas e diuturnas peregrinações em 1424, é o ultimo dos que em viagens terrestres se adiantam muito ao longe nas terras orientaes. Conti é pela duração das suas excursões e pelo copioso peculio de noticias, com que additou as de Marco Polo, aquelle que depois do grande explorador veneziano mais poderosamente contribuiu para diffundir na Europa valiosas informações a respeito do Oriente. Foi elle o unico viajante, que na primeira metade do XV seculo chegou até á India e traspassou para alem as suas fronteiras. No seu regresso á Europa, em

---

[1] «Bis zu den portugiesischen Entdeckungen, mit einer einzigen Ausnahme, keine Kunde aus Indien oder China Europa erreichte. In dieser Zwischenzeit gelangte allerdings der spanische Botschafter Ruy Gonzalez de Clavijo im Jahre 1404 nach dem lieblichen Samarcand, welches Timur zum ersten Handelsplatz in Mittelasien erhoben hatte.» Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 165.

vez de seguir, como os outros viajantes europeus, o caminho das steppes asiaticas ou voltar pela Persia até Ormuz, visitou no Mar Vermelho a ilha de Socotorá e os portos de Aden e Djiddah[1].

A poderosa supremacia dos mongoles e Gengis-Khanides na Asia, e a fundação de novas monarchias, influiram beneficamente na ligação do Occidente ao Oriente, facilitando no seculo XIII o trato mais frequente entre o mundo latino e a China, então sujeita e dominada pela dynastia mongol, instituida por Kublai-Khan, o grande imperador, em cuja côrte figurou honrosamente o celebrado veneziano Marco Polo.

Mas quando a edade média vae declinando para o seu occaso, uma nova potencia barbara apparece na scena da historia e obriga a christandade a propor em novas condições o problema do seu commercio com o Oriente.

Os turcos interrompem a passagem pelos caminhos da Asia central e do Mar Negro, e ao mando de Mahomet II apoderam-se afinal de Constantinopla, ameaçando perturbar a Europa inteira com as suas incursões.

---

[1] Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 165-167.

Mais tarde, em 1517, o imperador Selim faz do Egypto uma nova conquista dos Osmanlis, e fica tambem cerrado o Mar Vermelho ao commercio dos europeus com o Oriente.

A vida mercantil decae inteiramente no Mediterraneo, que depois de ser por tantos seculos desde a antiguidade mais remota a grande scena das mais fecundas civilisações, agora está por assim dizer deserto e condemnado por tres seculos a uma quasi completa ociosidade.

Mas já antes que esta lastimosa mutação no commercio da Europa com a Asia estivesse concluida, a christandade do Occidente sentia a necessidade crescente e imperiosa de rasgar novo caminho e arrojar-se em rota mais directa que as antigas para as cubiçadas terras do Oriente.

Era este o grande problema economico e mercantil da edade média a contar do XIII seculo.

A linha seguida pelas caravanas, que da India e da China vinham demandar os territorios do Ponto Euxino, e a derrota, que traziam as mercadorias orientaes desde os portos da sua expedição até Alexandria, eram trabalhosas, demoradas, custosissimas no preço e na fadiga. Eram innumeraveis os intermediarios, por que vinham passando as producções, os fretes dispendiosos,

pesados, e a cada passo repetidos os direitos e alcavalas nas alfandegas do transito.

Eram enormes as differenças entre os preços das especiarias carregadas em Calecut e os valores exorbitantes, por que vinham vender-se a Alexandria[1].

Qual, porém, se afigurava ser o caminho mais seguro e directo para a India? Era, attentas as condições actuaes do problema, a derrota audaz pelo Oceano.

O centro de gravidade do systema commercial no XV seculo deslocava-se naturalmente do mar interior e limitado para o litoral atlantico da Europa.

Veneza, Genova, Pisa, Catalunha tinham monopolisado o trafico do Oriente, emquanto floreciam com as mercancias asiaticas os portos do Mar Negro e Alexandria.

Era bem que surgisse agora um povo de mais intrepidos navegadores para traçar, não os breves e faceis caminhos do Mar Mediterraneo, mas a larga e perigosa estrada do Oceano.

---

[1] *Roteiro da viagem de Vasco da Gama,* 1861, pag. 115.— Christ. Theoph. von Murr, *Histoire diplomatique du chevalier M. Behaim,* Paris, 1802.

Portugal herdou então o sceptro mercantil, que tombava das mãos desfallecidas á republica de S. Marcos, á princeza do Adriatico.

Os povos mercadores do Mediterraneo compravam submissamente as especiarias. Seria agora mais expedito e mais barato tomar posse das proprias regiões, onde cresciam, e receber com o ferro nas mãos como tributo, o que os outros acceitavam como favor de mouros e gentios.

Aos povos, que sómente mercadejam no Oriente, succede um povo batalhador, que se propõe a conquistal-o.

A India — e sob este nome entendia a edade média não sómente a peninsula indostanica, a de Malaca ou a aurea Chersoneso dos antigos, e as ilhas, que lhe demoram para o sul, se não tambem todas as mysteriosas regiões do ultimo Oriente,— a India era o sonho eburneo de quantos anhelavam desquitar-se da sua pobreza ou mediania com os despojos opimos de terras opulentas, onde, segundo as lendas medievas, as cidades tinham muralhas altissimas de prata, crespas de torres alterosas de oiro fino[1]. Á idéa d'este maravilhoso novo mundo,

---

[1] Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdek.*, pag. 17.

cujas grandezas transpareciam das hyperbolicas narrativas dos missionarios e peregrinos, principalmente de Marco Polo, de Conti, de Odorico de Pordenone, e do mentiroso Mandeville, andava associada uma noção, que só por si constituia um dos themas mais fecundos á romanesca imaginativa dos cartographos durante a edade média.

Era havido como crença inabalavel que na India florecia um grande imperio, onde a lei de Christo contrastava com as gentilicas trevas das outras regiões orientaes, e que ali dominava um forte potentado, que, cifrando na sua majestade em intima alliança a soberania temporal e a espiritual supremacia, era ao mesmo passo sacerdote e imperador. Este principe christão, cujos estados não era facil assignar no mappa-mundi, era o famoso Preste João, ou o Precioso João, como Damião de Goes prefere appellidal-o[1]. Quem era porém esta maravilhosa personagem? Em que parte das Indias assentava a sua morada? Qual era o caminho, que haveria de levar quem do Occidente fosse

[1] Dam. de Goes, *Chron. de D. Manuel,* part. III, cap. LXI, fol. 233.

em sua demanda? Os geographos não respondiam uniformes. As cartas não eram mais concordes em demarcar no pergaminho os seus dominios. E todavia os papas, as republicas, os principes, os que invejavam as riquezas do Oriente, e os que desejavam sinceramente dilatar por ali a christandade, ardiam no anceio de ter por amigo, alliado e fautor em suas emprezas aquelle encantado Preste João. Já o infante D. Henrique dirigíra em parte as suas navegações no proposito de alcançar e descobrir as terras d'este principe christão.

Duvidam alguns historiadores sobre se o infante D. Henrique ao cogitar e pôr em obra a traça grandiosa de suas atlanticas navegações, tivera em mente o descobrir o caminho maritimo da India[1]. Se nos pautados, quasi timidos começos de suas navegações, não era este o fim immediato, a que tendia o seu empenho generoso, não se póde contestar que este foi em seu espirito o alvo, a que se haviam de encaminhar as suas emprezas, se a edade e a fortuna lh'o tiveram consentido. Das palavras de Azurara se

---

[1] Peschel, *Gesch. des Zeitalt. der Entdeck.*

deprehende que o infante anhelava por saber noticias e informações ácerca da India e d'aquelle soberano mysterioso, que trazia occupada perennemente a phantasia dos geographos durante a edade média, o rei-sacerdote, o famoso Preste João[1].

A noticia do enigmatico Preste João apparece a primeira vez na Europa, cerca do meado do seculo XII, trazida por um bispo oriental e é divulgada por Otto de Freisingen, o mais antigo historiador, que d'aquelle potentado chris-

---

[1] Compendiando Azurara os motivos, que haviam determinado o infante a mandar descobrir as terras para alem do cabo Bojador, assigna d'este modo a quarta razão. «A quarta razom foe, porque de xxxj annos, que havia que guerreava os mouros, nunca achou rey christiaão, nem senhor de fora d'esta terra, que por amor de nosso senhor Jhũ Xpõ o quisesse aa dicta guerra ajudar. *Querya saber se acharyam em aquellas partes alguũs principes xpaãos* em que a caridade e amor de Xpõ fosse tam esforçada, que o quisessem ajudar contra aquelles inimigos da fé.» Azurara, *Chron. do descobr. e conq. de Guiné,* cap. VII, pag. 46–47.—«Nom soomente daquella terra desejava daver sabedorya, mas ainda das Indyas e da terra do Preste Joham, se seer podesse.» Azurara, *Chron.,* cap. XVI, pag. 94.

tão do Oriente faz memoria[1]. O celebrado viajante franciscano Guilherme de Ruysbroeck menciona-o sob o nome de Corchan de Corachita, ou da China e assigna-lhe o imperio na alta Asia. Segundo Gustavo Oppert[2], o Preste João era um soberano, que tendo os seus estados na China septentrional e pertencendo á dynastia Leáo, perseguido e desthronado pelos tartaros fundadores da dynastia Kin, deixou com uma horda do seu povo,—os carachitas,—o antigo territorio e com o titulo de Corchan instituiu um novo imperio, que decorria desde o Altai até o lago Aral[3]. O veneziano Marco Polo, ainda colloca na Asia, na Tartaria, o famigerado Preste João, como rei ou imperador dos carachitas[4] e dá como sujeitos á sua dominação os povos enigmaticos de Gog e de Magog[5].

Os cartographos na edade média, cubiçosos

---

1 Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 153.

2 *Der Presbyter Johannes* (O Preste João) Berlim, 1864, cit. em Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 153.

3 Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 153.

4 Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 159.

5 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 333.

de enriquecer as suas cartas com as lendas geographicas mais acceitas á phantasia popular, principiam desde o seculo XIV a assignar geographicamente ao Preste João os seus estados. A principio é na Asia que, segundo elles, reina o mysterioso potentado. No mappa-mundi de Ranulpho Hygden, do seculo XIV,—o primeiro monumento, em que figura o famoso dynasta-sacerdote,—o seu reino é representado na Tartaria[1].

O mappa-mundi do *Chronicon* de 1320 desloca o Preste João desde as asperas paragens da Asia septentrional para lhe dar na India assento e moradia[2].

O veneziano Marino Sanuto no XIV seculo assigna-lhe os estados na *India inferior*[3], que segundo a carta do museu Borgia, de 1404, devia ser um synonymo da China ou do Cathai[4].

---

1 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. XX e 10.

2 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. XX.

3 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 195.

4 N'esta carta ao Oriente do rio Ganges está escripto este letreiro: «India inferior... magni Canis imperatoris

Os cartographos deixam ainda por algum tempo estanciar o famoso Preste João nas primitivas regiões do seu imperio fabulado. O mappa-mundi do palacio Pitti, de 1417, conserva ainda a nebulosa personagem junto a uma cadeia de montes, que terminam no golfo de Corêa e apresenta desenhadas as torres construidas pelo Preste para obstar ás incursões hostis nos seus dominios.

No seculo XV o Preste João é transportado pelos cartographos á Africa oriental. Emquanto a carta do palacio Pitti ainda obedece á antiga tradição, o mappa-mundi do manuscripto de Pomponio Mela, na bibliotheca de Rheims, que tem a mesma data de 1417, converte em principe africano o velho Preste João, que nos seculos precedentes fôra tartaro ou chinez[1].

No mappa-mundi do museu Borgia, do seculo XIV, o rei-sacerdote tem a séde dos seus estados em a Nubia christan, e a munificencia do cartographo extende-lhe os estados por todo

---

tartarorum sedes.» Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. 274.

[1] Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, pag. XXI.

o litoral do Atlantico desde Gades até o chamado Rio do Oiro[1]. De maneira que segundo este monumento cartographico, as duas predilectas aspirações da edade média, o Preste João e o Rio do Oiro, o mysterioso potentado christão do Oriente e a região maravilhosa do metal mais cubiçado, se haveriam de encontrar nos dominios do mesmo rei.

O veneziano Andrea Bianco, no mappa-mundi pertencente ao seu notavel portulano de 1436, figura as terras do Preste João acima de Zanguebar[2].

A carta de Leardo, de 1448, situa o reino do Preste junto da que ali vem designada com o nome de Ethiopia do Egypto[3].

No seculo XV o errabundo Preste João, pelo consenso dos cartographos, assenta de vez a

---

1 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, 295-296.

2 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, 390. No mappa-mundi o letreiro correspondente ao reino do Preste, é no latim barbaro dos cartographos. «*Imperium prete Janis.*»

3 Visc. de Santarem, *Hist. de la Cosm. et de la Cartogr.*, III, 436.

sua morada nas terras da Abyssinia, onde já desde largo tempo se davam como existentes numerosas christandades. No seculo XIV é o franciscano Marignola o primeiro viajante, que dá noticia de um Preste João africano, assim como antes d'elle Ruysbroeck e Marco Polo haviam divulgado a existencia de um asiatico Preste João. Era desde antigos tempos já sabido que no V seculo Nestorio, patriarcha de Constantinopla, condemnado no concilio de Epheso pela heresia de attribuir a Christo duas pessoas, uma divina e outra humana, sem união hypostatica ou substancial, fôra forçado a deixar a sua cathedral e a saír do imperio grego do Oriente e que muitos dos seus proselytos tinham fundado na India, na Asia central, e talvez na China e na Tartaria egrejas e communas de christãos. Os Eutychianos ou monophysitas, outros herejes do V seculo, que ao revez de Nestorio, não reconheciam em Jesu-Christo senão uma só natureza, apesar de condemnados no concilio de Chalcedonia haviam diffundido a sua heresia por muitas regiões orientaes e fundado egrejas na Abyssinia, onde os christãos separados da communhão romana eram chamados jacobitas.

A noção confusa, que d'estas christandades orientaes chegára á noticia dos europeus desde os primeiros tempos das cruzadas, deu origem ao mytho de que um grande potentado, meio sacerdote e meio imperador, residia nas terras do Oriente.

A imaginação da edade média corporificou na pessoa do Preste João a christandade oriental. Buscando affinidades entre esta personagem singular e a lenda, que suppunha ainda existente o discipulo dilecto do Redemptor, chegava a mais phantasiosa credulidade a professar que na purpura do Preste vivia transfigurado o proprio evangelista S. João[1].

Os principes christãos anceiavam por descobrir o famoso imperador e têl-o por amigo e alliado contra os soberanos gentios ou musulmanos do Oriente. Quando no seculo XIV e no XV principalmente[2] o Preste João foi trasladado pelos viajantes e cartographos desde a India ou a Tartaria até ao Habesh, ou Abyssinia, já des-

---

[1] Ritter, *Gesch. der Erdk. und der Entdeck.*, pag. 224.

[2] Visc. de Santarem, *Recherches sur la priorité des découvertes*, etc., pag. 283.

de muitos annos existiam relações entre os pontifices romanos e os christãos jacobitas d'aquella região[1].

Parece averiguado que o imperador abexim em 1427 enviára uma embaixada a el-rei Affonso V de Aragão[2].

O figurar-se na Europa o rei ou imperador da Abyssinia, como simultaneamente sacerdote e soberano temporal, teria porventura sua origem em que elle era ainda mesmo no espiritual, como se fôra o chefe da sua egreja, á similhança do que succede com os reis de Inglaterra a respeito da egreja anglicana depois de reformada e com os autocratas da Russia no que pertence á egreja chamada grega-orthodoxa[3].

---

[1] Peschel, *Gesch. der Erdk.*, pag. 168.

[2] Visc. de Santarem, *Recherches sur la priorité des découvertes*, etc., pag. 322.

[3] «Em todo o reino (na Abyssinia) se nam faz mais no espiritual que o que o Emperador quer, consultando seus sacerdotes e cabeças dos mosteyros de seus frades, tendo os Emperadores usurpado pera sy impia e tiranicamẽte todo o governo espiritual.» Fr. Antonio de Gouveia, *Jornada do arcebispo D. Aleixo de Menezes*, etc. Coimbra 1606, fol. 17 vers.

Desde as primeiras navegações ordenadas pelo infante D. Henrique até os ultimos tempos de D. João II, o Preste João foi sempre uma das mais instantes preoccupações dos que tinham postos na India os olhos da sua cubiça, e anhelavam por fazer do famoso rei-pontifice o ajudador mais efficaz das suas ambições no Oriente[1].

Ao passo que os navegantes portuguezes íam adiantando mais e mais nas suas viagens ao longo da costa de Africa, não se descuidava D. João II de mandar exploradores, que por terra adquirissem tambem informações das partes orientaes.

Para as terras do Preste despachava o rei de Portugal a Fr. Antonio de Lisboa e Pero de

---

[1] «... O Preste João das Indias, tão nomeado em toda Europa, por ser um principe tão grande e tão poderoso, como os escritores delle diziam, e Christão, cõ que os Portugueses se pretendiam liar, pera se favorecerẽ hũs a outros e depois de terem conhecimento do Reyno e Imperio dos abexins, a que chamão Preste João, por não acharem outro Principe Christão poderoso n'estas partes... procurarão de o reduzir com toda a christandade d'aquelle Imperio á obediencia da santa Igreja Romana.» Fr. Ant. de Gouveia, *Jornada do arcebispo D. Aleixo de Menezes,* Coimbra, 1606, fl. 18.

Montarroyo, os quaes não ousaram adiantar-se á Abyssinia por não saberem o idioma arabigo[1].

Depois mandou el-rei D. João II a descobrir o Preste João, e a terra, d'onde vinha a especiaria, a Pero da Covilhã e Affonso de Paiva[2], a quem Gaspar Corrêa, negando-lhe a naturalidade portugueza, chama Gonçalo de Pavía[3], os quaes depois de jornadearem juntos até Aden, se apartaram um do outro, indo Pero da Covilhã até á India, e Affonso de Paiva para a Ethiopia, se pomos fé no que se lê nas *Decadas* de Barros, na *Historia* de Castanheda[4] e no livro de Francisco Alvares[5], onde o Preste apparece com o

---

1 Barros, *Decad.* I, liv. III, cap. V.

2 Castanh. *Hist. do descobr. e conq. da India,* liv. I, cap. I.

3 Barros, *Decad.* I, liv. III, cap. V— Gasp. Corrêa, *Lendas da India,* tom. I, part. I, cap. I, diz «chamado Gonçalo de Pavia, de casta canario, que fallava castelhano».

4 Gaspar Corrêa inverte os destinos dos dois exploradores, fazendo partir para a India a Gonçalo de Pavia, e logo directamente ás terras do Preste a Pero da Covilhan.

5 F. Alvares, *Verdadeira informação das terras do Preste João*, part. I, cap. CIII.

seu verdadeiro nome de *Neguz*[1] com a significação de rei.

Pero da Covilhã depois de visitar Calecut, n'aquelle tempo o grande emporio da India, e as cidades de Goa e Cananor, foi ter ao Cairo, onde achou nova que era ali fallecido o companheiro. E encontrando dois judeus, Joseph e Rabi Abraham, que D. João II despachára havia pouco áquellas regiões orientaes, mandou pelo primeiro a el-rei as informações, que a respeito da India alcançára em suas viagens. E como pelos dois judeus o soberano lhe encommendára que se não tivesse achado ainda o Preste, se esforçasse em o buscar, foi Pero da Covilhã á côrte do monarcha da Abyssinia[2], onde viveu por muitos annos, porque o Neguz lhe recusou a permissão de saír dos seus estados, segundo o estylo, usado em sua côrte com todos os forasteiros que uma vez aportavam ao seu imperio[3].

No anno seguinte áquelle, em que de Portugal haviam partido Pero da Covilhã e Affonso

---

[1] F. Alvares, *Verdad. inform.*, etc., part. II, cap. IX.

[2] Barros, loc. cit. Castanheda, loc. cit.

[3] F. Alvares, *Verdad. inform.*, etc., part. I, cap. CIII.

de Paiva, teve D. João II informações a respeito do Preste João e seus dominios por um frade ou clerigo abexim, que de Roma lhe enviaram, e a quem João de Barros dá o nome de Lucas Marcos[1]. Por este mensageiro escreveu o soberano portuguez ao Preste João. Por aquelles tempos chegava da viagem memoravel, em que descobríra finalmente o cabo Tormentorio, o navegador Bartholomeu Dias com o seu companheiro João Infante[2].

Partíra o intrepido mareante em 1486, levan-

---

[1] Barros, *Decad.* I, liv. III, cap. V.

[2] Em todos os historiadores das nossas navegações se attribue o mando da expedição naval, que descobriu o cabo da Boa Esperança, a Bartholomeu Dias. Gaspar Corrêa, nas *Lendas da India,* discorda inteiramente d'esta versão. Na sua narrativa nem apparece memorado o nome de Bartholomeu. No logar d'elle Gaspar Corrêa põe João Infante, *homem estrangeiro tratante,* (quer dizer negociante ou mercador) *que muitas vezes vinha a Lisboa, que muito sabia da arte de navegar,* e a este, segundo a narração das *Lendas,* enviou D. João II com quatro caravellas a correr a costa de Benim e a descobrir quanto podesse alem do que já era conhecido. Gaspar Corrêa não conta que d'esta vez fosse descoberto o cabo da Boa Esperança, antes affirma que á volta de João Infante lhe assegurou D. João II que lhe mandaria construir navios

do por encargo descobrir a India e o encoberto Preste João, cujo nome andava inseperavelmente associado á desejada região da especiaria, e de quem D. João II tinha fé que seria auxiliado na empreza de ligar o Oriente a Portugal[1].

O temeroso cabo, baptisado pelo seu descobridor com o nome de «Tormentoso», chrismou-o o rei, como em signal de fausto auspicio, e prenuncio de venturosas navegações, chamando-lhe Cabo da Boa Esperança, com que ainda hoje attesta ao mundo o grande feito naval dos portuguezes e assignala o primeiro estadio n'aquella empreza memoravel, gloriosamente concluida pelo immortal Vasco da Gama.

---

grossos e fortes, segundo elle desejava, para *descobrir o cabo da Boa Esperança, que com as caravellas não poderam descobrir*. São estas que pomos em italico as palavras textuaes do autor das *Lendas*. Gasp. Corrêa, *Lendas da India*, tom. I, part. I, cap. II.

[1] «E porque n'este tempo delrey D. João, quando fallavam na India, sempre era nomeado um rey mui poderoso, a que chamavam Preste João das Indias, o qual diziam ser christão, parecia a elrei que per via deste podia ter alguma entrada na India.» Barros, *Decad.* I, liv. III, cap. IV.—Castanh., *Hist. do descobr. e conq. da India*, liv. I, cap. I.

INDICE

Cap.		Pag.
I	O seculo XV	3
II	O tempo dos grandes descobrimentos	13
III	Portugal e as nações civilisadoras	23
IV	O que determinou Portugal aos grandes descobrimentos	33
V	A civilisação portugueza no seculo XV	47
VI	As navegações na costa de Africa durante a antiguidade	57
VII	As navegações na costa de Africa durante a antiguidade (continuação)	79
VIII	A sciencia geographica na antiguidade	95
IX	A geographia da edade média	115
X	A geographia dos arabes	131
XI	As lendas geographicas da edade média	145
XII	Os navegadores extrangeiros na costa de Africa antes do infante D. Henrique	171
XIII	Os navegadores portuguezes na costa de Africa antes do seculo XV	193
XIV	As navegações e descobrimentos portuguezes desde o XV seculo até Vasco da Gama	209
XV	As antigas communicações com o Oriente	235

GALERIA

DE

VARÕES ILLUSTRES

DE PORTUGAL

POR

J. M. LATINO COELHO

N.º 1 — LUIZ DE CAMÕES. . . . . 1$000 réis

N.º 2 — VASCO DA GAMA:

Primeira parte — Os PRECURSORES DE VASCO DA GAMA . . . . . 1$000 »

NO PRELO

N.º 2 — VASCO DA GAMA — Segunda parte 1$000 »